

ATLANTIS IN THE AMAZON



Lost Technologies
and the Secrets of the
Crespi Treasure

RICHARD WINGATE

[@SergioHill](#)

ATLANTIS IN THE AMAZON



Lost Technologies
and the Secrets
of the Crespi Treasure

RICHARD WINGATE



Bear & Company
Rochester, Vermont • Toronto, Canada

ATLANTIS NO AMAZONAS

“Este é um livro há muito esperado por uma autoridade na coleção de Carlo Crespi e o que ele significa para nossa compreensão dos primeiros viajantes às Américas, muito antes de Colombo. Não é apenas o caso feito para Atlântida na Amazônia, mas Wingate também mostra como esta coleção soa um claro aviso de que os caminhos destrutivos da humanidade estão nos aproximando cada vez mais da mesma aniquilação que eliminou esta cultura outrora próspera e avançada. Infelizmente, Wingate defende a alta probabilidade de seguirmos o caminho da Atlântida, continuando a usar energia nuclear. ”

ROBERT R. HIERONIMUS, PH.D., AUTOR DOS PAIS
FUNDADORES, SOCIEDADES SECRETAS E
ANFITRIÃO DO 21STCENTURYRADIO.COM

“A polêmica Coleção Crespi é apresentada aqui pelo homem que examinou pessoalmente seus artefatos antes de serem confiscados pelas autoridades equatorianas. As fotografias e descrições de Richard Wingate de objetos lindamente feitos que representam figuras assírias ou babilônicas documentam a chegada de portadores da cultura do Oriente Próximo à América do Sul há quase três mil anos. ”

FRANK JOSEPH, AUTOR DE CIVILIZAÇÕES
AVANÇADAS DA AMÉRICA PRÉ-HISTÓRICA

CONTEÚDO

Imagem de capa

Folha de rosto

Epígrafe

Introdução

PARTE UM

Evidência de uma Civilização Antiga

Tesouro do Padre Crespi

Capítulo 1 Bimini Boogie **Capítulo 2**

Atlântida nas Bahamas **Capítulo 3**

Primeira visita ao tesouro de Crespi

Capítulo 4 *Homem, de onde, como e para onde* **capítulo 5** A picada

INSERÇÃO DE FOTO

Capítulo 6 Adeus meu amigo

Capítulo 7 Conversa no jantar: Uma surpresa de peixe cozido

PARTE DOIS

O uso indevido de ciência e tecnologia antigas

A Idade da Pedra Voluntária

Capítulo 8 O misterioso desaparecimento de Percy Fawcett

Capítulo 9 Lendas da Atlântida

Capítulo 10 O Panecillo Laser

Capítulo 11 Os poderosos OVNI de

madeira **Capítulo 12** O Mahabharata

Capítulo 13 Tempo e o Latte Atômico

AERONAVES COM MOTOR DE MERCÚRIO

Capítulo 14 O Dispositivo do Juízo Final

Capítulo 15 Ataque de foguete

FICÇÃO

Capítulo 16 O inverno de Fimbul

DRAMATIZAÇÃO-ESPECULAÇÃO

FACTO

Conclusão

Apêndice Um. *Critias*

Apêndice Dois. *Timeu*

Apêndice três. Um olhar mais aprofundado sobre a coleção

Crespi de Cuenca, Equador, por Warren Cook e Warren

Dexter

Notas de rodapé

Bibliografia

Sobre o autor

Sobre Tradições Internas • Bear & Company

Livros de interesse relacionado

Direitos autorais e permissões

INTRODUÇÃO

ESTE LIVRO ESTÁ ESCRITO EM duas partes. A primeira parte começa com evidências de uma antiga civilização no Caribe, que poderia ter feito parte da extensa diáspora da Atlântida. Também conta a história do Padre Carlo Crespi e a fabulosa coleção de artefatos antigos que ele reuniu na selva dos headhunters de Jivaro, perto de Macas, na selva equatoriana. O chefe de uma tribo disse a ele: “Agora que somos cristãos, os antigos juramentos aos nossos ancestrais não nos prendem mais, e eu o levarei para o que temos guardado para os ancestrais”. Ele levou Padre Crespi, então um jovem missionário-antropólogo católico, a túneis profundos contendo milhares de artefatos, cargas de ouro e, o mais incrível de tudo, tecnologia de uma civilização anterior perdida: rodas e engrenagens de cobre duro como aço, papel de parede de alumínio, “Máquinas de uso desconhecido e toneladas de assírios, babilônios, Artefatos cretenses e arianos. O padre tinha dinheiro próprio de uma herança, que ele sabiamente investiu, e ele foi capaz de comprar grande parte do conteúdo do túnel. Sem forçar demais a imaginação, é possível acreditar que esses artefatos e a estranha tecnologia realmente vieram de uma civilização científica agora deliberadamente desaparecida. Que alguém escondeu esse tesouro é óbvio. Mas qual foi o motivo?

A segunda parte deste livro revela que os arianos hindus “pré-históricos” tinham ciência e tecnologia e as usaram de forma inadequada. O mau uso: uma guerra nuclear mundial, lutou pela dominação mundial. Os poucos sobreviventes, em consenso, ajudaram sem dúvida por um esforço policial “verde” para eliminar todos os vestígios de tecnologia e a horrível memória de envenenamento por radiação, que deliberadamente nos mergulhou na Idade da Pedra. Exceto que esta Idade da Pedra era voluntária. Os livros de história sagrada hindu, como o Mahabharata e o Rig Veda, descrevem essa guerra em grandes detalhes: o lançamento de armas nucleares, a destruição de raças inteiras de pessoas e o subsequente desmantelamento e ocultação subterrânea de toda ciência e tecnologia por reis iluminados . Esta ciência oculta está emergindo agora. Esta é a sua história.

PARTE UM

EVIDÊNCIA DE UMA CIVILIZAÇÃO ANTIGA

Tesouro do Padre Crespi

BIMINI BOOGIE

"HEY RICHAH, RICHAH, MON." Sgt. Rolle ^{* 1} da Polícia de Bimini batia na minha porta. O relógio marcava 6h da manhã. Eu estava tentando dormir uma noite excepcionalmente boa de piadas e mandíbulas, então rolei e coloquei o travesseiro sobre a cabeça. O lugar era a casa de Jim Richardson ao lado de seu hotel, o Bimini Islands Yacht Club, na ilha sul de Bimini, nas Bahamas.

"Ei Richah, mon." Levantei-me e abri uma fresta da porta. Lá estava o sargento com quatro de seus colegas oficiais. Ele estava usando seu uniforme oficial, vestido de branco, mas os outros policiais não estavam de uniforme, apenas roupas de festa bizarras; um deles, Leroy, carregava um rifle calibre .22, enquanto o sargento prendia seu grande revólver, um inglês Webley calibre 455. Isso era pesado - a Royal Bahamas Police Force segue a tradição britânica: nada de armas de fogo, a menos que seja realmente sério.

"Vamos, Richah, pegue seu barco. Temos trabalho a fazer. Um avião caiu."
" Eu estava quase alerta agora. Michael Lopez, meu enteado, saiu cambaleando de outro quarto. Jogamos água fria no rosto e corremos para o nosso pequeno barco, um Sea Ray de seis metros. Eu verifiquei o gás; o tanque estava cheio. Estávamos prontos para ir, mas sem café da manhã e sem café. Droga! Enquanto desamarrávamos o barco e descíamos o canal em direção ao mar aberto, o sargento me contou a história. Um avião de carga caiu durante uma violenta tempestade com relâmpagos durante a noite, ao decolar do minúsculo aeroporto de Bimini. Tinha que ser um avião de contrabandista, porque o aeroporto estava oficialmente fechado à noite. Eu esperava que não estivesse cheio de ilegais feridos ou afogados em seu caminho para uma nova vida nos Estados Unidos.

Paramos para amarrar nosso motor de popa Boston Whaler de 13 pés, então Mike disparou o Sea Ray para fora do porto de Bimini e nós nos dirigimos para um avião de carga da Segunda Guerra Mundial. Ele sentou-se com a fuselagem mal aparecendo acima da superfície da água, e sua cauda grande e gorda

projetava-se para fora da água (figs. 1.1-1.3, pp. 5-7). Você não podia perder. Um pescador relatou que um homem estava de pé na asa, mas ele não estava à vista. Enquanto subíamos ruidosamente para o avião, avistamos outro barco,

que estava oculto pela enorme cauda do avião. Eles dispararam rápido, então nós os perseguimos com o sargento segurando seu revólver Webley em punho. Eles tinham um barco rápido, mas nós éramos mais rápidos. Quando viram que não podiam nos ultrapassar, pararam. Não havia armas a bordo, então o sargento leu para eles um sermão sobre como fugir da polícia. “Estávamos apenas curiosos”, os nervosos pescadores de Fort. Lauderdale disse desajeitadamente.

Felizmente, não havia estrangeiros ilegais, nem corpos, apenas uma carga de maconha mexicana, encharcada de gasolina de um tanque de combustível rompido. O avião estava cheio de fardos e mais fardos de carga. O sargento fez seus homens mergulharem e eles começaram a resgatar a carga.

O policial Leroy, usando sapatos de plataforma de salto alto ultrajantes, estava em um fardo de maconha recuperada segurando um rifle .22 de um único tiro, enquanto perscrutava o céu com ferocidade. Seu colega policial disse em um tom zombeteiro: "O que você vai fazer com essa pequena pistola, cara?"

“Se eles voltarem, estaremos prontos”, respondeu ele com veemência. Mike esboçou um sorriso sarcástico, mas gostei do homem; O policial Leroy era um lutador. “Coloque a arma no barco e comece a trazer as coisas como o resto dos homens”, disse o sargento, gentilmente, e então eu soube por que ele era o sargento.



Fig. 1.1. Polícia das Bahamas recuperando maconha de um avião cargueiro acidentado da Segunda Guerra Mundial atingido por um raio durante uma tempestade elétrica ao decolar do aeroporto de Bimini, ilegalmente, à noite



Fig. 1.2. A cauda do avião afundando



Fig. 1.3. O autor com a carga malfadada

Um caro barco de pesca esportiva rugiu, cheio de jovens Bimini. Apenas curioso. O piloto gritou comigo: “Ei, Richah, eu conhecia muito bem a polícia. Você não está procurando por Lantis - gritou o capitão hostilmente. O sargento ordenou que voltassem para Bimini. Os bahamenses locais frequentemente ganhavam muito dinheiro recuperando cargas da América Latina. Os homens exigiram o filme quando o sargento voltou a Bimini naquela noite. “Dey colocaram nossos pitchas na alfândega”, disseram com raiva ao sargento.

E novamente ele respondeu gentilmente: “Eu os mandei para Nassau esta tarde. Nada vai acontecer com eles. Você está bem, cara. ” O “capitão” se afastou do sargento, satisfeito com a palavra do sargento Rolle.

De volta ao avião abatido, o helicóptero da Guarda Costeira completou uma busca aérea ao redor do avião e um tripulante ergueu uma placa

manuscrita para nós. Dizia simplesmente "Corpo" e, abaixo dessa mensagem grosseira, havia uma seta apontando

baixa. Dirigimos até onde o helicóptero pairava e vimos um corpo flutuando cerca de três metros abaixo na água cristalina: era um homem. Houve uma grande discussão em nosso barco sobre quem iria resgatar o cadáver. Ninguém queria até Leroy, o policial combativo, se apresentar como voluntário. O corpo era Edward Skene; sua carteira de motorista dizia que ele tinha 25 anos e era natural de Boston, Massachusetts. O sangue escorria de seu nariz e orelhas. Ele levou uma surra no acidente e provavelmente se afogou. Suspeito que seu companheiro, o homem que foi avistado na asa do avião caído, deve ter tentado salvá-lo e, quando a morte era óbvia, jogou-o à deriva como prova incriminatória.

O sargento disse: "Agora olhe o que aconteceu com ele - sua vida foi cortada e ele era um homem jovem." A simpatia do sargento Rolle tocou meu coração, e me perguntei se Edward Skene tinha deixado uma namorada ou esposa e filhos, ou talvez uma mãe e um pai em Boston que se lembrariam de ter conversado com ele sobre seus modos imprudentes. Ah, Edward. Ah, Bimini!

Voltamos para Bimini para o café da manhã - uma tigela fumegante de sopa de concha e a tão atrasada xícara de café. A polícia colocou Edward Skene na minúscula prisão, um cobertor sobre seu corpo, então encheu a prisão até o teto com os fardos de trinta libras recuperados e teve que esconder o excesso atrás da prisão. Foi então que a multidão do "barco rápido" se vingou do "homem de Lantis".

Naquela noite, fui para a cama cedo e, como a fofoca local de Bimini me disse no dia seguinte, dois da turma do "barco rápido" "pegaram emprestado" o baleeiro de Boston de 13 pés de Michael, roubaram um barco cheio de grama de trás da prisão e jogaram dentro um pouco de gasolina sobressalente e abriram caminho até Nassau, a capital das Bahamas, a pouco mais de cento e vinte milhas de distância - mar aberto em todo o caminho e uma travessia perigosa à noite em um veículo de treze pés sem motor sobressalente. A grama foi vendida e eles voltaram, consideravelmente mais felizes.

Descobrimos depois que o misterioso homem da "asa" havia sido resgatado pelo hidroavião comercial da empresa Chalk vindo de Nassau a caminho dos Estados Unidos. Quando ele chegou aos Estados Unidos, o homem resgatado aparentemente passou direto pela alfândega e pela imigração e escapou limpo.



Fig. 1.4. Richard e Beatrice Wingate procurando em Bimini com detector de metal por rádio

Um dos verdadeiros problemas com a busca de Atlantis nas Bahamas é que geralmente os contrabandistas pensavam que éramos policiais, e a Guarda Costeira dos EUA pensava que éramos contrabandistas, e se a Força de Autodefesa das Bahamas tivesse capturado nosso Boston Whaler cheio de grama roubada, não teria sido bom para nós. Mas nós persistimos.

2

ATLANTIS NAS BAHAMAS

JIM RICHARDSON ME CHOCOU acordado, "Rich, dê uma olhada nos instrumentos", disse ele, com a voz tensa de tensão. "As coisas estão ficando malucas." Estávamos voando para o centro de vôo de Jim em Opa Locka, Flórida, saindo de Exuma Cays, que fica na extremidade leste das Bahamas. Estávamos a oeste de Bimini.

Cansado de vasculhar as areias planas e monotonamente brancas do Banco das Grandes Bahamas enquanto procurávamos um oásis pré-histórico, adormeci. Já que a areia branca e estonteante obviamente deve ter sido um deserto seco há dez mil anos, antes que os níveis dos oceanos do mundo subissem para afogá-la, poderíamos encontrar uma nascente, e ao redor dela um oásis. De repente lá estava: um oásis / nascente claramente definido, aparentemente ainda fluindo, e espalhadas sobre ele havia formas sob a areia (ver fig. 2.1). Edifícios?

Estávamos procurando vestígios arqueológicos nas águas de uma vasta planície rasa que se projetava do fundo do mar. Especificamente, estávamos procurando os restos de um edifício de mármore que Robbie, filho de Jim, havia encontrado e que, se fosse no Mediterrâneo, teria sido identificado como um antigo templo grego. No entanto, nas Bahamas, era um oopart (artefato fora do lugar) e não tinha nada que estar lá. Atlantis, talvez?

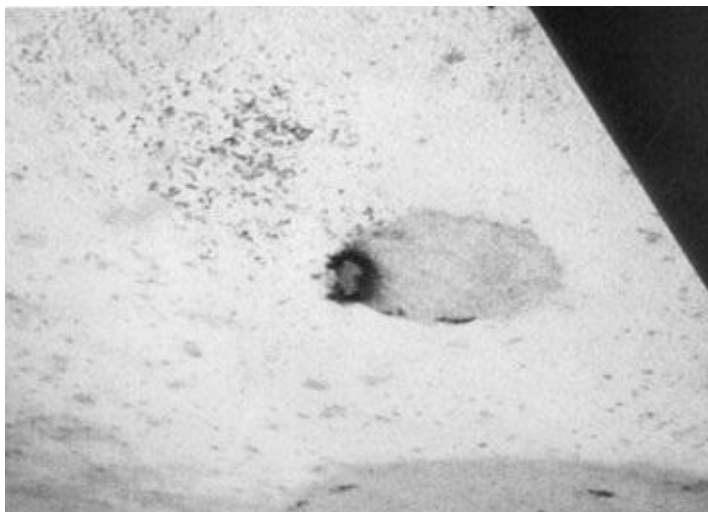


Fig. 2.1. Oásis subaquático e construção na costa de West Bimini. O objeto no canto superior direito é o suporte da asa do avião.

Robbie reuniu trinta toneladas desse mármore e o levou para Nassau, onde foi instalado em seu pequeno museu sob a direção da senadora Doris Johnson, uma autoridade das Bahamas que era ministro dos transportes e tinha jurisdição legal sobre ruínas e destroços.

Outras partes do mármore, junto com algum granito peculiar, foram levadas de barcaça para construir parte do cais na costa de Miami Beach. Identificamos este granito como sendo antigo por causa de seus furos irregulares (ver fig. 2.5).

E lá estava: vinte milhas ao norte de Bimini, sob apenas vinte e dois pés de água. Em uma viagem de volta de barco, meu enteado Mike e eu conseguimos limpar detritos e muitos anos de crescimento do mármore usando um soprador caseiro (mostrado na fig. 2.2). Havia três destroços espalhados pelas ruínas de mármore. Um deles era um veleiro de madeira carregando cofres com fechadura fabricados na cidade de Nova York. Outro era um antigo navio de carga espanhol, que identificamos porque carregava lingotes de estanho carimbados com "La Mina Divina" (A Mina Divina), quase certamente das ricas minas de estanho espanholas da Bolívia, e quase certamente sendo transportado para a Espanha para ser misturado com cobre e estanho para fundir canhões de bronze ou misturado com zinco para fundir bronze. O terceiro navio afundado, afundando algum tempo depois do navio número dois, carregava cofres com fechadura de 1904 e estava cheio de blocos de mármore. Recentemente, alguém estivera no meio da recuperação do mármore quando o pequeno navio do salvador, com não mais de quinze metros de comprimento e o porão cheio de blocos de mármore, afundou, muito provavelmente em uma tempestade, e pousou sobre os restos podres dos espanhóis galeão. Pelo menos uma pessoa morreu nos destroços porque uma junta humana foi arrancada de um buraco no mármore. Havia mais mármore solto ao redor dos destroços, o suficiente para encher o porão de outro navio. O edifício de mármore era um artefato genuíno. Pelo menos uma pessoa morreu nos destroços porque uma junta humana foi arrancada de um buraco no mármore. Havia mais mármore solto ao redor dos destroços, o suficiente para encher o porão de outro navio. O edifício de mármore era um artefato genuíno. Pelo menos uma pessoa morreu nos destroços porque uma junta humana foi arrancada de um buraco

no mármore. Havia mais mármore solto ao redor dos destroços, o suficiente para encher o porão de outro navio. O edifício de mármore era um artefato genuíno.

É muito provável que o galeão espanhol e o navio com chave na fechadura tenham afundado nos furacões ferozes que assolam o Caribe. As marés implacáveis devem ter movido os destroços até que eles se agarraram às ruínas de mármore. Manson Valentine, um famoso zoólogo, testou a madeira dos destroços espanhóis na Universidade de Miami por carbono-14, o que revelou que o navio havia sido construído entre 1700 e 1800 dC. O navio do cofre com fechadura com chave era facilmente datado, pois na porta do cofre as letras esmaltadas ainda legíveis liam 1904.



Fig. 2.2. Mike Lopez e Kenny Huertas prendendo um espanador de areia de “caixa de correio” ao suporte da hélice de nosso barco. Tiramos o pó da areia de todo o edifício de mármore em apenas quinze minutos. A explosão da hélice saiu do fundo do tubo com uma força verdadeiramente impressionante.



Fig. 2.3. O piloto Jim Richardson enrolando um tambor de gás para nosso reabastecimento de alta tecnologia em Bimini



Fig. 2.4. O templo de mármore depois de limpar a areia



Fig. 2.5. Mike Lopez apontando para buracos de tamanho irregular perfurados à mão em granito de um prédio submerso nas Bahamas e usados no cais de Miami Beach. Os furos não são furos modernos de extração de granito, que são perfurados à máquina e uniformes.

Os pinos gigantes de bronze dos destroços de estanho do galeão espanhol haviam ficado pretos, mostrando que possivelmente haviam sido expostos ao enxofre, pois os pinos de cobre teriam corroído e virado verdes. Portanto, concluímos que os destroços de estanho haviam caído em uma nascente de enxofre fluindo sob o edifício de mármore. Então era hora de tirar uma soneca. A voz ansiosa de Jim me acordou. Os instrumentos de vôo estavam de fato agindo como loucos. Jim apontou para o ponteiro do indicador de velocidade de solo, que informa ao piloto a velocidade com que o avião está voando sobre o solo. A

agulha estava gradualmente descendo, mas parecíamos estar nos movendo mais rápido do que devíamos. O Cessna de Jim cruzou a 140

mph, enquanto o ponteiro da velocidade do ar avançou lentamente até 190 mph. Perguntei a Jim se estávamos com vento de cauda, mas ele apontou novamente para o indicador de velocidade do solo, que se concentra em um sinalizador de rádio em Bimini, agora atrás de nós, enquanto rumamos para oeste em direção a Fort. Lauderdale. O visor nos mostrou que estávamos voando devagar, muito lento, conforme o avião se aproximava da velocidade de estol. Uh, oh! Jim, um piloto veterano (ele pilotou um Mustang P51 contra os alemães na Segunda Guerra Mundial) admitiu que de repente ficou nervoso. Isso faz de nós dois, pensei.

Trocamos olhares sérios enquanto eu pegava os coletes salva-vidas no banco de trás. Se sobrevivêssemos ao acidente, a guarda costeira nos pegaria a tempo? Enquanto eles nos procuravam, estaríamos flutuando para o norte, carregados pela Corrente do Golfo, as pernas balançando na água, um bocado atraente para um dos grandes tubarões. Uma onda irracional de medo me convenceu de que de alguma forma os tubarões sabiam que não tínhamos um bote salva-vidas. Então, para nosso alívio, os instrumentos lentamente, muito lentamente, voltaram ao normal. Estávamos aumentando a velocidade do solo e, gradualmente, o indicador de velocidade do ar diminuiu para a velocidade de cruzeiro normal. Nós estávamos bem. O que quer que tenha nos deixado ir.

De volta ao centro de vôo, discutimos a “criatura” peculiar que nos agarrou. Jim me lembrou que coisas malucas estavam acontecendo no Triângulo das Bermudas, que inclui as ilhas Bahamas. Notamos que a agulha de nossa bússola às vezes se distorce loucamente ao voar sobre o banco das Bahamas. Existe uma explicação lógica? Algumas pessoas com imaginação fértil se perguntaram se a máquina afundada da Atlântida ainda está funcionando depois de todos aqueles anos e afetando os instrumentos de vôo.

Um mês se passou e estávamos novamente voando de Exuma Cays, onde havíamos encontrado dois pilares misteriosos ainda de pé em duas pequenas ilhotas isoladas. Uma coluna tinha o que parecia ser um relógio de sol em sua base.

O zumbido do motor do Cessna, como sempre, me fez dormir. Jim me acordou e disse: "A maldita coisa é fazer de novo." Desta vez, estávamos prontos e Jim inclinou o avião bruscamente. A asa mergulhou para a esquerda, nós inclinamos, e um ou dois minutos depois de Jim nivelar o avião, os

instrumentos lentamente voltaram ao normal. O que quer que tenha nos agarrado, foi embora. A explicação era que estávamos em um vento estranho e simplesmente saímos dele. O vento predominante naquele dia soprava em uma direção, e o que nos tinha era um canal estreito, um vento de lápis, soprando na direção oposta. Os meteorologistas não sabem sobre esses ventos. Os pilotos sem um indicador de velocidade de solo voariam em tal poço mortal e voariam em velocidade reduzida até que ficassem sem gás. É isso que aconteceu com o

voo inteiro de pilotos do Avenger da Marinha dos EUA que desapareceram misteriosamente enquanto sobrevoavam as Bahamas? Possivelmente, mas e quanto aos brancos e desvios da bússola relatados por vários panfletos? Existe uma explicação lógica? Possivelmente. Essa pergunta foi parcialmente respondida uma tarde em Bimini por Junior, um amigo que morava em uma casa flutuante em Porgy Town. Ele me contou sobre rochas estranhas sendo dragadas por um proprietário local que estava aprofundando e ampliando seu cais porque precisava de uma amarração mais profunda. A draga caçamba alugada estava mordendo o calcário coral e atingindo a rocha dura, incluindo pedaços de granito, alguns xistos azul-acinzentados e uma rocha preta extremamente pesada. O granito é uma rocha continental e o xisto se forma a partir da argila de água doce, e nem deveria ser em Bimini, que é todo calcário coral abaixo de milhares de pés, de acordo com geólogos estabelecidos. A pedra negra era definitivamente magnetita, um importante minério de ferro. O que ele estava fazendo sob a pedra calcária do porto de Bimini?

Os geólogos de Naysayer afirmam que qualquer rocha continental encontrada nas Bahamas deve ser o lastro de um navio. Para descobrir se era lastro, fui ver Junior, um adolescente nativo das Bahamas de 110 quilos e um metro e oitenta de altura que cavou uma pedra de trinta quilos do solo perto da King's Highway. Junior apontou para listras roxas correndo pela pedra de minério de ferro magnetita. Agora tínhamos dois locais para o minério de ferro e, algumas semanas depois, Joe Granville nos trouxe para outro local. Joe, que foi o pioneiro na TV subaquática para inspeção de oleodutos de petróleo e fez um pacote, trouxe relatórios de laboratório de Miami sobre uma areia preta coletada no banco das Bahamas pelo recordista de mergulho livre Jacques Mayol. A amostra era magnetita, uma das principais fontes mundiais de minério de ferro, e um grande corpo dela pode fazer com que uma bússola indique seu curso. Que tal uma névoa gordurosa peculiar chamada “névoa da Atlântida”? Suponha que um piloto seja pego por uma combinação de vento de lápis e névoa de Atlantis enquanto voa sobre um grande depósito de magnetita. Completamente confuso, o piloto continua voando até ficar sem gasolina e cair.

Mais tarde, de volta à Flórida, ligamos para Manson Valentine. Talvez ele tivesse algumas idéias sobre esses peculiares ventos de lápis. Valentine, um cientista independente que foi ridicularizado por seus colegas por acreditar que havia existido uma Atlântida, estava estudando a “estrada” subaquática e outras construções que ele e os pilotos Trig

Adams e Bob Brush descobriram. “Não,” ele disse lentamente balançando a cabeça, “Eu nunca ouvi falar desses ventos estranhos. Teremos que voar algum dia e estudá-los. ” Então, de repente, ele mudou de assunto. “Você já ouviu falar da Coleção Crespi?”

Eu tinha ouvido falar dele em uma longa viagem de prospecção às cabeceiras do

Sistema do rio Amazonas do Equador em 1963, mas nunca tinha visto isso. Um jornal local mencionou que um padre missionário católico chamado Carlo Crespi afirmou que os egípcios subiram o rio Amazonas e colonizaram o antigo Peru. Sua teoria foi substanciada por toneladas de artefatos que ele recuperou de túneis profundos na floresta tropical do Equador. O museu que abriga os artefatos foi misteriosamente queimado e, Crespi disse a um repórter do jornal equatoriano La Prensa Grafica, alguns de seus melhores artefatos se perderam no incêndio. O museu estava cheio de muitos objetos de ouro e pesados dispositivos mecânicos de cobre e pedra, junto com o que ele acreditava serem artefatos egípcios, babilônios e assírios. A opinião popular em Cuenca era de que os esquerdistas locais haviam ateado fogo para esconder um roubo maciço da porção de ouro do tesouro.

O Dr. Valentine sugeriu que eu fosse ao Equador e fotografasse os artefatos que sobreviveram ao incêndio. “Rich, tire muitas fotos; o que sobreviveu ao incêndio pode surpreendê-lo. Pode haver uma conexão com nossa Atlântida.”

Poucos dias depois, voei para Cuenca para ver Carlo Crespi e descobrir por que antropólogos e arqueólogos profissionais o chamavam de bufão, e fiquei encantado ao descobrir que ele era tudo menos isso. Na verdade, ele tinha vários diplomas anti-bufão em universidades da Itália, incluindo um em antropologia e doutorado em engenharia e música. Ele era um homem extremamente bem-educado, com uma salgada indiferença às opiniões de “especialistas”. Eu sabia que gostaria dele.

3

PRIMEIRA VISITA AO TESOURO DE CRESPI

"EU AMO ESSE HOMEM," meu companheiro disse com um lindo sorriso, "as pessoas [sic] por aqui acham que ele é um santo". Estávamos a caminho de um depósito de maravilhas que eu tinha ouvido falar de Manson Valentine em Miami, apenas dois dias antes. "Aquele homem" era Carlo Crespi - missionário da selva, sacerdote da Igreja Maria Auxiliadora, antropólogo, doutorado, explorador, cineasta e descobridor de um tesouro arqueológico extraordinário.

Minha companheira era a agente de viagens Cecelia de Egeuz, que foi minha tradutora e uma dos muitos amigos devotos do padre Crespi. A cidade em que estávamos era Cuenca, com 2.500 metros de altura na Cordilheira dos Andes, no Equador.

Quando chegamos à igreja, a figura envelhecida e curvada do padre Crespi veio rapidamente ao nosso encontro com um monte de energia para um homem de 86 anos. "Cecelia!" ele exclamou, seus olhos se arregalando de prazer. "Quando você vai me trazer um pequenino para batizar?" Cecélia enrubesceu e nos apresentou com o carinho devido ao padre de sua família. Crespi apertou minha mão vigorosamente. "Então, você é o arqueólogo, hein?" ele perguntou, um sorriso malicioso brilhando em seus olhos azul-claros. Cecelia traduziu a saudação irônica. "Não é um arqueólogo, um investigador e fotógrafo, e uma pessoa que, sabendo de sua coleção, tem grande respeito por seu trabalho."

"Ah", disse o padre, "chega de elogios, vamos dar uma olhada." Sem cerimônia, ele forçou uma chave em um cadeado enferrujado e abriu a porta frágil de seu galpão. Ele tocou dois fios desencapados juntos e uma luz amarela aquosa brilhou. O padre Crespi sorria como um homem com um segredo notável.

Fiquei surpreso com sua enorme coleção de artefatos. Empilhados contra uma parede estavam estojos de múmia dourada de 2,10 metros de altura no estilo quase egípcio com um acabamento enegrecido pelo fogo.



Fig. 3.1. O autor com a peça central do sarcófago dourado enegrecido pelo fogo no estilo egípcio.
Foto de Kurt Lowenstein.

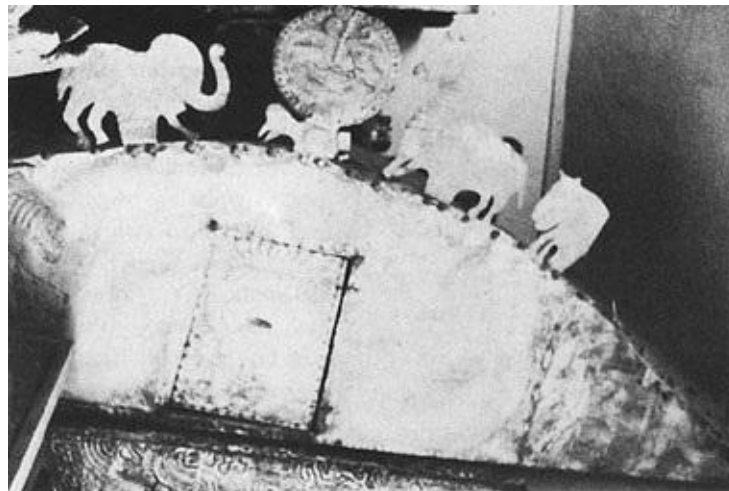


Fig. 3.2. Uma arca de alumínio: escondidos da vista estão anéis de ouro genuínos para inserir
hastes de transporte.
Animais marchando em direção a um disco solar sugerem que este artefato genuíno é pré-
hebraico.



Fig. 3.3. Semita com pátina de cobre verde oxidado. A estátua lembra o rei, do pintor Marc Chagall.



Fig. 3.4. Esse animal poderia ser um dinossauro Lystrosaurus extinto?



Fig. 3.5. Uma placa de metal desconhecido. Estamos olhando para Adão e Eva pré-hebreus? O homem exibe a mandíbula protuberante atlante (Neandertal?) E tem os espermatozóides onipresentes esculpidos em sua coxa. Entre ele e a mulher está sentada uma figura diabólica acariciando uma serpente. A mulher parece ser a Deusa Atena, protetora dos gregos, e acima de sua cabeça está sua sagrada coruja da lua cheia. Ela carrega uma lança e usa um avental maçônico. A mulher era maçom, antes que os deuses masculinos usurpassem o poder feminino.

Havia alguns conjuntos do que pareciam ser ternos dourados reluzentes de armaduras incas de desfile ao lado de capacetes dourados de estilo caldeu e placas douradas inscritas com um alfabeto linear, mais tarde identificado como protofenício pelo professor Barry Fell.



Fig. 3.6. Metal não identificado, fenício? Escritores antigos diziam que o fenício era o principal

Fig. 3.6. Metal não identificado, fenício? Escritores antigos diziam que o fenício era a língua principal da Atlântida.

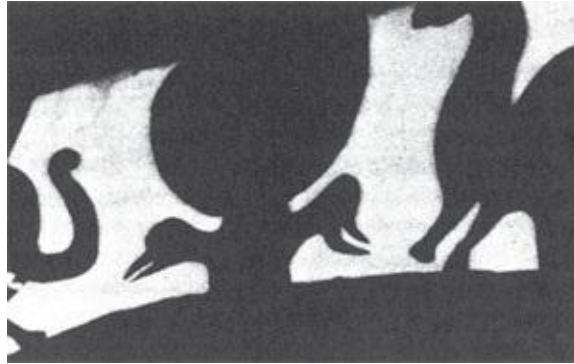


Fig. 3.7. A arca; talvez a figura à direita seja uma extinta lhama de cinco dedos?

Empilhados ao acaso no chão, havia escudos de cobre vermelho-vivo, muita cerâmica, folhas e rolos de metal prateado, rolos de metal dourado, engrenagens e rodas estranhas e peculiares tubos de latão sem rosca. Espalhadas entre o ouro, havia placas representando dinossauros. O tesouro do rei Midas em uma pilha de lixo da floresta tropical, pensei.

O sacerdote apontou para uma arca de metal cinza empilhada em cima de máquinas peculiares de uso desconhecido. A arca tinha anéis de ouro presos nas laterais, obviamente para acomodar postes que escorregavam para serem carregados; e tinha uma porta com dobradiças (ver fig. 3.2). As figuras decorativas de animais nesta arca - um elefante, uma lhama e, o que é mais intrigante, um dinossauro, talvez um Brontossauro - desfilavam para cima em direção a um disco solar recortado de metal (fig. 3.7). Empilhados descuidadamente sob pilhas de outros artefatos em um canto escuro do galpão estavam dispositivos mecânicos de pedra e cobre com rolos de pedra circulares.

Moinhos de pedra, com rodas e engrenagens, mas com um design diferente de qualquer coisa usada pelos espanhóis, estavam parcialmente enterrados e cobertos por teias de aranha. Rolos de chapas de metal complexamente repousadas, cada centímetro decorado com figuras de desenhos animados, estavam empilhados contra as paredes.

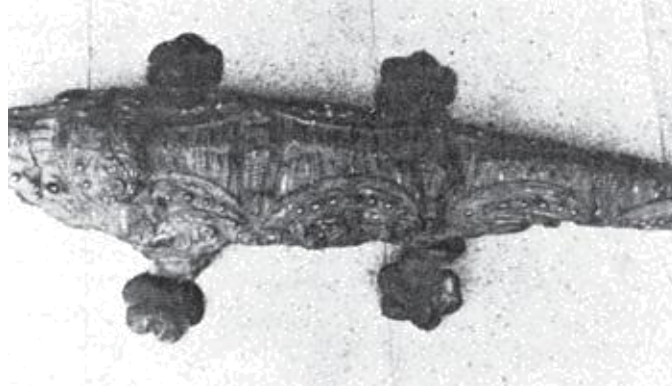


Fig. 3.8. Um lagarto dourado de sessenta centímetros de comprimento com olhos de pedras preciosas cor de rubi

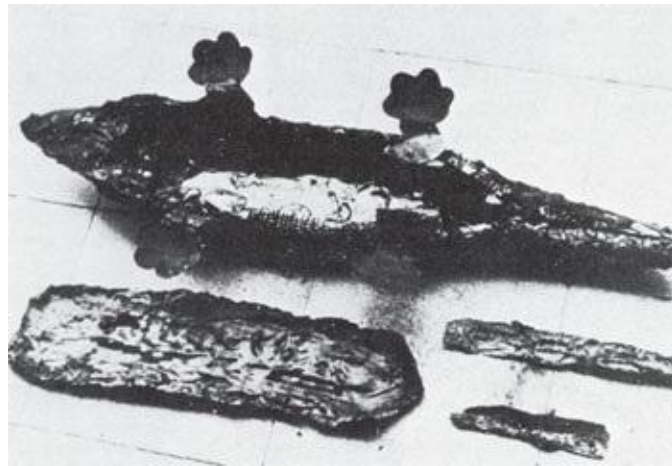


Fig. 3.9. Um lagarto dourado com a parte inferior revestida de alcatrão para lhe dar corpo



Fig. 3.10. Um dinossauro com decorações de células de esperma



Fig. 3.11. Uma folha de metal não identificada. Hierofante no trono observando um homem de aparência rude com uma lança e cães de luta atacando um crocodiliano pré-histórico.



Fig. 3.12. Uma figura “encantadora” dourada e enegrecida pelo fogo



Fig. 3.13. Uma placa de elefante de pedra dourada. Barry Fell traduziu esta placa. Ele pensou que deveria ser: "O elefante que sustenta o mundo e o faz tremer". Isso pode estar descrevendo um princípio científico, o conceito de "ponto zero". A antiga ciência hindu acreditava que a Terra e todos os corpos celestes são mantidos no lugar por um ponto zero, ou centro neutro.



Fig. 3.14. Uma placa de cobre de uma mulher que talvez representasse a Mãe Terra.

Os rolos de folha de metal tinham 2,10 e 2,50 metros de altura e eram feitos de peças de um metro de largura rebitadas artisticamente com rebites minúsculos e delicados para fazer rolos que tinham de dez a quinze metros de comprimento. Havia retângulos de cobre tecidos sugerindo dispositivos de troca de calor, mas decorados com tubos de ar de latão. O padre Flores-Haro, seu devotado aluno, disse ao antropólogo Warren Cook que depois de um

dia cansativo, o velho padre passava duas ou três horas estudando livros de antropologia e arqueologia. Seus fornecedores nativos cortaram rolos de "papel de parede" metálico arrancados das paredes dos edifícios na floresta tropical para forjar mais artefatos vendáveis - vendáveis apenas para o sacerdote, isto é - como a estátua de metal com dentes falsos modernos, um real ridículo. falso, pois o corpo de chapa da estátua era o verdadeiro papel de parede "e os dentes foram feitos em um laboratório dentário local" (ver fig. 3.16).



Fig. 3.15. Este "papel de parede" de alumínio é feito de alumínio puro laminado a frio. Os grãos de metal são alongados e planos. Para comprar esse tipo de metal hoje você precisa fazer um pedido especial. Os antigos fabricantes o enrolaram em tiras de um metro de largura, presas em folhas de cinco a dez metros por minúsculos rebites de alumínio delicados. Buracos rasgados na parte superior sugerem que foi arrancado das paredes.

Crespi era um psicólogo astuto. Os arqueólogos apenas balançam a cabeça quando descobrem que ele comprou falsificações intencionalmente, mas sua atitude generosa e aberta o tornou querido por seus amados amigos indianos. Essa atitude manteve os artefatos fluindo, e muito em sua coleção é obviamente real e fantástico.

Na verdade, sua atitude e olhar aguçado lhe trouxeram uma das melhores coleções de cerâmica e artefatos equatorianos do país, conforme observado pelos arqueólogos que supervisionaram o saque de seus galpões de armazenamento frágeis. Parece que ele tinha um olho aguçado para a beleza.

Seus escavadores de selva uma vez trouxeram-lhe cinquenta e duas placas de bronze de tão grande beleza e excelente acabamento que um cientista da Walters Art Gallery de Baltimore, que visitei mais tarde em 1977, exclamou: "Essa é a figura Nisroch mais linda que já vi."

E quanto ao ouro? Descuidadamente encostado a uma das paredes estava um rolo de revestimento de parede amarelo sem mancha, semelhante à outra folha de metal de alumínio, exceto, é claro, o metal era ouro, como mostrado em [placa 4](#).

No entanto, às vezes ele pagava grandes somas. Flores-Haro conta que Crespi estava pagando cinco e dez mil dólares por peça - se o artigo fosse grande ou feito de ouro.

Crespi disse a Flores-Haro que seu pai havia lhe deixado uma grande herança, que ele investiu em pinturas coloniais espanholas. Usando suas conexões com a igreja, ele os revendeu na Europa e ganhou uma fortuna. Ele precisava de muito dinheiro para financiar a escola de comércio, e todos os dias ele alimentava um lanche nutritivo para seus dois mil alunos e sustentava centenas de viúvas pobres com filhos.



Fig. 3.16. Falsificação metálica real com dentaduras modernas feitas em um laboratório em Cuenca. A escultura em ébano à direita é arte genuína do Oceano Pacífico.

Então, Carlo Crespi me mostrou algumas dezenas de placas de bronze, suas peças favoritas, retiradas de uma pilha de cerca de cinquenta ou mais. Ele soltou um pequeno grito de alegria ao exibi-los sorrindo. Havia uma inconfundível mulher real egípcia, um Nisroch, um touro sagrado assírio de cinco patas e uma das placas trazia a imagem de um homem caucasiano escrevendo uma escrita linear com uma pena de pena. Script linear? Uma caneta de pena?



Fig. 3.17. Uma placa de material de cobre: homem ariano-caucasiano com traços europeus



Fig. 3.18. Dez placas à base de cobre das quais Carlo Crespi gostava muito. As quarenta e duas placas restantes desapareceram.

A arqueologia foi jogada em dois galpões fora do pátio e também empilhada em salas laterais da igreja. Antigamente, Crespi mantinha tudo armazenado de forma ordenada em um museu em sua escola próxima, mas depois que um incêndio destruiu seus melhores artefatos, o que sobreviveu foi levado para sua igreja e colocado casualmente no galpão e em algumas salas vazias.



Fig. 3.19. Uma placa de bronze de um gigante. A cabeça decepada no mastro tem metade do tamanho do gigante. Talvez a imagem de Golias?



Fig. 3.20. Um homem ariano-caucasiano. "David" segurando uma cabeça decepada com uma marca na testa da funda de David. A história pré-hebraica de Golias.

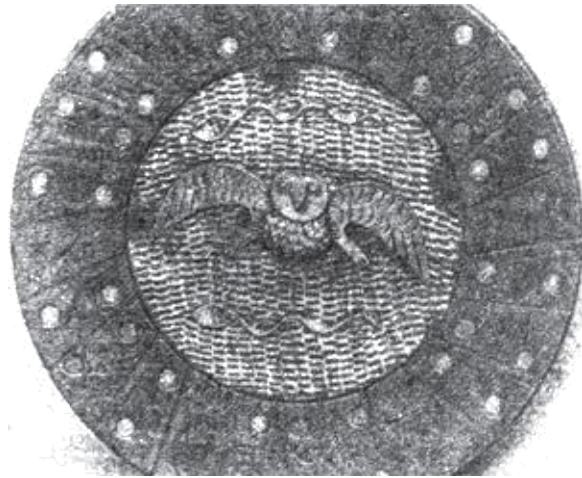


Fig. 3.21. Placa de embreagem Modelo T (provavelmente impingida ao padre em sua velhice)



Fig. 3.22. Segundo, o trabalhador dedicado do padre Crespi, desenrola tiras de metal não identificado.



Fig. 3.23. Um brincalhão Oswaldo Eguez e um sorridente Padre Crespi
O gentil padre me deixou tirar fotos. “Quantos você quiser”, disse ele.

A maioria dos museus guarda seus tesouros de fotografos casuais, então sua generosidade aberta me conquistou. A falta de espaço dentro me forçou a montar meu tripé e câmera no pátio externo. O próprio padre trouxe os artefatos ao sol. As horas se passaram e a chuva equatorial usual da tarde começou. A essa altura, Crespi estava ficando cansado, então paramos por hoje. Eu tinha exposto mais de dez rolos de filme, tirei mais de trezentas fotos e apenas toquei a borda de sua enorme pilha. "Por favor, volte amanhã", disse Crespi, "e traga o pequenino." Ele apontou sorrindo para Cecelia.

No dia seguinte, Cecelia, seu marido Oswaldo e seu cunhado Jorge chegaram para ajudar. Eles alegremente carregaram o estranho material para o pátio iluminado pelo sol e ficaram tão surpresos quanto eu com a riqueza e a beleza de muitas peças, como o lagarto dourado de um metro de comprimento com olhos de pedras preciosas vermelhas mostrado nas figuras 3.8 e 3.9.



Fig. 3.24. Esculturas de ébano do Oceano Pacífico com tiaras de ouro genuíno descoloridas

"Essas pedras nos olhos são rubis?" Oswaldo perguntou. "Não sei", respondi, "mas cada um parece ter cerca de treze a quatorze quilates e tem uma linda cor de fundo violeta. Eles podem ser rubis; se forem, valem uma fortuna". O lagarto dourado era feito de ouro fino martelado, e seu interior era coberto com alcatrão para lhe dar corpo. Aqui, então, estava o segredo das estátuas incas de ouro em tamanho natural relatadas pelos espanhóis: elas eram ocas.



Fig. 3.25. Uma figura no estilo da Ilha de Páscoa que estabelece a conexão entre o Equador e a Ilha de Páscoa, que fica a mais de mil milhas a oeste no Pacífico

Novamente tirei centenas de fotos, a chuva da tarde começou na hora marcada, e então era hora de parar. O padre sabia que eu teria que voar no dia seguinte e timidamente me pediu para trazer as fotos comigo na próxima vez que eu viesse. Ele disse melancolicamente que muitas pessoas tinham vindo para tirar fotos, mas ninguém, ninguém jamais trouxe nenhuma de volta para ele. Eu fiz uma promessa sincera.



Fig. 3.26. Um labirinto em pedra Diorite polida. Este labirinto estaria em casa na antiga Creta. Descreve um labirinto sagrado mediterrâneo minoico-cretense perfeito e é idêntico a um arranhado na parede da casa de Lucrécio em Pompéia soterrada pelo vulcão.

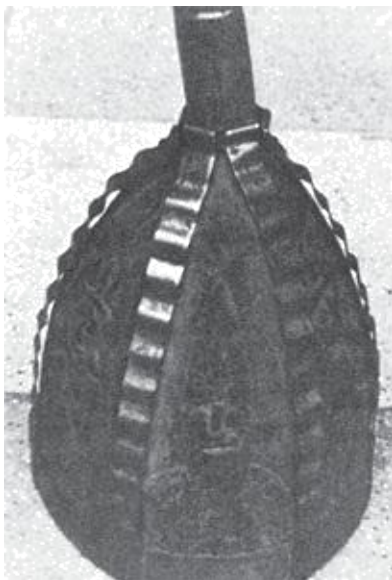


Fig. 3.27. Uma pesada coroa de cobre vermelha decorada e unida por moldura de ouro. Retratado na frente está um mágico barbudo.

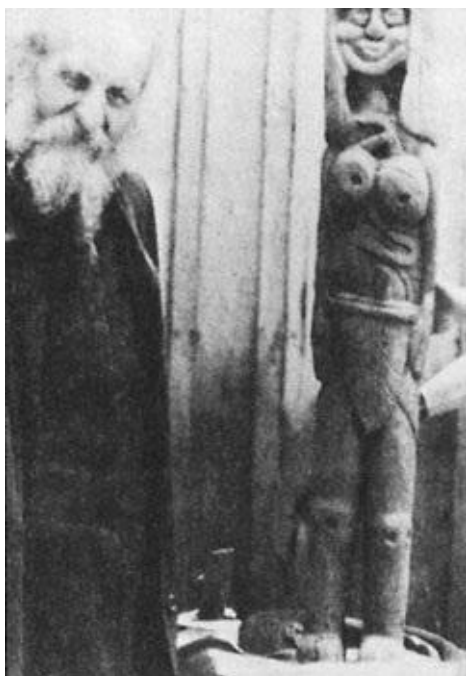


Fig. 3.28. Carlo Crespi com uma estátua de Eva e a serpente



Fig. 3.29. Disco de calendário de bronze identificado por J. Manson Valentine, Ph.D.



Fig. 3.30. Uma figura charmosa acariciando um golfinho



Fig. 3.31. Figura de metal não identificada com asas e uma caixa radiante em seu peito



Fig. 3.32. Figura com carbúnculo semiprecioso no umbigo



Fig. 3.33. Dois objetos de tiras de cobre intrincadamente tecidas. Eles poderiam ser trocadores de calor, mas o da direita é decorado com uma figura falsa. No entanto, a peça à esquerda é decorada com tubos de gás de alta pressão genuínos com uma parede grossa e sem rosca. Os objetos não são modernos e são classificados como falsos reais.



Fig. 3.34. Uma coleção de capacetes reais e falsos. Todos são construídos com metal antigo e real.



Fig. 3.35. Folha de metal não identificada de um rosto sorridente de peixe com dinossauro na coroa



Fig. 3.36. Uma placa Hierofante cor de bronze (uma de cinquenta e seis). Observe que o balconista é mostrado escrevendo a linguagem semítica proto-norte com uma caneta de pena em um livro de aparência surpreendentemente moderna.



Fig. 3.37. Este escudo de cobre com pátina verde é decorado com ouro e células de esperma.



Fig. 3.38. Uma lata de azeite considerada um artefato "falso"



Fig. 3.39. Outra falsificação decorada com tachinhas de latão modernas

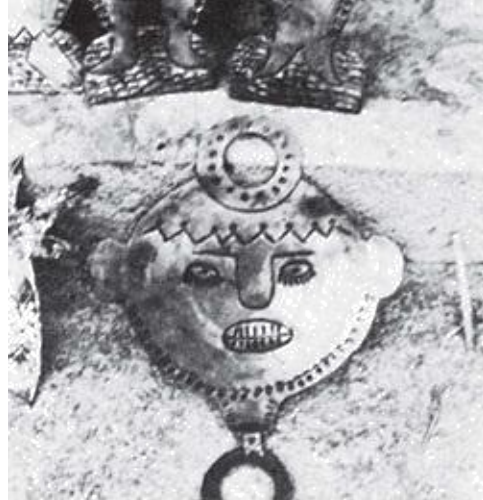


Fig. 3.40. Um artefato obviamente falso. (Charlie Brown?)



Fig. 3.41. Assírio, homem-touro de cinco pernas. Compare com o touro alado neo-assírio (lamassu) datado de 883–859 aC no Metropolitan Museum of Art, na cidade de Nova York. Foto cedida por Wayne N. May, revista Ancient American.

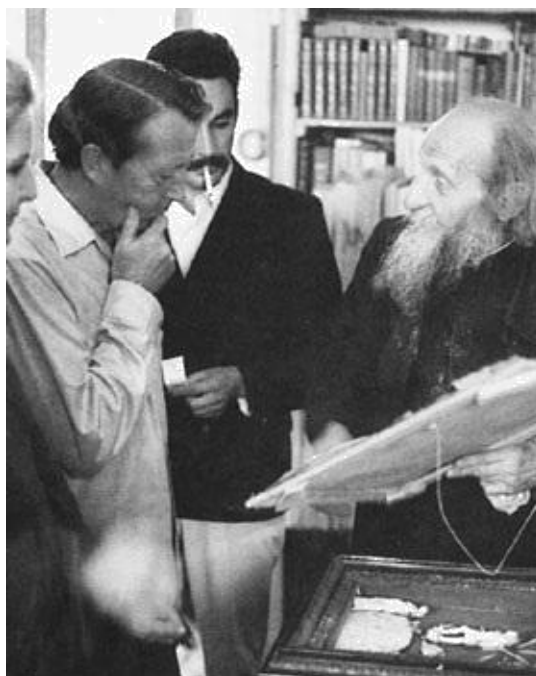


Fig. 3.42. Carlo Crespi exibindo sua coleção de pinturas de alta qualidade. Foto de Lee Elders, autor de Expeditions — Gold, Shaman and Green Fire.

Um caloroso adeus à família Eguez e um abraço (abraço) do meu novo amigo Carlo Crespi encerrou o dia. Meu plano era voar direto para Baltimore para mostrar as fotos aos especialistas em antiguidades do Oriente Médio na Galeria de Arte de Walters (hoje Museu de Arte de Walters). Eu sabia que eles tinham um dos melhores baixos-relevos de mármore Nisroch assírio do mundo, e seu conhecimento do antigo Oriente Médio era excelente. Talvez eles lançassem alguma luz sobre os artefatos de Crespi e o quebra-cabeça de serem encontrados em túneis na floresta amazônica.

Uma semana depois, eu estava no Walters com algumas das fotos. Apresentei primeiro uma impressionante figura de oito por dez da figura assíria de Nisroch.

“Esse é um dos Nisrochs mais bonitos que já vi”, disse um dos arqueólogos. “De onde você tirou a foto?” Eu disse a ele que tinha tirado e mostrei as fotos de um touro assírio de cinco patas. “Excelente”, disse outro, “onde você conseguiu essas fotos?” Novamente, “Eu os peguei”. Então eles fizeram ooh e aah, e alguns minutos depois veio a mesma pergunta: “Onde você conseguiu essas fotos maravilhosas?” Mais uma vez, “Eu tirei as fotos”.

O silêncio caiu sobre a sala, e eles olharam para mim com expressões interrogativas em seus rostos. “Você disse tirou as fotos? Onde você tirou as

fotos? ” Eu respondi: “Na Igreja Católica Romana de Maria Auxiliadora em Cuenca,

Equador. O colecionador é Padre Carlo Crespi. ”

Então veio a resposta afiada: “É tudo falso, falso, falso. Todo mundo sabe que os assírios e egípcios não navegaram na Amazônia. ” Quase como se estivessem conectados, os três arqueólogos se levantaram em uníssonos com o cientista sênior e se dirigiram para a porta. Na saída, um deles me disse: “Não acreditamos na difusão da cultura. Os oceanos são barreiras, não rodovias. Simplesmente não o fazemos, ”ele repetiu. “É tudo falso, definitivamente falso”.

4

HOMEM, ONDE, COMO E ONDE

ANNIE BESANT WIPED TEARS de seus olhos e quase se afastou da visão horrível de uma adolescente ferida na fábrica de fósforos. A menina estava sofrendo, sofrendo terrivelmente, de "mandíbula fossilizada", uma doença em deterioração que apodrece a mandíbula e invariavelmente leva a uma morte dolorosa. A mandíbula fossilizada foi causada pelo fósforo amarelo sendo absorvido por sua pele. Na fábrica, a garota mergulhou palitos de fósforo na poção química da bruxa que revestia a cabeça do palito. Como a menina moribunda estava muito doente para trabalhar agora, até mesmo seu minúsculo salário de alguns xelins desesperadamente necessários por semana estava prestes a desaparecer.

"A Sra. Besant poderia nos ajudar?" perguntou a mãe cega e pobre da menina, cujo marido a havia abandonado. Annie ajudaria e resolveu lutar - lutar por todas as crianças exploradas em todas as fábricas perigosas e entorpecentes de toda a Grã-Bretanha do século XVIII. Depois de providenciar os cuidados da criança e o alívio da mãe, ela começou a trabalhar.

Annie se juntou ao jornalista Herbert Burrows, outro ativista, e atacou o sistema de trabalho infantil. Burrows e Besant foram ajudados por um poema que despertou emoções britânicas decentes, escrito por Sarah Norcliffe Cleghorn.

*Os campos de golfe ficam tão perto do moinho
Que quase todos os dias
As crianças trabalhadoras podem olhar para fora do trabalho
E veja os homens jogando.*

“OS LINKS DE GOLFE”

Ela começou liderando os empobrecidos vendedores ambulantes em uma greve contra os proprietários, que foi concluída com sucesso. Eventualmente, os britânicos proibiram todo o trabalho infantil.

Besant partiu para o ataque por causas sociais, falando eloqüentemente; seu amigo e colaborador, o famoso escritor irlandês George Bernard Shaw, disse a respeito dela: “Ela é a oradora mais eloquente do mundo”. Annie Besant assumiu todos os

causas impopulares na Inglaterra e no mundo. Ela se opôs à invasão britânica do Afeganistão em 1873. Sim, eles estavam nisso desde então. Ela falou pela independência da Índia do domínio britânico, o que a deixou presa por um tempo, e quando foi solta, ela foi eleita presidente do Congresso Nacional Indiano. Ela é amada na Índia até hoje, onde eles ainda cantam seus louvores com a adorável canção, "Devi Vasanti" (Besant, o Anjo).

Quando o professor espiritual de Besant, um mahatma, Koot Hoomi, mandou chamá-la para visitá-lo e abrir o chakra da sobrançelha ("terceiro olho"), ela largou tudo e foi para o quartel-general dele na Caxemira, na adorável região de colinas e lagos do norte Índia. Koot Hoomi a colocou em um treinamento rigoroso. Para Besant, abrir o centro do chakra frontal foi relativamente fácil; a parte difícil foi aprender a ver com clareza e compreender o fenômeno revelado por outras dimensões. A prova de que ela aprendeu bem está no livro *Occult Chemistry*, no qual seu colega, o bispo Charles Webster Leadbeater, também treinado por Koot Hoomi, auxiliou. [Sociedade Teosófica] Elwood Cook, um psicólogo de Baltimore, mostrou Química Ocultista a seu professor de química, que pegou o livro emprestado e passou um fim de semana inteiro estudando-o.

Koot Hoomi levou Besant para ver o CEO da Irmandade e Irmandade dos Santos, e o maha chohan, como é chamado, disse a Besant que queria uma história do mundo escrita. Isso explicaria "homem, de onde, como e para onde", e rastrearia nossa história de volta aos planetas de onde fomos trazidos (em grandes espaçonaves) e nos levaria até o ano 2600 EC.

Os ingleses estavam começando a trabalhar com motores a vapor e bicicletas em 1913, quando o livro foi publicado. "Bobagem, fantasia científica pura", os críticos de Besant bufaram de raiva.

Surpreendentemente, grande parte da estranha história de Annie Besant foi validada por provas reais. Por exemplo, ela falou da "força universal" fornecendo ao novo mundo energia livre e não poluente, e hoje existem modelos reais trabalhando ativamente bombeando a força universal, girando ao redor do mundo, como pequenos bandos de espécies dedicadas e em extinção inventores experimentam com sucesso com energia livre de ponto zero.

Em seu livro de 1913, *Man, Whence, How, and Whither*, Besant menciona planos da "irmandade" de liberar a transmissão sem fio de eletricidade como um

passo provisório para nos acostumar a eletricidade relativamente livre quando os fluxos das marés mundiais e as águas em movimento são aproveitados . Nikola Tesla foi a pessoa escolhida,

como ele já havia nos dado corrente alternada. Tesla bombeou suco no solo com sucesso e o coletou enquanto circulava a terra, surfando ondas estacionárias praticamente sem perda de energia por meio do atrito. A transmissão sem fio era uma realidade.

JP Morgan, o gigante bancário, recusou-se a investir na invenção de Tesla, dizendo: “Se algum pequeno africano pode obter minha eletricidade enfiando uma barra de ferro no solo, onde está o lucro para mim?” Consequentemente, com a recusa de Morgan, ninguém mais ousou emprestar dinheiro a Tesla, e a transmissão sem fio de Tesla foi colocada na prateleira. A profecia de Besant, como todas as profecias, não foi escrita em pedra; ele se curvou à vontade humana - a vontade de ganância neste caso. Como a Comunhão dos Santos Ascensionados nos diz: “A lei é firme. Podemos oferecer ideias, planos e sugestões, sim, e principalmente incentivos, mas a lei não permite que usemos a força, pois isso interferiria na própria base do propósito cósmico: a liberdade. Liberdade para cometer erros e liberdade para corrigi-los, liberdade para evoluir, conseqüentemente liberdade para expressar cada vez mais o magnífico universo que está dentro de cada um de nós. ” Mas essa profecia relacionada a Tesla confirma Annie Besant e seus talentos, então, quando ela nos levar de volta à Atlântida, no Peru, os mais aventureiros entre nós podem ficar tentados a pensar que ela estava realmente vendo com clareza.

Os breves trechos a seguir são de seu livro, *Man, Whence, How, and Whither*, da seção "Atlantis in Peru, 12.000 aC".

Religião: A característica mais proeminente da religião era sua alegria. Pesar ou pesar de qualquer tipo era considerado absolutamente perverso e ingrato, visto que foi ensinado que a Divindade desejava ver Seus filhos felizes e que ele próprio ficaria magoado se os visse sofrendo. A morte não era considerada uma ocasião de luto, mas sim uma espécie de alegria solene e reverente, porque o Grande Espírito havia considerado outro de Seus filhos se aproximar mais Dele. O suicídio, por outro lado, foi, em decorrência da mesma idéia, considerado com o maior horror como um ato da mais grosseira presunção; o homem que cometeu suicídio se lançou sem ser convidado a reinos mais elevados, para os quais ainda não fora julgado apto pela única autoridade que possuía o conhecimento necessário para decidir a questão. Mas, na verdade, no momento em que estamos escrevendo, o suicídio era praticamente desconhecido, pois o povo como um todo era uma raça muito satisfeita. Uma das teorias mais proeminentes era que toda luz,

vida e poder vinham do sol, uma teoria que é totalmente corroborada pelas descobertas da ciência moderna.

Maquinário: Eles haviam alcançado avanços consideráveis também na construção e uso de maquinário, embora a maioria fosse mais simples e mais áspera do que o nosso, e eles não tinham nada como a extrema precisão no encaixe de peças minúsculas, que é uma característica tão proeminente de trabalho moderno. [Placa 9 mostra um exemplo de uma peça de maquinaria antiga.]

Por outro lado, embora seu maquinário fosse frequentemente grande e pesado, era eficaz e, aparentemente, nada sujeito a ficar fora de serviço, como a roda de cobre extremamente dura. Esta roda de cobre é a prova da tecnologia exótica do passado. Ele não ficará achatado e nem se tornará elíptico em altas velocidades. É mais difícil do que podemos fazer cobre hoje. Evidentemente, eles também tinham algum conhecimento de hidráulica, pois muitas de suas máquinas eram operadas por pressão hidráulica.

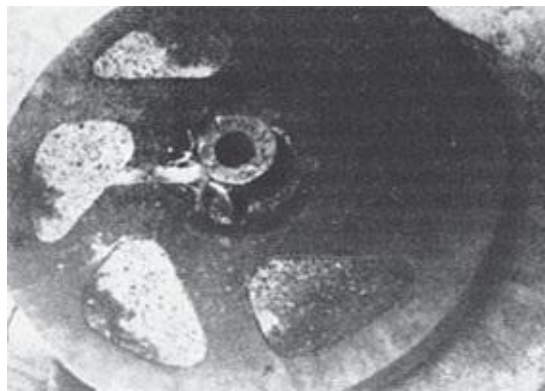


Fig. 4.1. Roda de cobre duro como aço tão bem projetada que não vai achatar e perder eficiência em altas velocidades, como acontece com as rodas modernas

Havia muito conhecimento científico entre eles, mas toda a sua ciência era de um tipo severamente prático. Eles não tinham nenhuma idéia de um estudo abstrato da ciência que existe entre nós.

Adesivo:. . . mas geralmente confiavam inteiramente no poderoso adesivo, que usavam no lugar da argamassa. . . e despejados em sua “argamassa” em uma condição quente e fluida. Por minúsculas que fossem as fendas entre as pedras, esse fluido as encontrou e as preencheu e, quando esfriou, endureceu como uma pederneira, que de fato se assemelhava muito.

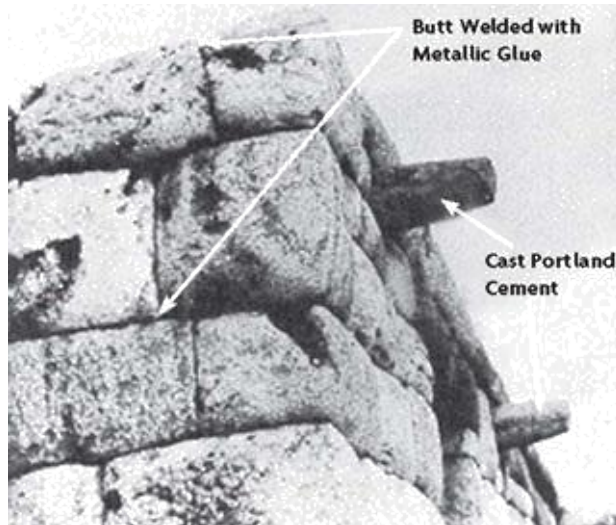


Fig. 4.2. Uma antiga muralha em Cuenca, Equador. Ele ainda está de pé, mesmo depois que um moinho de farinha espanhol construído ao redor dele caiu. Esta parede estava de pé, como parte de um palácio inca, quando os espanhóis invadiram.

Eles cortaram e encaixaram os enormes blocos de pedra com a maior precisão, de modo que a junta era quase imperceptível; em seguida, eles engessaram o exterior de cada junção com argila e, em seguida, despejaram sua “cola” em uma condição quente e fluida. A argila foi então raspada do lado de fora e a parede ficou completa, e [se] após o lapso de séculos uma rachadura na alvenaria alguma vez apareceu, certamente não foi em nenhuma das juntas, pois eram mais fortes do que até mesmo o a própria pedra.

El Molino, o muro de Cuenca, fazia parte de um moinho construído pelos espanhóis para transformar o trigo em farinha; os construtores usaram este muro antigo como parte da construção do moinho. Os frequentes terremotos do Equador abalaram o moinho de farinha espanhol que o rodeava, mas a parede atlante (?) Mais antiga ainda está de pé, como mostrado na fig. 4.3. (Claramente, os antigos atlantes sabiam muito sobre cimento.)

O constituinte do cimento é semelhante ao que mantém unida uma parede no Iraque datada de 4000 aC, redescoberta por um químico chamado Joseph Davidovits. Ele patenteou sua descoberta - cimento flexível.

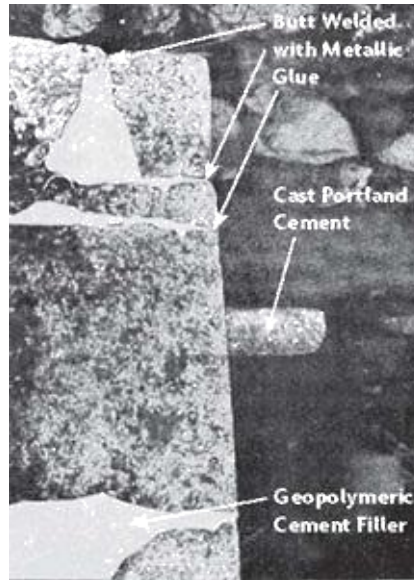


Fig. 4.3. A mesma parede (fig. 4.2) de cima, olhando para baixo. É colado com o onipresente cimento de ferro, que o autor descobriu nas Américas. Esta parede é a prova de alta tecnologia antiga.



Fig. 4.4. Inca Pirca no Equador. As paredes são construídas com o mesmo cimento de ferro encontrado na parede de Cuenca.

A onipresente cola também foi recuperada de uma pirâmide destruída no deserto de Mojave, na Califórnia, pelo produtor musical Cory Wade (figs 4.4, 4.5).



Fig. 4.5. Bloco de construção colado da pirâmide quebrada e parcialmente derretida de 18 metros de altura no deserto de Mojave. A cola de ferro segura a rocha com tanta força que, como Annie Besant afirmou, a rocha quebrou

fora e a cola continuou segurando.

E do outro lado do Atlântico, um grande e colorido explorador italiano chamado Belzoni descobriu que as pedras opostas na base da pirâmide de Gizé foram cimentadas com uma camada de um quinquagésimo de polegada "de cimento muito tenaz". Fotos recentes também mostram grandes placas de cola no alto da mesma pirâmide. Aqui está nosso adesivo atlante descrito por Besant, em uma estrutura no Egito, que ela disse ser outra colônia da Atlântida. A teoria da colônia explica uma cultura repentina e explosiva como a da Mesopotâmia (Iraque), que de repente surgiu do nada, totalmente desenvolvida. Seu súbito aparecimento confunde os arqueólogos até hoje. Podemos arrecadar outra vitória para Annie Besant?

Imagine uma cúpula geodésica gigante de encaixe e espiga, blocos de mármore fundidos encaixados e colados com esta magnífica cola atlante. Não há necessidade de uma estrutura de aço cara - o prédio é sustentado por sua própria estrutura monocoque (casca de ovo) à prova de terremotos. Esta poderia ser a morada para o novo mundo agora tomando forma a partir do nosso antigo mundo em desintegração. Buckminster

* 2
"Buckyballs" Fuller teria dançado de alegria.

Papel de parede: ". . . todas as casas de qualquer consideração tinham suas paredes forradas com algum tipo de metal, assim como as nossas agora são forradas de papel, mas apenas os palácios do rei e dos governadores principais eram forrados de ouro puro como os templos; para as pessoas comuns, todos os tipos de ligas bonitas e úteis estavam disponíveis e ricos efeitos foram produzidos a um custo comparativamente baixo." [Dois rolos estavam em pé no galpão de Crespi e o rolo dourado foi empilhado descuidadamente em um depósito lateral.] Esses rolos têm de 2,10 a 2,50 metros de altura, são laminados a frio e feitos de folhas de um metro de largura, artisticamente rebitadas em conjunto com minúsculas , rebites delicados. O metal comum é o alumínio, metalurgicamente puro, e os grãos de metal vistos ao microscópio são longos e finos, indicando que foram laminados a frio. [Placa 4 mostra alguns exemplos desses rolos.]

Doce curiosa: a batata e o inhame eram cultivados e o milho, o arroz e o leite em várias combinações entraram em grande parte em sua dieta. Eles tinham, no entanto, um alimento curioso e altamente artificial, que poderia ser chamado de seu sustento vital - funcionando um pouco como o pão para nós - como a base principal da maioria de suas refeições. A base

disso era a farinha de milho, mas vários constituintes químicos foram misturados a ela e a resultante submetida a uma enorme pressão, de modo que no final da operação ela saiu como um bolo duro e altamente concentrado. Seus componentes eram

cuidadosamente arranjado para conter dentro de si tudo o que era necessário para uma nutrição perfeita no menor compasso possível, e o experimento foi tão bem-sucedido que uma pequena fatia dele forneceu provisão suficiente para um dia inteiro.

O método mais simples de pegá-lo era chupá-lo lentamente como uma pastilha, mas se o tempo permitisse, ele poderia ser fervido ou cozido de várias maneiras, e as variedades de sabor eram indicadas por cores diferentes. Um bolo rosa era aromatizado com romã, um azul com baunilha, um amarelo com laranja, um listrado rosa e branco com goiaba e assim por diante. Este doce curiosamente comprimido era o alimento básico e um grande número de pessoas não pegava mais nada, embora houvesse muitos outros pratos para escolher. Foi fabricado em quantidades enormes que eram extremamente acessíveis.

Comparações: a vida física com todos os seus arredores foi melhor administrada do que, até onde sabemos, desde então. As oportunidades de trabalho altruísta e devoção ao dever, oferecidas à classe governante, talvez nunca tenham sido ultrapassadas. Ainda somos uma raça relativamente jovem de caucasianos, ao passo que o que estivemos examinando foi um dos mais gloriosos desdobramentos de uma raça que há muito havia passado de seu auge. Estamos passando agora, por causa de nossa ignorância, por um período de provação, tempestade e estresse, mas também devemos, com o tempo, quando tivermos desenvolvido um pouco de bom senso, emergir para uma estação de descanso e sucesso, e quando essa hora chegar, deverá atingir, pelas leis da evolução, um nível ainda mais alto do que o deles.

Os volumosos escritos dos antigos hindus sobre ciência, tecnologia e história estão finalmente recebendo séria atenção do Ocidente. Obviamente, a arrogância racial eurocêntrica impediu o Ocidente de sequer ler a visão cíclica indiana da evolução. Essa visão responde mais perguntas do que levanta, ao mesmo tempo em que elimina com elegância a aparente dicotomia entre ciência e religião. Annie Besant e seus professores simplesmente rejeitam a visão linear moderna da evolução com suas lacunas e contradições e substituem o antigo pensamento hindu de que a evolução é simplesmente o universo se conhecendo. Esse conhecimento ocorre por estágios ordenados, embora seja parcialmente guiado por um irmão que tudo vê - e uma irmandade de bons homens e mulheres que, por meio do amor,

disciplina, alegria e sacrifício, alcançaram a perfeição. Homens e mulheres, por amor, ajudam-nos tanto quanto lhes permitimos.

5

A PICADA

ESTA VERSÃO DE EVENTOS foi-me dito por Hector Terranova, um colombiano, e posso atestar o caráter de Hector; ele é sincero e entrou em cena entrevistando os obreiros da igreja uma semana após a morte de Crespi. Hector entrevistou os funcionários da igreja, motoristas de táxi, operadores de retroescavadeira (que enterraram a folha de metal em uma trincheira de três metros e meio) e o vigia noturno, que era uma fonte particularmente boa porque estava indignado com o "sequestro" do padre Crespi e acreditou o choque matou seu amado padre.

A outra fonte de informação foi um artigo do antropólogo Warren Cook e Warren Dexter. Os fatos são, bem, os fatos (ver apêndice 3).

O caminhão do exército coberto de lona seguiu em silêncio até a porta da frente da Igreja de Maria Auxiliadora (Maria, Nossa Ajudante), na bela cidade colonial espanhola de Cuenca. Os soldados desceram e fizeram fila diante de seu oficial, um espanhol de pele branca, rosto magro e rosado, bigode fino como um lápis, cabelos e olhos negros como azeviche. Os dois soldados que chamaram a atenção antes dele eram mais baixos, mais atarracados e muito mais morenos. Seus cabelos eram grossos e pretos e, com os capacetes de combate de aço, não dava para perceber que eles os penteavam para trás, ao estilo indiano.



Placa 1. Placa à base de cobre. Estamos olhando para um coletor de impostos?



Placa 2. Uma placa dourada de semita e uma tabuinha astronômica / astrológica de 56 letras.
Procure o touro, símbolo de Touro, na quarta fileira de baixo, o segundo da direita.



Placa 3. Armadura cerimonial de ouro fino e coroa de ouro. A grande mitra de cobre é decorada com alguns círculos de ouro. Foto cedida por Wayne N. May, editor da revista Ancient American.



Placa 4. Folhas de metal não identificadas. No centro, um rolo de folha de ouro.



Placa 5. Uma placa de ouro identificada pelo Professor Barry Fell como protofenícia. Fell foi demitido de sua posição de ensino para desafiar o estabelecimento linguístico e arqueológico. Ele insistiu que os autores antigos mencionaram que os fenícios aprenderam sua língua em um continente submerso.



Placa 6. Uma decoração de parede dourada pendurada. Observe os pequenos orifícios na parte inferior esquerda para fios de ouro segurando borlas. Esta peça decorativa pode ter sido pendurada na sala de estar de alguém. Observe as criaturas mal-engenheiras genéticas, meio-animais taciturnas, olhando para nós.



Placa 7. Placa de ouro de uma sacerdotisa atlante (ou mulher real) mantida por Carlo Crespi



Placa 8. Capacete de ouro fino (esquerda) e coroa de ouro pesada (direita). A coroa lembra o Rei Comus do festival europeu de Mardi Gras.



Placa 9. Dispositivo mecânico de função desconhecida encontrado no galpão de Crespi



Placa 10. O autor com Carlo Crespi. O padre Crespi está segurando a figura mostrada com mais detalhes na gravura 7. O autor está segurando uma placa de ouro de uma figura assíria de Nisroch ou Assyr e uma de ouro

capacete. Foto de Kurt Lowenstein.



Placa 11. Comprimidos do alfabeto de cobre. O tablet no canto superior esquerdo mostra rostos felizes no final de cada linha de letras, sem dúvida um tablet escolar com um alfabeto de sessenta letras. Este tablet exhibe aprendizagem programada, uma técnica de ensino muito sofisticada. Barry Fell identificou a tabuinha à esquerda como proto-fenícia. A tabuinha à direita se refere à álgebra.



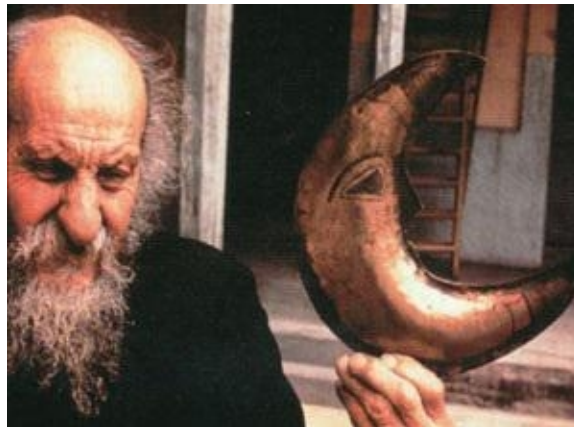
Placa 12. Uma placa assíria de Nisroch à base de cobre



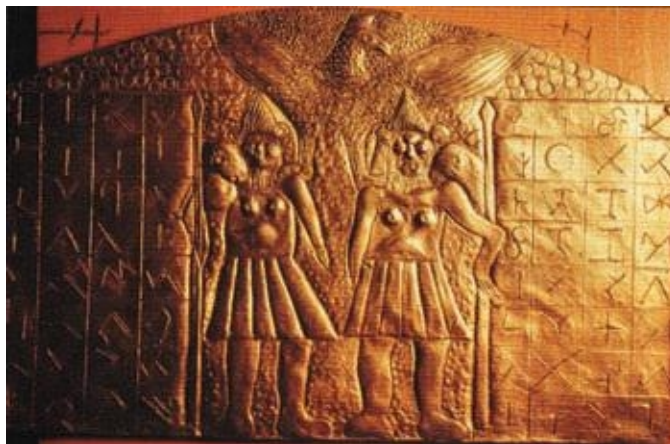
Placa 13. Annie Besant descreveu os atlantes originais como tendo mandíbulas prognatas (salientes).
O verso é mostrado na placa 14.



Placa 14. Esta placa de cobre (o verso da placa 13) tem uma grande semelhança com uma espiral de Fibonacci - a proporção pela qual toda a vida se desenvolve.



Placa 15. Carlo Crespi segurando uma lua crescente cor de bronze



Placa 16. Uma placa de ouro pesada. Foto cedida por Wayne N. May, revista Ancient American.



Placa 17. Parte traseira de um violão baixo moderno. O metal é um revestimento de parede genuíno na cor de bronze. Este se qualifica como uma verdadeira farsa. Foto cedida por Wayne N. May, revista Ancient American.



Foto 18. Estudante de antropologia Kurt Lowenstein segurando uma coluna de folha de ouro



Foto 19. J. Golden Barton, um dos primeiros visitantes do museu de Crespi, está segurando uma folha de ouro e usando um capacete de ouro cerimonial.



Placa 20. Pesada estátua de ouro. Foto cedida por Wayne N. May, revista Ancient American.



Placa 21. Placa de fundição pesada à base de cobre. Observe seu avental cerimonial do jogo da velha. O pavimento exibe perspectiva e um alfabeto circular sacerdotal. Seu rosto é branco. Foto cedida por Wayne N. May, revista Ancient American.



Placa 22. Placa de bronze. Homem dando o alto sinal maçônico. Foto cedida por Wayne N. May, revista Ancient American.

O oficial falou. “Rapazes, estamos aqui para cuidar para que ninguém se machuque, principalmente o velho padre. Jogue para trás os parafusos de seus rifles, vamos dar uma olhada.” Satisfeito com os rifles vazios, ele perguntou se alguém estava carregando munição. “Não, jefe”, (chefe) disseram em unísono.

Então Teniente (tenente) Garcia ^{* 3} disse a eles o

propósito de sua missão, pois Garcia acreditava que os soldados fazem um trabalho melhor se entenderem os motivos. Ao contrário dos oficiais mais velhos, que geralmente não confiam nos recrutas indianos que compõem a maior parte do exército equatoriano, Garcia era considerado politicamente muito “moderno”.

“Nosso amado padre está voltando do hospital hoje, e os homens do museu do governo estão levando sua coleção sob custódia de proteção. Eles não esperavam que ele sobrevivesse à pneumonia e à operação de próstata, não na sua idade, e ele vai ficar louco como o diabo. Ele é conhecido por seu temperamento explosivo - ele é italiano. A questão é mantê-los separados e não machucar os arqueólogos também. Não se mova sem minhas ordens. Seja gentil, mas firme, e lembre-se, as pessoas desta cidade o amam e pensam que ele é um santo.”

De novo, “Sí, jefe”.

Eles bateram na porta da igreja e foram deixados entrar. Os arqueólogos, Olaf Holm e Reinoso Hermidia, abordaram o tenente Garcia. Eles pareciam nervosos. “Tenente, isto é um negócio sério. O governo comprou toda essa coleção de artefatos da igreja e ninguém se deu ao trabalho de contar ao padre. Meu chefe, o senhor Crespo, e o padre Lova tinham certeza de que ele não sobreviveria ao hospital. Agora um médico acabou de ligar do hospital que o padre, ele está chegando”, disse um dos arqueólogos.

Garcia, um pouco aborrecido, achava que já sabia a resposta e só queria incitar o científico. “Você comprou as coisas diretamente do padre, do próprio padre Crespi?”

O arqueólogo estreitou os olhos quando a pergunta de Garcia surtiu o efeito desejado e o cientista ficou irritado. “Não, o reitor desta igreja é Pedro Lova, superior do padre Crespi, e todos os membros da ordem salesiana fizeram votos de pobreza, castidade e, sobretudo, obediência. Crespi não é exceção.” O tenente Garcia disse enfaticamente: “Padre Crespi”.

A discussão estava esquentando e o arqueólogo achou melhor puxar os chifres. “Tudo bem, o padre Crespi não é exceção às regras. Pagamos à igreja 113.000.000 sucres [quase \$ 433.000] e essas “coisas”, como você disse, agora pertencem ao governo e, quando terminarmos de avaliar e embalar, irá para o museu aqui em Cuenca para todo o público para curtir. Isso é isso!”

“Permitame (permita-me), senhor, fui batizado pelo bom padre e o conheço bem. Ele ficará furioso, simplesmente furioso quando vir o que você está fazendo. ”

"É por isso que o tesouro, quero dizer, a coleção, está agora sob a proteção do exército, e é por isso que você está aqui, tenente."

De repente, a porta do pátio se abriu com um estrondo e o temido furacão italiano entrou rugindo. Cuenca é uma cidade pequena e o Padre Crespi tinha muitos amigos devotos que lhe disseram que o trabalho de sua vida estava sendo saqueado e ele ficou furioso. Eles tentaram prendê-lo no hospital.

"Você não pode ir embora a menos que o médico aprove", disseram eles. Ele rugiu de volta, "Eu vou embora quando eu quiser. Chame uma ambulância ou vou andando. " A equipe correu para chamar uma ambulância.

Na igreja, sua caminhada era instável e ele cambaleava e fraco, mas o fogo estava aceso. Ele viu uma dúzia de trabalhadores manipulando seus preciosos artefatos e soltou um uivo de raiva. "O que você está fazendo com minhas coisas?"

Seu superior, Pedro Lova, se interpôs entre o velho indignado e os arqueólogos e ergueu as mãos para afastar os combatentes. Crespi estava gritando bem alto: "Tire suas mãos, tire suas mãos!" e seu rosto ficou vermelho. "Tire suas mãos das minhas coisas. Aqueles são meus." O motorista da ambulância colocou a mão firme, mas afetuosa, de contenção no braço de Crespi e sussurrou: "Padrecito (pai), por favor, volte para a maca, você não devia nem sair do hospital. Por favor." Então, com velocidade surpreendente para um homem de noventa anos, o enfurecido Crespi deu um passo em volta de seu superior e arrancou um jarro de cerâmica extremamente raro das mãos de um trabalhador, o tempo todo continuando a gritar: "Pegue seu tire as mãos das minhas coisas. "

Finalmente se recuperando do choque da presença explosiva de Crespi, o arqueólogo olhou para o tenente e acenou com a cabeça. O aceno foi compreendido e Garcia acenou com a cabeça para seus soldados. Eles se colocaram entre os trabalhadores e Crespi, portaram seus rifles na altura do peito e lentamente o empurraram. Eles gentilmente, mas com firmeza, o conduziram em direção ao seu minúsculo quarto na extremidade do pátio.

O trabalhador da ambulância o acomodou na cama dura de madeira forrada de jornal e gentilmente colocou o cobertor gasto sobre ele. Ele respirava com dificuldade e era óbvio que a broncopneumonia não tinha terminado com ele; então, exausto, ele caiu em um sono agitado. Enquanto ele dormia, os trabalhadores continuaram fazendo isso, baixando estátuas de

pedra gigantescas das sacadas superiores com cordas. As enormes peças de pedra foram rapidamente carregadas em caminhões e levadas embora.

O trabalho começou classificando os quase dez mil artefatos que o pessoal do museu decidiu levar. Foi um dos melhores carregamentos que o museu já fez, pois se eles o tivessem comprado no mercado aberto, teria custado centenas de

vezes o que pagaram - uma média insignificante de 43 dólares por item. A igreja foi terrivelmente prejudicada, pois no mercado aberto ou em leilão, a coleção de Crespi renderia milhões de dólares. O reitor da igreja, padre Pedro Lova, era mesmo tão denso? O dinheiro supostamente era para completar a construção de uma nova escola e continuar o maravilhoso programa de merenda do padre Crespi, de modo que as crianças também foram enganadas.

Agora, onde está o ouro? Wayne May, editor da revista *Ancient American*, claramente se lembra de ter visto fotos do ouro disputado mostradas a ele pelo recém-instalado diretor de arqueologia do Equador. As fotos foram tiradas pelo arqueólogo no museu do governo em Cuenca, e o local em que ele as expôs foi uma conferência independente, "Unsolved Mysteries", realizada em Viena, Áustria, em 2001 por Klaes Dona no Vienna Arts Center. O diretor trouxe as fotos dos tesouros de Crespi para compartilhar com a conferência. As fotos da abóbada do museu de Cuenca, com a porta de aço aberta, mostram os artefatos de ouro de Crespi empilhados até o teto. Wayne May lembra que havia muitos itens grandes de ouro. E eles deliberadamente ignoraram o ouro, então correram os boatos, e qualquer coisa que cheirasse às teorias malucas de Crespi. No entanto, aqui estavam os artefatos de ouro que foram levados para o museu. As pessoas que realmente preocuparam os arqueólogos estabelecidos foram os arqueólogos equatorianos mais jovens, que acreditam na difusão da cultura; que acreditam que nossos antepassados, como Vasco da Gama e Francis Drake, navegaram nos oceanos e puderam velejar completamente ao redor do mundo. Veja o povo da Nigéria, que disse aos primeiros exploradores brancos na África: "Costumávamos remar através do lago regularmente para negociar com os pequenos morenos". A lagoa, é claro, era o Oceano Atlântico. navegou nos oceanos e poderia navegar completamente ao redor do mundo. Veja o povo da Nigéria, que disse aos primeiros exploradores brancos na África: "Costumávamos remar através do lago regularmente para negociar com os pequenos morenos". A lagoa, é claro, era o Oceano Atlântico. navegou nos oceanos e poderia navegar completamente ao redor do mundo. Veja o povo da Nigéria, que disse aos primeiros exploradores brancos na África: "Costumávamos remar através do lago regularmente para negociar com os pequenos morenos". A lagoa, é claro, era o Oceano Atlântico.

No magnífico Museu Nacional de Antropología da Cidade do México, vi uma vez a foto de um mural maia de Yucatan. Ele claramente mostrava guerreiros negros vendendo homens brancos amarrados aos maias marrons,

o que não deveria nos surpreender. A Midwestern Epigraphic Society possui pedras esculpidas no meio-oeste dos Estados Unidos, mostrando homens e mulheres negros bonitos e dignos que datam de antes de Cristóvão Colombo. Conforme relatado pelo Midwestern Epigraphic Journal e Ancient American, os rochedos foram escavados no meio-oeste americano por investigadores experientes e respeitáveis que publicaram suas descobertas, que foram posteriormente ignoradas pelos arqueólogos oficiais. Afinal, alguém disse: “Essas pessoas são apenas caçadores de potes e colecionadores de pontas de flechas; eles carecem de disciplina e não são credenciados. ” Mal sabia ele que Barry Fell, Warren Cook,

muito bem credenciado. Simplesmente não aceito por causa de suas teorias não conformes. O que os cientistas conseguiram quando tudo acabou e a poeira baixou? O museu contou seu saque: mais de dez mil itens magníficos. Sete mil peças de cerâmica fina e rara, representando todas as idades conhecidas da cultura equatoriana (exceto a mais antiga, o período Valdiviano), eram tão belas e valiosas que causariam inveja a outros curadores do museu. Depois, havia mais de 1.200 belas pinturas a óleo, que o padre disse serem Velhos Mestres Europeus. O padre Crespi afirmou que as pinturas lhe foram enviadas da Itália e da França para evitar o confisco pelos fascistas (nacional-socialistas sob Mussolini) e, mais tarde, pelos nazistas (nacional-socialistas sob Hitler). Ele disse que algumas das famílias mais antigas da Itália,

Crespi também negociou legitimamente com antiguidades do início dos anos 1920 aos anos 1950, antes de o governo restringir as exportações. Agentes alfandegários equatorianos confiscaram um grande lote de pinturas coloniais soberbos de artistas locais enquanto o padre tentava enviá-las para a Europa para venda. Eles estão agora no museu.

O que surpreendeu os respeitadores agentes do governo, Olaf Holm e Reinoso Hermidia, foi o olhar aguçado de Crespi para a beleza; eles mudaram de opinião sobre ele quando perceberam que ele era um colecionador muito exigente. Então por que ele tinha a reputação de ocasionalmente comprar lixo, como a placa de embreagem Ford decorada na fig. 3.21 ou latas de azeite com incisão desajeitada? Sua resposta foi: “Eles estão com fome e são muito pobres. Isso lhes dá um pouco de dignidade.”

Quando as pessoas ouviram boatos de que a igreja estava dando o tesouro de Crespi, eles apareceram em massa. Dois ex-alunos do Crespi que lecionavam em uma cidade fronteiriça entre o Peru e o Equador apareceram com um caminhão emprestado e, de acordo com um zelador da igreja que testemunhou com consternação, os dois professores levaram pelo menos um caminhão cheio de artefatos gigantes. Depois, havia o misterioso proprietário da fábrica de móveis, Atresanias Practicas, que gostou dos artefatos e teve acesso total e sem supervisão ao tesouro de Crespi. Uma enorme coleção de grandes pedras quadradas gravadas com um alfabeto linear fez parte de sua aquisição. As pedras foram posteriormente cimentadas no chão da sua fábrica, onde pelo menos podem ser estudadas, mas infelizmente fora de contexto. Ele é considerado o homem mais rico do Equador.

marcadores de trilha militar.

Os caminhões continuaram carregando por dias, e para onde foi a maior parte da coleta é um mistério. Era o caos, a poeira sufocante e a confusão, enquanto os arqueólogos Holm e Hermidia se sentavam com lenços úmidos sobre o nariz atrás de portas trancadas, tentando febrilmente concluir o enorme projeto. Muitos dos trabalhadores e cientistas ainda se queixam de problemas respiratórios graves e persistentes, relata o antropólogo Warren Cook.

Quando Cook estava lá com o fotógrafo Warren Dexter, eles tiveram que literalmente implorar a Pedro Lova, o padre superior, permissão para passar apenas alguns minutos no quarto andar, onde tudo que os dois arqueólogos não haviam escolhido estava empilhado desordenadamente, e Cook pegou do pó uma tiara infantil de ouro de valor inestimável com uma esmeralda bastante substancial que havia sido deixada cair descuidadamente no chão em meio à confusão. Mas o verdadeiro enigma nesse tesouro dourado eram as imagens, pois repoussé no ouro eram imagens de “misturas” geneticamente malformadas, meio-humanas e meio-animais, pateticamente olhando para nós ao longo dos séculos. Era esta a evidência do folclore antigo? Ou era esta a ciência pervertida da Atlântida?

Havia também pesados capacetes dourados, um com o que lembra um retrato em quadrinhos do Rei Comus, o rei europeu pré-cristão do Mardi Gras. Outras coroas mais leves eram obviamente para uso cerimonial com a armadura de ouro, e algumas das valiosas placas de bronze de Crespi estavam espalhadas. Durante o curto tempo que os homens tiveram disponível, eles procuraram por outra peça, uma placa de ouro mostrando uma pirâmide de treze degraus mostrada em [placa 5](#), que Barry Fell me disse ser escrita paphiana da Ilha de Chipre (embora outro lingüista afirme que é protofenícia). Eles não o encontraram. Todo o material amarelo era ouro? A lógica nos diz que o ouro era comum na época dos conquistadores. Atahualpa, o inca capturado, depois de mandar seus xamãs sacrificarem cinco meninos no altar porque ele havia se resfriado e queria uma cura rápida, voltou-se para o verdadeiro problema em questão. Ele ofereceu um cômodo cheio de ouro - sete metros por cinco por dezessete por três metros - 3.366 pés quadrados de objetos de ouro e dois cômodos de tamanhos iguais cheios de prata se os espanhóis o libertassem. Eles garantiram a ele com promessas solenes: "Sim, nós o libertaremos quando o ouro for entregue."

Quando os espanhóis tomaram posse da sala cheia de ouro e Pizarro, o chefe, estava convenientemente ausente, Atahualpa foi estrangulado. Isso foi em 1533.

Mas a história mostra que havia ouro em abundância no Equador e, quando os líderes indígenas perceberam o que havia sido feito com Atahualpa, correram para recolher o resto de suas relíquias de ouro e escondê-las. Eles esconderam cerca de dez a quinze vezes o pagamento do resgate. Uma pequena patrulha espanhola relatou que estava perseguindo uma lhama e um trem de carga e avistando uma pesada corrente dourada de trinta metros de comprimento, com cada transportador lidando com um elo pesado. Em qualquer caso, a corrente e o resto do ouro arrancado das paredes do templo e de outros lugares sagrados simplesmente desapareceram. Então, por que contestar que o material amarelo brilhante, pesado e não corroído em exibição em 1978 era ouro?

Difícil passar despercebido entre os tesouros do padre seriam as caixas douradas de múmia em estilo egípcio, com mais de dois metros de altura; no entanto, os dois Warren não os viram no sótão bagunçado. Os estojos de múmia eram semelhantes a alguns na coleção do arqueólogo israelense e ministro do exterior Moshe Dayan, que tinha seis desses sarcófagos em sua coleção pessoal. Mas nenhum era de ouro batido como estes. Talvez eles ainda estejam lá em algum lugar, escondidos sob pilhas de destroços. Talvez eles estejam no cofre do museu. Talvez, conforme rumores em Cuenca, alguns deles decorem a casa de fortaleza de um homem rico.

Um boato diz que parte do ouro foi enviado para o Vaticano, mas devemos prestar atenção aos boatos? O padre Flores-Haro disse a Cook que uma palavra oficial veio do Vaticano ordenando que o que restasse do tesouro fosse mantido fora da vista do público. De novo, cui bono?

O arqueólogo que mostrou ao editor Wayne May as fotos de ouro no cofre misteriosamente sumiram de vista, e May simplesmente ainda não o localizou.

6

ADEUS, MEU AMIGO

PARA RETROCEDER POR SÓ UM MINUTO, O superior do padre Crespi, Pedro Lova, ligou para o Banco Central em Quito e colocou em movimento uma agenda oculta, um evento que ficou em segundo plano por muitos anos - para esmagar o absurdo imaginativo de Crespi sobre os visitantes mediterrâneos colonizando o Equador. Suas estranhas teorias eram uma vergonha para a igreja, disse-me Pedro Lova em uma visita a Cuenca. O plano era simples: usar dois arqueólogos confiáveis com excelente reputação estabelecida e separar todas as coisas "boas", dando-lhes aprovação oficial, enquanto o "lixo", que era qualquer coisa de que o velho italiano louco gostava, deveria ser ignorado, escondido afastado, ou enterrado. Como um arqueólogo observou, muito do que Crespi acreditava - os enormes rolos de ouro e alumínio, a placa de ouro do zodíaco, a placa de pirâmide de ouro com escrita linear paphiana-cipriota, e o resto dos artefatos "falsos" - simplesmente deveriam ser ignorados e jogados de lado. O senhor Crespo, chefe do museu do Banco Central de Quito, tinha certeza de que seus leais arqueólogos separariam o lixo e dariam ao museu do governo apenas artefatos "genuínos". Crespo estava absolutamente certo de que seus especialistas não poderiam ser enganados. Em 1980, Crespo disse a Dexter e Cook que um conhecido seu, o editor da Revista Anthropologico, havia lhe dito: "Quanto àquela chapa, que ele chama de revestimento de parede, só serve para ser derretida; enquanto o resto é pura bobagem feita por artesãos locais para enganar um velho padre crédulo." Crespo estava absolutamente certo de que seus especialistas não poderiam ser enganados. Em 1980, Crespo disse a Dexter e Cook que um conhecido seu, o editor da Revista Anthropologico, havia lhe dito: "Quanto àquela chapa, que ele chama de revestimento de parede, só serve para ser derretida; enquanto o resto é pura bobagem feita por artesãos locais para enganar um velho padre crédulo." Crespo estava absolutamente certo de que seus especialistas não poderiam ser enganados. Em 1980, Crespo disse a Dexter e Cook que um conhecido seu, o editor da Revista Anthropologico, havia lhe dito: "Quanto àquela chapa, que ele chama de

revestimento de parede, só serve para ser derretida; enquanto o resto é pura bobagem feita por artesãos locais para enganar um velho padre crédulo. ”

Eu queria prestar minhas homenagens àquele velho padre crédulo e ver Carlo Crespi antes de ele falecer, então peguei um voo para Quito e pulei em um ônibus da montanha dos Andes que subia sobre as nuvens até Cuenca para minha última visita. Um velho táxi surrado me deixou na porta da frente da igreja e lá no pátio estava o padre Crespi cercado por um grupo de admiradores amorosos. “Dame un bendicion”, diziam eles. (Dê-me uma bênção.) No grupo ao redor dele havia mendigos em roupas esfarrapadas ao lado de algumas pessoas de classe média obviamente prósperas. Eu o vi enfiar a mão no bolso e tirar um punhado de moedas para as pobres crianças agrupadas ao seu redor. Ele me viu e se afastou rapidamente de seus admiradores para seu minúsculo quarto, próximo ao pátio. Ele se abaixou e saiu

com um grande sorriso no rosto, carregando um objeto favorito. Era o meu favorito também, uma placa pesada de bronze fundido de uma senhora exótica vestida com um cocar real. Penso nela como uma princesa atlante, mas seu rosto, especialmente seus olhos amendoados, me lembra uma estátua etrusca masculina. "O Apolo de Veii do sexto século AEC, Reechard", ele exultou triunfante. "Eles não entenderam tudo." Então ele alcançou seu minúsculo quarto e puxou mais quatro placas de bronze de debaixo da cama forrada de jornal. Havia a placa "Golias", completa com uma marca da pedra de estilingue de Davi em sua testa e, para dar uma ideia do tamanho de Golias, ele está segurando a cabeça decepada de um homem em uma estaca; a cabeça tem metade do tamanho da do gigante. Em seguida, havia a placa "David", com David segurando uma cabeça decepada de gigante que é duas vezes maior que a de David.

Crespi estava cansado; ele tinha quase noventa anos e acabara de sair do hospital. Ele também suportou o choque estrondoso do confisco de seus preciosos artefatos - o trabalho de sua vida. Conversamos um pouco e então ele se cansou e se deitou. Infelizmente, depois de uma visita calorosa, me despedi e fui embora; não havia mais nada que eu pudesse fazer.

CONVERSA DE JANTAR

Uma surpresa de peixe cozido

O SOL APENAS DESAPARECEU em direção a Miami, e eu estava saboreando uma tigela de deliciosa sopa de peixe das Bahamas misturada com a quantidade certa de pimenta em um restaurante em South Bimini, quando meu enteado Mike entrou com outro homem. Meu enteado, democraticamente amigável e extrovertido, aparentemente tinha um novo amigo. Eles não me viram no começo, então eu observei das sombras enquanto eles pediam garoupa grelhada e algumas cervejas Beck.

O amigo de Mike parecia um bandido latino típico. Ele era atarracado e tinha cerca de um metro e setenta, com cabelos pretos e grossos penteados para trás, ao estilo indiano. Sua pele era de uma cor de cobre distinta, mas seus olhos eram verdes, profundos e focados, refletindo genes espanhóis. Ele usava pesadas pulseiras de ouro nos braços e uma corrente dupla de ouro em volta do pescoço grosso. Seus dedos estavam cobertos de anéis, e as grandes pedras cintilantes nos anéis eram, sem dúvida, diamantes verdadeiros. Ele parecia o típico contrabandista pegue-o-rápido-e-perca-o-rápido na guerra da linha de frente para obter cocaína nos Estados Unidos. Quando o gerente acendeu as luzes do teto, Mike e seu amigo recém-descoberto me viram e iniciaram uma conversa animada enquanto olhavam para mim. Em seguida, Mike me indicou sua mesa para uma das melhores conversas de jantar que já tive.

“Richard, este é Carlos. Ele tem algo selvagem para lhe dizer. Ele acha que você vai se interessar, ”Mike começou. Sentei-me um pouco desconfiado. Mike continuou: “Tenho falado a Carlos sobre suas descobertas das invenções de alta tecnologia da Atlântida, e sua teoria sobre o povo que os espanhóis chamam de 'índios ignorantes', que eram tudo menos ignorantes, o deixou entusiasmado. Contei a ele sobre o prédio de mármore

que vimos aqui nas Bahamas, sob apenas 6 metros de profundidade, e limpamos com nosso espanador de areia. E contei a ele sobre suas fotos da coleção Crespi. Foi quando ele ficou animado. ”

Carlos bebeu outra cerveja e Mike traduziu. “Soy Colombiano (sou colombiano). Certa noite, no ano passado, eu estava bebendo em um bar em Cali, Colômbia, e puxei conversa com um gringo. Nós nos demos bem e acabamos indo para outro clube - um clube muito exclusivo. Muito caro. Mulheres realmente bonitas. Alguns deles eram até da Rússia. O nome do homem era Estan. Ele tinha muito dinheiro. Durante a noite, nós dois ficamos muito bêbados e bebemos sem parar por dois dias. Eu me diverti muito com Estan.

“Estan me contou que esteve em uma expedição às selvas do Equador, onde localizou as cavernas de Carlos Crespi, o fabuloso tesouro do povo de caçadores de talentos Shuara. Havia oito cientistas americanos na viagem e um punhado de pessoas de apoio. Estan nunca me disse seus nomes, mas disse que encontraram muitos tesouros, muito ouro, armadura de ouro, revestimentos de parede de ouro como papel de parede, mas mais grossos; e todos os tipos de artefatos antigos, como objetos pesados de cobre e máquinas com rodas e engrenagens. Estan disse que sabia que eram máquinas, mas não sabia para que serviam, talvez para moer grãos. O problema com a máquina era a peculiar cor vermelha do metal. Tinha um metalúrgico com a equipe e ele ficou muito animado e começou a testar metais. Primeiro, ele testou a dureza do metal vermelho. Ele soltou um grito de que era duro como aço. Então ele pegou um grande quadrado de folha de metal e testou como alumínio. Mas o melhor de tudo foi um quadrado de ferro que ele bateu com um martelo. Não tocou - ele bateu com muita força, e apenas bateu. Não tenho inclinação técnica, mas até eu pude ver que um homem poderia ganhar muito dinheiro com uma invenção dessas. Então, uma cientista encontrou um trono gigante com muitos outros móveis. Era grande o suficiente para um gigante e decorado com pedras preciosas, mas o metal parecia estanho, então ela deu um empurrão. Ela se assustou quando ele se inclinou com um leve empurrão, quase como se não pesasse nada. Ela o ergueu e o balançou sobre a cabeça com apenas uma das mãos. Um trono sem peso. Fale sobre o dinheiro que você poderia ganhar com isso. Então ela perdeu a calma e riu histericamente. Acho que Estan havia encontrado os túneis secretos do padre Crespi, pelo menos foi o que ele me disse. Eu nunca tinha ouvido falar de Crespi antes disso. Estan disse que procurava os túneis de Crespi há anos. Finalmente, com algum dinheiro real investido por algum figurão - ele não me disse quem - Estan tinha atingido o grande momento.”

A história de Carlos me emocionou. Ele colocou as peças que faltavam do quebra-cabeça arqueológico no lugar.

Existem outros grupos igualmente determinados a nos impedir de descobrir o passado? Os aristocratas que controlam nossos governos nos bastidores ou os gananciosos que desejam que as descobertas do passado tecnológico permaneçam enterradas

até descobrirem uma maneira de lucrar com isso? Provavelmente há outros motivos, como a possibilidade de desenterrar tecnologias de combate agora desconhecidas.

Uma tarde, anos depois dessa surpresa de peixe cozido em South Bimini, eu estava em El Salvador almoçando com um grupo de fazendeiros na cidade de Ahuachapan quando um fazendeiro se ofereceu para me vender algo que seu arado havia descoberto. Era um pequeno objeto de cerâmica em forma de torpedo, com cerca de 15 centímetros de comprimento. Continha uma cabine com duas figuras masculinas voltadas para a frente. O torpedo tinha um para-brisa baixo, parecido com uma motocicleta. A nave não tinha teto, hélice ou naceles para motores, mas tinha um aileron com palheta na parte traseira. Era um modelo de uma nave antigravidade? Saber o segredo da nave antigravidade faria qualquer comandante das forças armadas modernas babar. Tanto tempo, pois o inimigo não conhecia o segredo.

É possível que alguns dos super-ricos e poderosos estejam explorando nosso passado arqueológico por motivos particulares e distorcendo nossa história na barganha?

PARTE DOIS

O MAU USO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA ANTIGAS

A Idade da Pedra Voluntária

8

O MISTERIOSO DESAPARECIMENTO DE PERCY FAWCETT

O XAMÃ INDIANO aplicou uma pomada secreta e uma larva inchada apareceu pela abertura do antebraço do explorador Percy Fawcett e emergiu na luz. Quando chegou acima da pele, o xamã o beliscou entre o polegar e o indicador, e ele saltou para fora do buraco sangrento. O explorador tratou a ferida aberta com iodo e então fez algo que não era comum para ele - sorriu.

Fawcett era um tenente-coronel do exército britânico, estacionado ao longo da fronteira desconhecida entre a Bolívia e o Brasil. Sua missão: mapear a fronteira dos governos do Paraguai, Bolívia, Peru, Brasil e, claro, da Inglaterra imperial. A época: o início de 1912. O coronel passou anos - começando em 1906 - mapeando as áreas desconhecidas, financiado em parte pela Sociedade Geográfica Real Britânica, e deu-lhes o valor de seu dinheiro. Ele fez um trabalho esplêndido de mapear as fronteiras nacionais e, ao mesmo tempo, aprender como sobreviver na selva. Homem duro e disciplinado, até ele achou a floresta tropical brasileiro-boliviana um lugar assustador. Ele e sua equipe de exploradores dormiam sob as redes mosquiteiras para se protegerem dos muitos voadores e rastejantes da noite, mas se eles deixassem uma parte do corpo roçar na rede, criaturas à espreita tirariam vantagem. *The Lost City of Z*, um relato de não ficção de David Grann, reconta a história do verme acima mencionada, e é uma leitura emocionante. Fawcett também se referiu aos vermes em seu diário.

A selva está cheia de coisas desagradáveis. Um dos perigos são os morcegos vampiros - sugadores de sangue com incisivos afiados que fazem um corte indolor nas veias da vítima e, em seguida, abanam as asas muito lentamente para manter a vítima adormecida fria enquanto lambem seu sangue; sua saliva contém um anestésico, então a pobre vítima não sente o ferimento. As minúsculas mosca ihenni, ou no-see-ums, são pequenas o suficiente para passar pela malha do mosquiteiro e causar muitas noites perdidas de sono. Depois, há fungos; ele se prolifera na umidade e pode apodrecer ou descolorir a

pele para o resto da vida. Existem aranhas venenosas, carrapatos, pulgas, piolhos, larvas, formigas, canibais

peixe piranha e dezenas de coisas que picam, incluindo a mortal cobra Fer de Lance; mas o que os nativos mais temem é a cobra sucuri gigante, não venenosa, mas grande e poderosa o suficiente para esmagar uma pessoa adulta com facilidade e engolir a vítima inteira. Durante uma expedição na seção de Mato Grosso do Brasil, Grann relata que Fawcett matou uma sucuri que tinha um pé de largura e sessenta e dois pés de comprimento.

Além dessas criaturas móveis, as árvores costumam se proteger com lombadas e adesivos, por isso é preciso ter cuidado, por mais cansado que seja, para nunca se apoiar em nada. E a espessa copa das árvores bloqueia a luz direta do sol, banhando a selva com um tom cinza-esverdeado psicologicamente deprimente.

Mas o fator mais atormentador é a umidade, que está perto da saturação total. Imagine viver, caminhar, cozinhar, comer e tentar dormir em um banho de vapor contínuo tão intenso que os nativos enfrentam os perigos e saem nus. Também é mais fácil retirar insetos rastejantes da pele nua do que vasculhar uma camada de roupa.

Durante os anos que passou pesquisando, Fawcett conversou com centenas de pessoas que conheciam a selva: seringueiros, soldados, madeireiros, padres e nativos locais. Aos poucos, ele juntou uma história consistente de cidades perdidas, e seus detalhes corroborantes convenceram Fawcett de que houve uma grande civilização no Mato Grosso, na Amazônia brasileira. Um documento datado de 1753 em um museu em São Paulo, Brasil, falava de uma antiga cidade escondida e abandonada na Serra do Roncador, perto do Rio Xingu, um afluente do Amazonas. Ele encontrou muitas outras referências a cidades que brilhavam com um azul suave ao luar quando o sol se punha.

Como Fawett relata em seu diário, essas cidades eram povoadas por uma raça de índios guerreiros ferozes com pele branca, cabelos loiros dourados, ruivos ou ruivos, e mãos e pés delicados. Fawcett vivia com uma tribo chamada Tapuyas, que era “tão bela quanto o inglês médio”, cita Fawcett em seu diário. Fawcett disse que os tapuyas eram excelentes escultores de jade e fabricantes de joias que falavam de vastos tesouros, incluindo templos abandonados cobertos de ouro. Mais sério, predisse seu diário, ele ouviu que as chances de sair vivo eram mínimas. Para lembrá-lo dessa verdade, estava um relato documentado de uma expedição de 1650 de 1.400 soldados fortemente armados em busca da cidade perdida de Manoa na floresta tropical, que desapareceu na selva e nunca mais se ouviu falar dela.

Os padres missionários jesuítas nos anos 1700 relataram muitas cidades perdidas no Mato Grosso, mas foram ridicularizados por especialistas geográficos, que insistiram que a selva não poderia sustentar uma população grande o suficiente para povoar uma cidade gigante. O solo é também

pobre e a camada superficial do solo é lavada durante as chuvas torrenciais ferozes e eternas.

Os oficiais superiores de Fawcett advertiram: “Você está deixando sua cabeça inchar com histórias de fogueiras de bêbados inventadas por pessoas de raça inferior. Limite-se à pesquisa, Coronel, você é bom nisso. ” Com sua honra ofendida, Fawcett deixou o exército e deu palestras para a Royal Geographical Society, arrecadando dinheiro para uma expedição civil para encontrar Manoa, a cidade perdida do ouro.

Enquanto estava no Sri Lanka, seu irmão o informou sobre Budismo, Os Mestres e Helena Blavatsky. Ele ficou fascinado com a verdadeira história de Blavatsky de ser baleado enquanto lutava pela revolução de Garibaldi para unificar a Itália. Atingida por uma bala de calibre 60, ela ameaçou ruidosamente os cirurgiões do campo de batalha com a morte se eles ousassem tentar amputar sua perna destroçada pela bala. Ela se recuperou com força de vontade e caminhou novamente, mas mancando. Ela era o tipo de pessoa de Percy.

Blavatsky havia escrito sobre seus esforços para encontrar uma cidade perdida quando estava explorando a América do Sul, e isso convenceu Fawcett de que as lendas e histórias eram verdadeiras e ainda mais incríveis do que ele imaginava, e que essas cidades haviam sido colônias da Atlântida. Se A Doutrina Secreta de Blavatsky fosse de fato precisa ao mencionar Atlântida, então encontrar uma civilização tecnológica antiga abandonada na Antiguidade seria a confirmação de suas afirmações. Sem dúvida Fawcett também havia lido o livro anteriormente mencionado de Besant, Man, Whence, How, and Whither, que falava das colônias atlantes no Peru.

Encontrar uma colônia de Atlântida também seria um primeiro passo dramático para provar a existência da “Irmandade dos Santos”, considerada por Besant e Blavatsky a força motriz secreta por trás da mudança produtiva em nosso mundo. Típico do desprezo amontoado nos planos de Fawcett era o sentimento de um bewhisker, “barba grisalha britânico gordo e extremamente rico: Balderdash. Fawcett, inspirado por Blavatsky e Besant juntos, um asilo para lunáticos em triplicado. Eu não daria a ele um centavo. ”

A experiência ensinou a Fawcett que uma grande equipe era cara, desajeitada e perigosa - veja os 1.400 soldados que haviam desaparecido. Sua pequena equipe incluiria apenas ele, seu filho Jack e o melhor amigo de Jack, Raleigh Rimmel, fotógrafo de jornal.

Em 1925, Fawcett e seu grupo pegaram um vapor até o porto de Manaus, duas mil milhas subindo o Amazonas a partir do Oceano Atlântico, depois foram transferidos para um barco menor para a viagem proibitiva nas profundezas da floresta tropical. Então eles desapareceram para sempre.

Muitas expedições procuraram sem sucesso os exploradores desaparecidos. A última foi em 1996, quando um grupo bem financiado e equipado da Alemanha em busca de Fawcett foi capturado por uma tribo hostil e dispensado de todos os seus bens, motores de popa, rifles e o resto. A floresta tropical ainda é perigosa, e o líder alemão teve a sorte de sair com vida.

No entanto, levantamentos aéreos recentes seguidos de exploração terrestre do Mato Grosso mostraram uma série de grandes retângulos, artisticamente dispostos. Quando uma equipe de helicópteros pousou em um dos locais, encontrou uma boa terra preta fertilizada com dejetos humanos e carvão, e um solo muito cultivável, capaz de sustentar uma grande população.

Não está claro se Fawcett encontrou o que procurava. Antes de sua última partida, ele deixou um bilhete para sua esposa, dizendo: "Você não precisa ter medo do fracasso." Ela nunca mais ouviu falar dele.

9

LEGENDAS DE ATLANTIS

ATLANTIS FOI RECOMENDADO ter sido uma grande ilha no Oceano Atlântico, estendendo-se desde as ilhas dos Açores ao largo da costa de Portugal até ao oeste até às atuais Bahamas. Teve uma civilização poderosa e controlou a maior parte do mundo por meio de suas colônias. A ilha foi povoada pela raça vermelha, e se você quiser saber como eles eram, pense no chefe nativo americano Joseph, um nobre líder dos nativos americanos no oeste americano nos anos 1800.

O filósofo grego Platão descreve uma ilha-continente atlântica em seu Critias (360 aC) e em outros diálogos. Do outro lado da ilha estava outro continente com grandes rebanhos de grandes feras. Esta é uma possível referência ao bisão.

Pouco antes do colapso final da Atlântida imperial, ela enviou um exército de tamanho gigante para subjugar o resto do nosso globo. O diálogo Critias de Platão conta a história de gregos heróicos que derrotaram um grande exército atlante de um milhão de homens (veja abaixo e também no apêndice 1). O exército ateniense foi posteriormente destruído por uma enchente cataclísmica quando terremotos e um maremoto quebraram a ponte terrestre de Gibraltar que conectava a África com a Europa, permitindo as águas do oceano Atlântico, que encheram o vale mediterrâneo de ondas violentas e afogaram os antigos helenos Grécia. De acordo com Platão, a massa de terra da Grécia e das ilhas gregas atuais são tudo o que resta de uma nação grega muito maior. O grande tamanho dessa nação grega seria responsável por uma marinha ateniense maciça o suficiente para derrotar uma invasão atlante de um milhão de homens.

A história de Sólon, um dos sete legisladores reverenciados da Grécia antiga, foi transmitida a Platão por um sacerdote historiador egípcio da cidade de Sais, no Egito.

Psonchis: Solon, você se lembra de apenas um dilúvio, ao passo que houve muitos dilúvios antes dele. . . . Muitos grandes e maravilhosos feitos são registrados de

seu estado em nossas histórias, mas uma dessas excede todo o resto em grandeza e valor, pois essas histórias falam de uma grande potência, que estava agredindo desenfreadamente toda a Europa e Ásia, e à qual sua cidade acabou. Essa potência havia pousado na costa atlântica, pois naquela época o Atlântico era navegável a partir de uma ilha situada a oeste do estreito, que vocês chamam de Pilares de Hércules. A ilha era maior do que a Líbia e a Ásia juntas, e dela podiam ser alcançadas outras ilhas. E das ilhas você pode passar para o continente oposto, que rodeia o verdadeiro oceano, pois este mar, que está dentro das colunas de Hércules, é apenas um porto com uma entrada estreita, mas aquele outro é um verdadeiro mar e os arredores a terra pode ser mais verdadeiramente chamada de continente. Agora a ilha se chamava Atlântida e era o coração de um grande e maravilhoso império, que governava toda a ilha e várias outras, bem como partes do continente; além disso, sujeitaram partes da Líbia [África] até o Egito, e da Europa até a Tirrênia [Suíça]. O vasto poder assim reunido em um se esforçou para subjugar com um golpe nosso país e o seu, e toda a terra. Tendo passado pelo extremo do perigo, ela derrotou e triunfou sobre os invasores e preservou da escravidão aqueles que ainda não estavam sujeitos, e libertou livremente todos os outros que viviam dentro dos limites de Hércules. E então, Sólon, seu país brilhou na excelência de sua virtude e força entre toda a humanidade, pois ela foi a primeira em coragem e habilidade militar, e foi a líder dos aliados helênicos. E quando o resto caiu dela, sendo compelida a ficar sozinha após ter passado pelo extremo do perigo, ela derrotou e triunfou sobre os invasores e preservou da escravidão aqueles que ainda não estavam sujeitos, e libertou livremente todos os outros que viviam dentro do limites de Hércules. Mas depois ocorreram violentos terremotos e inundações, e em um único dia e noite de chuva, todos os seus homens guerreiros, em um corpo, afundaram na terra, e a ilha de Atlântida da mesma maneira desapareceu sob o mar.

Mais tarde no diálogo, Psonchis descreve a raça Atlante:

Por muitas gerações, enquanto a natureza divina durou neles, eles foram obedientes às leis e bem afetuosos para com o Deus que era seu parente, pois possuíam espíritos verdadeiros e em todos os sentidos grandes, praticando gentileza e sabedoria nas várias mudanças da vida, em suas relações uns com os outros.

Eles desprezavam tudo, exceto a virtude, não se importando com seu estado atual de vida

e pensando levemente na posse de ouro e outras propriedades, que pareciam apenas um fardo para eles. Nem estavam intoxicados pelo luxo, nem a riqueza os privava de seu autocontrole, mas eles estavam sóbrios e viram claramente que todos esses bens são aumentados pela amizade virtuosa uns com os outros, e que pelo zelo excessivo por eles e honra deles, o bem deles se perde e a amizade com eles perece. Por tais reflexos e pela continuação neles de uma natureza divina, tudo o que descrevemos aumentou e aumentou neles e se diluiu muito freqüentemente e com muito da mistura mortal, e a natureza humana levou a melhor. Eles sendo incapazes de suportar sua fortuna tornaram-se inadequados e para aquele que tinha olhos para ver eles começaram a parecer mesquinhos, e haviam perdido o mais belo de seus dons anteriores;

O filósofo grego Aristóteles, cuja teoria de que a Terra era o centro de nosso universo foi aceita até ser desafiada pelo astrônomo Copérnico no século XVI, disse algo como, "Phooey na Atlântida de Platão". Ele não acreditava nisso e rejeitou Platão com irritação. Afinal, Aristóteles era o queridinho da igreja, e se você acredita que Platão estava certo, você tem que acreditar que somos filhos e filhas dos deuses, os próprios descendentes dos extraterrestres.

Os pesquisadores dizem que o historiador Heródoto visitou o Egito por volta de 500 aC e relatou que os sacerdotes egípcios datavam sua história escrita em 113 séculos antes de sua chegada, ou 11.300 anos atrás. Ele escreveu que tinha visto 341 estátuas de sumos sacerdotes que se sucederam durante aquele período, indicando um reinado médio de trinta e três anos cada. Os sumos sacerdotes falavam de uma antiga ilha paradisíaca situada a oeste das Colunas de Hércules: Atlântida. E Krantor, um dos alunos de Platão, afirmou ter visto no Egito uma coluna ou estela que confirmava a história da Atlântida de Sólon. "Eu vi a evidência", afirmou ele, "e foi preservada pelos sacerdotes egípcios."

Manetho, o Mendesiano, em 250 AEC, escreveu: "Os egípcios obtiveram sua escrita hieroglífica de um continente submerso".

No primeiro século AEC, Diodorus Siculus escreveu: ". . . pois lá se encontra nas profundezas, perto da Líbia, uma ilha de tamanho considerável. " E, "O reino de Atlantoi foi dividido entre os filhos de

Urano". E, "Os fenícios obtiveram seu alfabeto da ilha de Atlântida".^{* 4}

Existem muitas centenas de referências ao continente submerso, mas uma se destaca. A história chamada Oera Linda Boek, que alguns bravos estudiosos europeus acreditam ser o mais antigo documento gótico sobrevivente na Europa. Este texto surpreendente veio à tona em meados de 1800 na Holanda. A proeminente família Over de Linden guardava o Oera Linda Boek como um tesouro familiar e o mantinha escondido. Em seguida, Cornelius Over de Linden, chefe da família e respeitado diretor dos Estaleiros Navais Reais da Holanda, mencionou a Oera Linda Boek a um importante estudioso holandês, Dr. E. Verwijs. Cornelius disse que não conseguiu ler o documento e estava curioso sobre seu conteúdo. Verwijs organizou um grupo de estudos, que iniciou um exame. Eles prepararam um texto em holandês em 1872, e uma tradução em inglês foi publicada em 1876. Após as denúncias iniciais previsivelmente furiosas, várias autoridades credenciadas começaram a apoiar a autenticidade do documento. O Dr. JR Vtringa, um dos primeiros críticos do texto, desculpou-se por sua primeira reação e admitiu que estudos posteriores o levaram a uma firme crença na autenticidade do documento.

Outro manuscrito preservado pela família Over De Linden é uma carta escrita por seu ancestral Hiddo, que recopiou o Oera Linda Boek em 1256 EC para seu filho Okke:

Okke, meu filho, você deve manter esses livros de corpo e alma. Neles está a história de nosso povo. No ano passado, eu os salvei da inundação no momento em que salvei você e sua mãe. Eles ficaram molhados e começaram a morrer. Para preservar, copiei-os em papel estrangeiro. Quando você os herda, você deve prometer copiá-los, assim como seus filhos. Dessa forma, eles nunca serão perdidos.

O Oera Linda Boek descreve um período antigo de grandes transformações naturais.

Antes da chegada da forte enchente, nossa terra era a mais bonita do mundo. O sol subia mais alto naquela época e raramente acontecia geada. As árvores e arbustos produziram frutos que não conhecemos mais. Eles se perderam. Nossos campos produziam aveia, cevada e centeio, e um trigo dourado, que podia ser secado ao sol. Alguns assaram o trigo com o sol. Os anos nunca foram contados porque um ano foi tão feliz quanto os que passaram. De um lado, estávamos cercados por Twiskland, pelo qual o povo de Finda não ousava

vir. Twiskland tinha florestas densas e muitos animais selvagens e perigosos. . . .

Em frente a nós estava West Britanja, que chamávamos de Westland. Havia minas de estanho lá, e nossos marinheiros e mercadores tinham muitas fábricas e postos em

Lydia, onde as pessoas são negras.

Durante todo o verão, o sol ficou escondido atrás das nuvens como se nunca fosse voltar a brilhar em nosso mundo. Houve uma calma perpétua. Uma névoa úmida pairava como um pano úmido sobre as casas e os pântanos. O ar estava pesado e parado. As pessoas ficaram tristes. Em meio a essa imobilidade, a terra começou a tremer como se ela tivesse convulsões. Montanhas vomitaram fogo e chamas. Alguns países afundaram na terra enquanto outros surgiram dos vales e planícies.

. . . Atland, a pátria-mãe a oeste, além de Britanja, desapareceu, e a água selvagem subiu tão alto sobre as colinas e vales que tudo foi enterrado no mar. Muitas pessoas foram engolidas pela terra.

Outros que escaparam da morte pelo fogo se perderam nas ondas altas. Não foi apenas nas terras de Finda que a terra cuspiu fogo, mas também em Twiskland. Grandes florestas foram queimadas uma após a outra. Quando o vento soprou daquele lugar, nossa terra estava coberta de cinzas. Os rios mudaram seus cursos. Em sua foz, novas ilhas foram formadas de areia e deriva.

Por três anos isso nunca parou, mas finalmente parou. As florestas tornaram-se novamente visíveis para nós. Muitos países foram afundados nas águas. Em outros lugares, novas terras surgiram do mar. A floresta foi destruída em metade de Twiskland. Muitas pessoas de Finda vieram e se estabeleceram nessas terras áridas. Nosso povo que fugiu para Twiskland foi exterminado ou escravizado. Nossa vigilância aumentou e aprendemos que união é força.

O documento afirma que, após um século de anarquia cruel, o governo da lei foi finalmente restaurado de forma dolorosa e o comércio internacional reiniciou. Como Oera Linda Boek é tão antigo e foi copiado tantas vezes, há uma possibilidade distinta de que os escritores estejam misturando seus cataclismos. A frase “a névoa pairava sobre a terra” e a referência às terríveis convulsões podem ter sido confundidas entre o naufrágio da Atlântida e o subsequente inverno Fimbul. Ninguém realmente sabe.

Podemos, entretanto, fazer suposições fundamentadas, que é sobre o que trata o restante deste livro; Espero que ressoe com você.

O PANECILLO LASER

UM LASER PRÉ-HISTÓRICO, na verdade, sentado no topo do maior monte feito pelo homem na Terra, e o monte é projetado e moldado como um espermatozóide gigante. Em talvez uma das maiores estruturas de engenharia humana na Terra estão os restos visíveis do que pode ter sido uma das primeiras estações de transmissão de laser do mundo. O gigantesco monte curvo é chamado de El Panecillo, o pãozinho do café da manhã (pan-a-see-yo).

Panecillo, que fica dentro dos limites da cidade de Quito, Equador, a 9.200 pés de altitude, é tão grande que pode ser visto de quase todos os bairros de Quito. É ofuscado por um semicírculo de vulcões ativos, nuvens envoltas e ainda respirando silenciosamente uma dica sinistra de erupções futuras. No entanto, o povo de Quito está tão acostumado com os vulcões que nem liga para eles. Afinal, já faz muito tempo que o último disparou. Quem se preocupa?

Para provar a imparcialidade da Mãe Natureza, no entanto, as cinzas vulcânicas rapidamente, com o passar do tempo geológico, erodem em um solo negro rico em minerais, transformando o Equador em um dos jardins mais exuberantes do mundo. Lembro-me de ver um menino carregando dois repolhos gigantes cultivados neste solo rico. Enfiado em suas hastes grossas com cabos de corda de sisal caseiros; ele cambaleou sob sua carga pesada.

Quito, embora quase se estenda sobre o equador, tem talvez um dos climas mais agradáveis do mundo, ou seja, uma vez que você se acostuma com a altitude, as quatro estações se repetem diariamente, primavera pela manhã, verão ao meio-dia, outono. à tarde, e depois o inverno frio à noite. Traga um casaco quente ou um sobretudo se você planeja visitar.

Pedra revestida, tirada de estruturas antigas que antes pontilhavam Panecillo, estão embutidas nas fundações e paredes de casas de barro e tijolos recém-construídas aninhadas placidamente neste monte.

Alugue um táxi até o topo do Panecillo. Ou pegue um ônibus local por 35 centavos americanos, mas você terá que dividir o ônibus com os nativos locais que costumam transportar

galinhas e porquinhos-da-índia.

Agora sobre o laser pré-histórico: um adolescente andando em cima de Panecillo, pisou em um ponto fraco no monte, a terra cedeu e ele caiu em um buraco e quebrou a perna. Ele havia, infelizmente para ele, descoberto uma estrutura que estava enterrada há tanto tempo, que até mesmo a tribo Quiteno, que vivia lá, muito tempo antes dos Incas, não tinha memória dela. Quando os arqueólogos locais o descobriram, eles encontraram um edifício em forma de cúpula feito de um tijolo peculiar com uma abertura circular cuidadosamente trabalhada no telhado. Estendendo-se de sua parte inferior, havia um túnel feito de granito, colado com o onipresente cimento metálico da Atlântida. O túnel tem uma pedra angular, ou arco romano; muito peculiar, porque os nativos da América do Sul, incluindo os Incas, usavam pedras sobrepostas para fazer seus arcos, e até onde eu sei, este é o único arco romano antigo nas Américas. A cantaria cuidadosamente montada no túnel de saída mostra que eles poderiam ter construído o edifício com granito, se quisessem, ou qualquer outra pedra, então por que os construtores usaram tijolo na estrutura principal. Cayce disse que era tijolo refratário. Por que as pessoas que enterraram essa estrutura esculpiram as pedras frontais do arco? O que eles não queriam que nós, no futuro, víssemos? Na saída do túnel está um pedaço de rocha basáltica, cortado para caber em um canal curvo, possivelmente um dreno circulante, que, se você seguir a curva, leva de volta ao edifício. A coluna de basalto foi quebrada e irradiando dela uma série de linhas, colocadas no chão de terra, que podem ter sido usadas para avistar o dispositivo. Este edifício é um verdadeiro artefato fora do lugar, uma oopart. Um palpito bastante justo é que os povos antigos tinham tecnologia e a abandonaram deliberadamente. É claro que o maquinário interno foi destruído ou escondido.

Uma pista para sua construção foi dada em 1933, pelo vidente Edgar Cayce (na leitura # 440-5, 20 de dezembro de 1933), de um edifício que abrigava a Firestone of Atlantis. O Firestone era um vidro facetado cor de rubi, provavelmente uma lente de Fresnel, que já foi usado em faróis modernos, que focalizava os raios do sol e, disse Cayce, estava alojado em uma cúpula em forma de colmeia natural construída de tijolo refratário. um fosso de pedra à prova d'água que ainda retém a água da chuva. Ele disse, "no centro de um edifício, que se diria que está forrado. . . pedra não condutora, algo semelhante ao amianto com outros não condutores. . . o edifício acima da pedra de fogo era oval, ou uma cúpula onde poderia haver uma parte para rolar para trás de forma que a concentração de energias que emanam dos corpos que estão em chamas, (o sol). . . de modo que o que foi impulsionado pela concentração de raios da

pedra, que estava centrado no meio da usina, ou casa de força. ” A sintaxe complicada de Cayce sugere, para alguns

linguistas, uma linguagem de computador. Independentemente de onde Cayce conseguiu seu material para as “leituras”, ele obteve suas informações em 1933, vinte e cinco anos antes de o laser moderno ser ativado. Ele disse ainda que o feixe emitido pela firestone alimentou suas aeronaves por indução, e, também, todo o maquinário do Atlantis.

Além disso, disse ele, o feixe era invisível aos olhos e, quando nosso primeiro laser moderno foi ativado, ele emitiu um feixe visível da cor de rubi intenso, mas pouco tempo depois, quando um laser foi bombeado com a luz do sol, os raios eram invisíveis . Por mais bizarras que as leituras de Edgar Cayce pareçam, elas acertaram no alvo.

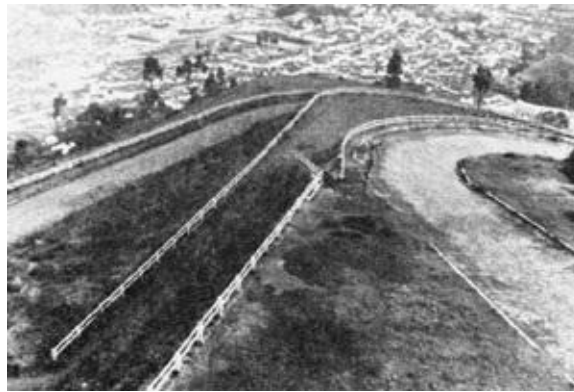


Fig. 10.1. Focinho de células de esperma de Panecillo. Quito está abaixo.

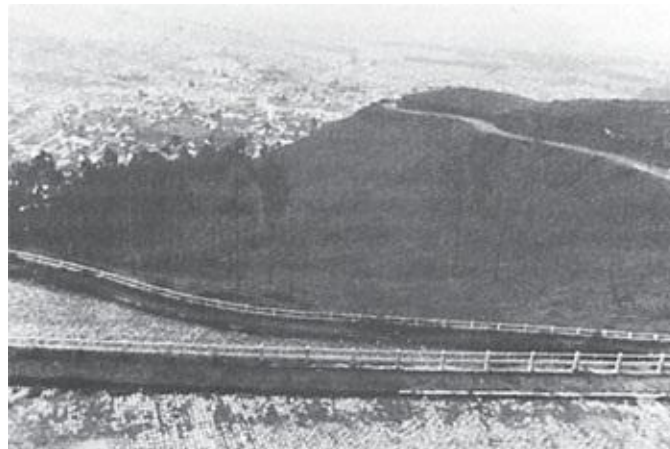


Fig. 10.2. A cauda do espermatozóide de Panecillo



Fig. 10.3. La Olla ou O Forno. Edifício estranho da pré-história recentemente descoberto no topo do Panecillo. Esta cúpula não tem contrapartes arquitetônicas em todo o mundo, exceto pela misteriosa parede derretida “Scottish Ovens” com aberturas circulares em seus topos.



Fig. 10.4. La Olla. Entrada externa do túnel. As pedras da fachada foram removidas.



Fig. 10.5. La Olla. Linha enegrecida do paisagismo original vista à direita do túnel.



Fig. 10.6. La Olla. Dreno circulante.

OS PODEROSOS UFOS DE MADEIRA

O PILOTO DO Messerschmitt 109, o avião de combate mais rápido e manobrável dos alemães no início da Segunda Guerra Mundial, deixou seu avião andar a todo vapor. O avião se esforçou, mas ainda não conseguiu alcançar o misterioso bombardeiro britânico, o Mosquito, que estava se afastando dele a mais de 600 quilômetros por hora. Surpreendentemente, o avião misterioso britânico era feito quase inteiramente de madeira. Ficaria surpreso tanto para os pilotos que o pilotaram quanto para os engenheiros que projetaram o Mosquito que a madeira laminada leve fosse mencionada nos antigos livros de história hindu como tendo sido usada em embarcações voadoras há muitos milhares de anos. Os textos hindus falam de antigos navios voadores feitos de madeira e outros materiais, chamados vimanas. Uma seção do massivo Mahabharata de cem mil versos nos apresenta a dois especialistas técnicos, mestres carpinteiros encarregados de construir naves voadoras na Índia antiga. O ingrediente secreto, que os engenheiros britânicos de Haviland redescobriram, era a madeira balsa laminada leve do Equador. A madeira laminada deu ao bombardeiro um perfil de baixo radar e era extremamente leve, com uma relação resistência-peso fenomenalmente alta. Talvez o fictício Millennium Falcon de Hans Solo em Star Wars também tivesse uma superestrutura de madeira; afinal, ultrapassou os lutadores imperiais. Mas vamos voltar ao bombardeiro Mosquito. Ao redescobrir acidentalmente a antiga tecnologia hindu, ou pelo menos um de seus segredos, Geoffrey de Haviland, o fundador da fábrica de aeronaves, ajudou a confirmar um pequeno pedaço da tecnologia antiga: que a madeira é um bom material para aeronaves voadoras. que os engenheiros britânicos de Haviland redescobriram, era a madeira balsa laminada leve do Equador. A madeira laminada deu ao bombardeiro um perfil de baixo radar e era extremamente leve, com uma relação resistência-peso fenomenalmente alta. Talvez o fictício Millennium Falcon de Hans Solo em Star Wars também tivesse uma superestrutura de madeira; afinal, ultrapassou os lutadores imperiais. Mas vamos voltar ao bombardeiro Mosquito. Ao redescobrir acidentalmente a antiga

tecnologia hindu, ou pelo menos um de seus segredos, Geoffrey de Haviland, o fundador da fábrica de aeronaves, ajudou a confirmar um pequeno pedaço da tecnologia antiga: que a madeira é um bom material para aeronaves voadoras. que os engenheiros britânicos de Haviland redescobriram, era a madeira balsa laminada leve do Equador. A madeira laminada deu ao bombardeiro um perfil de baixo radar e era extremamente leve, com uma relação resistência-peso fenomenalmente alta. Talvez o fictício Millennium Falcon de Hans Solo em Star Wars também tivesse uma superestrutura de madeira; afinal, ultrapassou os lutadores imperiais. Mas vamos voltar ao bombardeiro Mosquito. Ao redescobrir acidentalmente a antiga tecnologia hindu, ou pelo menos um de seus segredos, Geoffrey de Haviland, o fundador da fábrica de aeronaves, ajudou a confirmar um pequeno pedaço da tecnologia antiga: que a madeira é um bom material para aeronaves voadoras. com uma relação resistência-peso fenomenalmente alta. Talvez o fictício Millennium Falcon de Hans Solo em Star Wars também tivesse uma superestrutura de madeira; afinal, ultrapassou os lutadores imperiais. Mas vamos voltar ao bombardeiro Mosquito. Ao redescobrir acidentalmente a antiga tecnologia hindu, ou pelo menos um de seus segredos, Geoffrey de Haviland, o fundador da fábrica de aeronaves, ajudou a confirmar um pequeno pedaço da tecnologia antiga: que a madeira é um bom material para aeronaves voadoras. com uma relação resistência-peso fenomenalmente alta. Talvez o fictício Millennium Falcon de Hans Solo em Star Wars também tivesse uma superestrutura de madeira; afinal, ultrapassou os lutadores imperiais. Mas vamos voltar ao bombardeiro Mosquito. Ao redescobrir acidentalmente a antiga tecnologia hindu, ou pelo menos um de seus segredos, Geoffrey de Haviland, o fundador da fábrica de aeronaves, ajudou a confirmar um pequeno pedaço da tecnologia antiga: que a madeira é um bom material para aeronaves voadoras.

Isso nos leva a John Searle, um inventor inglês que também redescobriu a tecnologia hindu antiga usando suportes de madeira e compensado para construir seus IFOs (Objetos Voadores Identificados), uma história relatada pela televisão e jornais britânicos. Searle não teve problemas para fazer sua nave circular voar; no entanto, ele não sabia como trazê-los de volta para casa. Ele enviou vários para o azul selvagem lá, mas nenhum deles voltou.

Searle tropeçou em um fato básico da antigravidade: que "um

o campo de força centrífuga perde peso e pode ser induzido a decolar com sua propulsão de ponto zero ativada centrifugamente. ” Estranhamente, os livros de história hindus também se referem à força centrífuga para propulsão.

Do outro lado do Atlântico, um professor canadense chamado Eric Laithwaite também descobriu o segredo hindu de impulsionar embarcações voadoras quando descobriu que um giroscópio giratório perde peso; em outras palavras, fica mais leve. Sabendo desse fato básico, uma equipe de engenheiros brilhantes poderia fazer a matemática e provavelmente não teria muita dificuldade em criar uma nave voadora viável. O coração de Laithwaite estava no lugar certo e ele não patenteou sua descoberta, mas a deixou livre para o mundo. Esse pode ter sido seu erro crítico, já que nenhum banqueiro poderia obter o monopólio de sua invenção. Misteriosamente, ou talvez não tão misteriosamente, a posição de Laithwaite na comunidade científica despencou repentinamente. Ele foi amplamente desacreditado, teve um blecaute de notícias e pouco se ouviu dele desde então.

Um especialista em silvicultura alemão, Viktor Schauberger, descobriu algo semelhante ao observar trutas nadando rio acima para acasalar. Os peixes girariam enquanto saltavam, permitindo que saltassem mais alto do que parecia possível. Duplicando o incrível salto da truta, ele girou a água em um tubo circular e descobriu que ela geraria grandes quantidades de eletricidade, mas também perderia peso e poderia ser induzida a "decolar" da superfície. Cientistas e engenheiros alemães trabalharam furiosamente nessa invenção e lançaram algumas naves, e logo os pilotos aliados estavam prestando atenção em relatos de naves voadoras circulares movendo-se em alta velocidade e ultrapassando nossos bombardeiros e caças. Perplexos, os pilotos aliados chamaram as misteriosas esferas de "foo fighters". Felizmente para os Aliados, a guerra com a Alemanha estava quase acabada e a inteligência Aliada, no encalço da Wermacht em colapso, correu para a fábrica de armas Skoda em Pilsen, Tchecoslováquia, para recolher as peças científicas da arma secreta de Schauberger e outras máquinas de guerra igualmente temíveis. Os oficiais da inteligência aliada ficaram pasmos quando descobriram que Adolf Hitler, ao se gabar de armas realmente ferozes, realmente as possuía. Hitler, para aumentar o moral decadente, gabou-se perante o povo alemão das armas secretas em seu arsenal, e os cientistas alemães estavam de fato trabalhando em assustadoras armas secretas.

O então primeiro-ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill, informado por seus agentes de inteligência, referiu-se assustadoramente à "ciência perversa" da Alemanha. Os alemães já haviam voado com seu mais novo bombardeiro para a cidade de Nova York, onde a tripulação sintonizou deliciosamente uma transmissão de rádio de jazz antes de voltar para a Europa, e agora os rumores se espalharam descontroladamente enquanto a comunidade de inteligência

sussurrou com entusiasmo sobre uma bomba atômica funcional quase pronta para sua primeira viagem mortal a Washington, DC

Felizmente, os Aliados chegaram aos laboratórios secretos antes que as armas pudessem ser produzidas em massa. Nossos agentes recolheram os cientistas alemães e seus laboratórios inteiros e os levaram através do Atlântico para sua nova casa no sudoeste americano. Os cientistas alemães, incluindo Werner von Braun e alguns de seus colegas cientistas, receberam "uma oferta que não podiam recusar", e os cientistas alemães obstinadamente trabalharam para os novos chefes, projetando foguetes maiores e melhores para transportar armas nucleares maiores e melhores armas. Além disso, eles aprenderam com entusiasmo o trabalho de Schauberger.

A teoria por trás da propulsão antigravidade parece simples. Imagine um poderoso envelope de energia encapsulando cada partícula de matéria - uma matriz poderosa. Cercado por este envelope pressurizado, tudo o que temos que fazer é perfurar um buraco no envelope para criar um centro neutro ou ponto zero, manter o buraco aberto, e a energia seria despejada nesta - nossa dimensão - sob pressão, quase da mesma forma maneira que o líquido sob pressão esguicha de um buraco de rolha quando um barril de cerveja é batido.

Um gerador elétrico "corta" linhas magnéticas de força e "vaza" elétrons, que chamamos de eletricidade. Pense em um gerador elétrico como uma bomba. Não é "gerar" ou criar eletricidade, mas sim bombeá-la de uma dimensão para outra.

O que Laithwaite, Searle, os alemães e os antigos cientistas hindus descobriram foi como fazer um buraco centrífugo no envelope de energia pressurizada que nos rodeia, criando um centro neutro ou ponto zero que permitia que o suco, simplesmente, fluísse para esta dimensão com toda a pressão do universo por trás disso. Preso em uma estrutura, esse motor de ponto zero rejeitaria automaticamente a gravidade da Terra e voaria. Não era uma questão de como fazer a nave voar, mas de dominar a arte de manobrá-la e trazê-la de volta. Essa descoberta, quando aproveitada, também é uma fonte de energia gratuita, que alimentaria muito bem o apetite mundial por energia. E é grátis! Bem, quase grátis, pois pode haver fatores ocultos envolvidos. Teremos que esperar até que o mundo esteja politicamente pronto.

O MAHABHARATA

ASSASSINATO, NOBREZA, TRATAMENTO, amor traído, combate pessoal entre homens poderosos competindo por mulheres fabulosamente bonitas, grande riqueza magnífica, ciúme, intriga e guerra global, que os mocinhos venceram. . . A história começa nas margens do sagrado rio Indo, povoado por cavaleiros nômades da Ásia, alguns dizem que a Mongólia. Eles se autodenominavam arianos, o que significa “nobre” em sânscrito, sua língua. Eles tinham pele branca e fizeram sua primeira aparição no cenário mundial há muitos milhares de anos. Mohenjo Daro, sua cidade destruída por armas nucleares, foi rastreada até pelo menos seis mil anos atrás por arqueólogos tradicionais, embora alguns investigadores acreditem que seja muito, muito mais antiga. Sabemos isso sobre os arianos: eles tinham um talento especial para a ciência e a tecnologia. Eles também conheciam os segredos da prosperidade, que eram ordem, estabilidade social,

Os arianos e sua ciência levaram a Índia a um alto nível de prosperidade e, até os britânicos invadirem, a Índia era o mais rico conjunto de pequenas nações da Terra. Diamantes, seda, especiarias e outros luxos trouxeram comerciantes de todo o mundo. Afinal, Colombo estava procurando uma rota direta para as Índias quando esbarrou nas Américas.

O Mahabharata detalha uma antiga guerra entre os dois impérios da Índia Ariana e Atlântida Ariana lutando pelo controle do mundo. É o livro mais amado da Índia, bem como a história mais antiga. O povo indiano a ama tanto que até hoje muitos contadores de histórias profissionais memorizam partes dela e vão de aldeia em aldeia ganhando a vida fazendo recitações. Especialmente valorizada é a seção conhecida como “Bhagavad Gita” (A Canção de Deus), a história de Krishna e Arjuna.

O que nos interessa hoje são histórias realistas e detalhadas de muito tempo atrás, contando sobre tecnologia e ciência sofisticadas. Por que nós no mundo “moderno”

não sabe sobre as informações tecnológicas reveladas neste livro antigo? Nossas línguas europeias têm raízes sânscritas ou, pelo menos, emprestaram muito dos hindus que falavam o sânscrito antigo. Se nossos ancestrais hindus tinham aeronaves antigravitacionais, lasers, armas atômicas, radar, planejamento urbano sofisticado, belos sistemas de irrigação e todos os outros acessórios tecnológicos da civilização, o que aconteceu com eles? Onde estão as evidências?

O Mahabharata, a história antiga dos hindus, nos conta que um rei hindu do povo Ghurka lançou foguetes com ponta nuclear contra cidades inimigas, e os foguetes explodiram com o rugido de dez mil furacões. Elefantes que estavam a quilômetros de distância foram derrubados, houve um clarão como dez mil sóis, uma nuvem em forma de guarda-chuva subiu aos céus e todos os outros fenômenos de uma bomba nuclear explodindo, incluindo a precipitação radioativa venenosa, apareceram. A precipitação literal do ataque atômico de Ghurka a seus inimigos fez com que o rei sentisse tristeza pelo que havia feito, e ele ordenou que o foguete de raio de ferro fosse destruído - as ogivas nucleares transformadas em pó e lançadas no rio. Seu arrependimento foi repetido muitos milhares de anos depois pelo rei indiano, Ashoka (256–237 aC), que se tornou um budista pacífico e ordenou que todas as armas de destruição em massa fossem enterradas. Os livros de história nos dizem que ele então formou uma sociedade secreta dos Nove Homens Justos para manter a ciência no subsolo, após o que as armas atômicas e outras armas de destruição em massa desapareceram do cenário mundial até que nossos cientistas do Dr. Frankenstein trouxeram o monstro nuclear à vida em 1945 em Trinity Site no Novo México.

Como isso se relaciona com a Atlântida? Há, entre alguns historiadores hindus modernos, a especulação de que o império comercial indiano de mil cidades, agora parte do grande deserto do Rajastão, no norte da Índia, tinha postos mercantis em diferentes partes do mundo. Um bom palpite para um deles é uma ilha no Pacífico, mil milhas a oeste do Chile, na costa da América do Sul, a misteriosa Ilha de Páscoa. Capitães de navios europeus, quando descobriram a ilha nos anos 1700, relataram que muitos dos nativos eram de pele branca e cabelos castanhos e, sim, até ruivos. E para completar a ligação mundial, a Ilha de Páscoa tem a mesma cantaria colada, idêntica às paredes do Peru e do norte da Índia. Ossos das sepulturas da Ilha de Páscoa exibem um padrão de DNA consistente com os Europóides; 60 por cento de Europóides, na verdade.

Seu alfabeto escrito, Rongorongo, é feito de figuras de palito de aparência humana, que ninguém interpretou até agora. No entanto, os linguistas conhecem dois outros locais para as figuras de palito: as ruínas de Mohenjo Daro no Paquistão (antiga Índia), e escritos de figuras de palito semelhantes aparecem nos primeiros chineses (ver Jean-

Michel Schwartz, *The Secrets of Easter Island*, 1979). No entanto, os estudiosos chineses atuais contestam fortemente isso.

Se os hindus estabeleceram conexões comerciais em todo o mundo, eles bateram de frente com os atlantes? Talvez o filósofo grego Platão possa nos dizer, pois ele descreve um grande exército atlante de um milhão de homens que foi derrotado pelos antigos helenos, ancestrais dos gregos modernos. Os atlantes estavam perseguindo agressivamente um império mundial, escreveu Platão, e muito provavelmente isso os colocaria em conflito com um império comercial hindu. Guerra! Uma guerra que o Mahabharata nos diz que os hindus venceram, ajudados, é claro, por sua tecnologia e suas personalidades movidas a testosterona.

Dramatização-especulação: O exército hindu planejava usar velocidade e choque para derrotar a força de autodefesa atlante. Os planejadores, de volta à Índia, haviam enganado o inimigo e acreditavam que os atlantes eram otários para novas táticas hindus e armas secretas. As novas armas eram a motocicleta, movida por um motor de combustão externa, que nos séculos vindouros seria reinventada; e os rifles de pólvora preta recém-inventados. (Alexandre da Macedônia, enquanto atacava uma cidade indiana, levou um tiro no peito por uma arma de fogo.) Os inventores desenvolveram pneus flexíveis sintéticos fortes, para que as bicicletas pudessem viajar para fora das estradas e atingir o inimigo onde menos se esperava. A surpresa jogaria os atlantes impassíveis e obedientes na única situação para a qual não estavam psicologicamente preparados: a necessidade de improvisar e lutar como indivíduos. Embora fossem extremamente corajosos, eles obedientemente lutaram melhor quando lutaram pelos deuses. O povo da Atlântida acreditava que seus governantes eram, na verdade, parentes dos deuses. Eles ficaram desiludidos, assim como muitos milhares de anos depois, o exército inca desmoronou no Peru quando seu imperador, Atahualpa, não conseguiu se levantar como previsto no terceiro dia após ser estrangulado pelos soldados espanhóis, convencendo assim os soldados incas de que haviam sido abandonado pelo céu. Como excelentes soldados que eram, eles lutaram bravamente, mas haviam perdido o ânimo. falhou em se levantar como previsto no terceiro dia após ser estrangulado pelos soldados espanhóis, convencendo assim os soldados incas

de que haviam sido abandonados pelo céu. Como excelentes soldados que eram, eles lutaram bravamente, mas haviam perdido o ânimo.

Especulação: Em Atlantis, os soldados de bicicleta pousaram em uma seção remota e desprotegida da costa pelos novos IFOs invisíveis ao radar. Todo o grupo de ataque avançado consistia em apenas dez mil homens, voluntários endurecidos pela batalha, e eles estavam preparados para enfrentar todas as dez nações da Atlântida. Seu objetivo era tomar os centros de comunicação, matar os líderes e ocultar o país, destruindo as terríveis estações de laser de pedra de fogo, que tinham o poder de abater aeronaves invasoras hindus. Destruir os lasers de pedra de fogo abriria o caminho para o principal exército hindu pousar e subjugar as dez nações da Atlântida, uma nação de cada vez. Velocidade e surpresa. Os soldados hindus com

óculos noturnos rugiram em direção à capital da Atlântida, e quando os atlantes recuperaram o juízo, já era tarde demais. Eles estavam sendo abatidos em massa. Os soldados atlantes lutaram bravamente com seus arcos e flechas, estilingues mortais, lanças e porretes de guerra, mas não eram páreo para os rifles indianos de pólvora negra. Os índios, usando planos fornecidos pelo excelente serviço de espionagem hindu, foram diretamente para as cúpulas em forma de colmeia que abrigavam os terríveis lasers de pedra de fogo e os colocaram fora de ação com cargas de pólvora cuidadosamente colocadas. Outras unidades rugiram para o prédio do senado de mármore branco, escalaram os enormes degraus de mármore e entraram no parlamento, que estava sentado em uma sessão de emergência, tentando montar um plano para proteger a pátria mãe agora que o exército de um milhão de homens do imperador havia sido esmagado por os helenos no vale do Mediterrâneo. Os espões hindus eram bons, a inteligência era excelente e seu tempo estava certo. Os líderes de todas as dez nações atlantes estavam presentes. Os invasores, de acordo com o plano, metodicamente fuzilaram os senadores e continuaram atirando até que não houvesse mais movimento, exceto uma dúzia ou dois senadores feridos se debatendo em seu sangue. Atirar para matar era o plano. Alguns senadores se esconderam sob seus bancos e gritaram de terror e raiva. Logo tudo acabou. O chão de mármore do senado estava escorrendo de sangue. A velha Atlântida estava acabada. Atirar para matar era o plano. Alguns senadores se esconderam sob seus bancos e gritaram de terror e raiva. Logo tudo acabou. O chão de mármore do senado estava escorrendo de sangue. A velha Atlântida estava acabada. Atirar para matar era o plano. Alguns senadores se esconderam sob seus bancos e gritaram de terror e raiva. Logo tudo acabou. O chão de mármore do senado estava escorrendo de sangue. A velha Atlântida estava acabada.

Em seguida, o principal exército da Índia desembarcou para proteger o país. O grande exército atlante se dissipou rapidamente, recuando em pânico ao saber que seus líderes divinos estavam mortos. Algumas unidades fugiram para as montanhas e se reorganizaram sob seus oficiais competentes, mas embora lutassem até a morte, não tiveram chance. Nada poderia resistir ao terrível poder de fogo dos rifles e ao choque de ser superado por motocicletas ultrarrápidas.

Os oficiais políticos hindus selecionaram dóceis aristocratas atlantes para substituir os senadores assassinados, e os burocratas nativos logo tiveram a Atlântida funcionando perfeitamente novamente. O povo obediente da Atlântida logo se estabeleceu e começou a adorar os hindus como os novos deuses. Mais tarde, ao longo de muitos milhares de anos, eles colonizaram o

país a sudoeste - as Américas - eles construíram grandes cidades no que hoje é o Brasil, que se tornaria em ruínas quando as placas tectônicas colidissem, esvaziando o gigantesco mar de água doce interior da Amazônia e levantando o Cordilheira dos Andes, criando uma barreira para as nuvens de chuva que fluem para o oeste. Choveu, aparentemente para sempre.

O grande sistema de rios amazônicos e a floresta tropical recém-criada tornaram a vida miserável para os sobreviventes, e a mistura de arianos-atlantes que sobreviveram mudou-se das selvas para os Andes para criar as muitas nações sofisticadas que os incas consolidaram em seu império.

Muitos outros milhares de anos depois, a Ariana-Atlântida mais uma vez colidiu com a civilização mãe na Índia. Outra guerra mundial de alta tecnologia estourou, que terminou com o naufrágio do Atlantis e o início do lendário inverno Fimbul que durou vários anos sem interrupção. Depois que o terrível inverno terminou, os sobreviventes começaram a ver que a guerra nuclear nunca mais aconteceria. Assim começou a proibição da tecnologia e da ciência. Este é o pano de fundo e o motivo para o esconderijo dos artefatos de Crespi nas cavernas e túneis úmidos da Amazônia.

Fato: O líder inca Pachacuti IV foi informado por sua esposa-irmã que ela teve um sonho que alguns homens temíveis estavam chegando. Eles estariam montando feras estranhas, teriam terríveis armas de trovão que vomitavam chamas e estariam cobertos de pelos, especialmente em seus rostos. Para os incas, com seus rostos lisos e sem pelos, os esperados visitantes barbudos devem ter soado assustadores e esquisitos. Além disso, ela disse a Pachacuti, eles estariam usando roupas de metal brilhante que repeliriam as armas incas. Então ela disse que os deuses lhe disseram que seu marido deveria destruir todos os escritos e obliterar sua história. O incomodado inca obedeceu imediatamente, o que é apenas uma das razões pelas quais não conhecemos a verdadeira história de nosso mundo. Durante a guerra civil entre Atahualpa e Huascar, ambos os lados queimaram ansiosamente até os discos de Quipu com cordões atados, que poderia ter sido usado para recontar a história inca. Os soldados inimigos mataram os memorizadores de Quipu e queimaram seus depósitos, então os espanhóis não foram os únicos a incendiar a história.

Anos mais tarde, quando Francisco Pizarro chegou com cem soldados de infantaria, alguns canhões pequenos e apenas sessenta ou setenta cavaleiros, foram recebidos por Huayna Capac, um governante inca que era supostamente tão gentil que não poderia recusar nada honroso a qualquer mulher que perguntou, independentemente de sua idade ou status. Sabendo que o sonho profético havia se tornado realidade, o educado Huayna Capac deitou-se e morreu, alguns dizem de desespero.

Sua morte desencadeou uma guerra de sucessão brutal e feroz, na qual um de seus filhos, o capaz Atahualpa, prevaleceu, mas ao fazer isso causou tal caos que quebrou a espinha do império inca. Pizarro estava lá para aproveitar o caos e a curiosidade ingênua e arrogante de Atahualpa por Atahualpa, querendo ver se ele poderia servir-se dos estranhos, e não sabendo quão ferozes eles eram ou quão

desesperadamente queriam o ouro da nação, deu-lhes as boas-vindas com os braços abertos. Em uma tarde de massacre, eles o sequestraram brutalmente, matando pelo menos sete mil de seus seguidores desarmados, a nata da nobreza inca. Eles depois

ofereceu-lhe uma escolha: tornar-se cristão ou ser queimado na fogueira. Assim que ele foi batizado, eles o estrangularam e tomaram o império.

HORA E O LATTE ATÔMICO

O ANTIGO HINDUS não eram tão estranhos, realmente; eles apenas vivenciaram o tempo de maneira diferente da nossa, desde sua breve truti de um milionésimo de segundo até a impressionante contagem do mahamanvantara de 311,04 trilhões de anos. E eles viram isso em círculos. Os círculos eram, para eles, o fator chave. O tempo circulou a si mesmo, eles acreditavam, e o que começou em um ponto no espaço continuou em um círculo sem fim até se encontrar onde havia começado. Os rishi (eruditos sagrados) da Índia antiga inventaram um símbolo para o tempo - a serpente engolindo sua cauda. Uma grande vantagem do círculo é a falta de um final final. Com o fim da Era Mundial profetizado pelos antigos maias em 2012 se aproximando rapidamente, faríamos bem em adotar a visão hindu.

Enquanto no lado europeu-africano do mundo, o estudioso Agostinho (340-430 DC) foi um poderoso líder da igreja primitiva, o Bispo de Hipona no Norte da África, talvez o cristão mais influente desde Paulo de Tarso, estava ensinando que o tempo era uma reta linha com um começo e um fim. Ele nos preparou para a visão linear da evolução de Charles Darwin. Rastejamos do lodo do caos e temos progredido em linha reta, o que, em uma extensão lógica desse pensamento, acabará em um grande gemido quando tudo ficar sem energia e desmoronar no fim dos tempos. O círculo do tempo hindu é muito mais elegante e há evidências contundentes de que eles possuíam uma ciência elevada e poderosa - uma ciência que culminou em bombas nucleares e os meios para lançá-las.

O brilhante estudioso e filósofo Sri Aurobindu Ghosh (1872–1950) escreveu: “Os estudos europeus consideram a civilização humana uma progressão recente, começando ontem com o ilhéu de Fiji e terminando hoje com um Rockefeller, concebendo a cultura antiga como necessariamente meio selvagem. É uma superstição do pensamento moderno que a marcha do conhecimento sempre foi linear. Nossa visão da pré-história é terrivelmente inadequada. Ainda não livramos nossas mentes do bloqueio

de um único Deus ou um e único livro, e agora uma única ciência. ”

Por exemplo, o coronel americano Henry Olcott, cofundador com Helena P. Blavatsky da Theosophical Society, escreveu em 1881: “Os antigos hindus podiam navegar no ar, e não apenas navegá-lo, mas travar batalhas nele como tantas águias de guerra lutando para o domínio das nuvens. Para serem tão perfeitos na aeronáutica, eles devem ter conhecido todas as artes e ciências, incluindo os estratos e as correntes da atmosfera, a temperatura relativa, a umidade e a densidade dos vários gases. ”

Frederick Soddy (1877–1956) foi um cientista inglês que trabalhou com o famoso cientista Rutherford na Universidade McGill no Canadá e recebeu o Prêmio Nobel em 1921 por suas contribuições para o conhecimento da química de substâncias radioativas. Soddy tinha em alta consideração os antigos hindus Mahayana e Mahabharata. Em seu livro *The Interpretation of Radium*, publicado em 1909, ele escreveu: “Acredito que existiram civilizações no passado que estavam familiarizadas com a energia atômica e que, por seu mau uso, foram totalmente destruídas”.

Mesmo J. Robert Oppenheimer, que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da bomba atômica, quando questionado se a bomba de Alamogordo foi a primeira a explodir, teria respondido: “Bem, sim. Nos tempos modernos, é claro. ”

O Mahabharata hindu, que se acredita ter sido montado há mais de três mil anos a partir de incalculáveis documentos antigos, afirma: “Um raio de luz resplandecente possuidor da refulgência de um fogo sem fumaça foi disparado. . . Os sobreviventes perderam suas unhas e cabelos e sua comida tornou-se imprópria para comer. Por vários anos subsequentes, o sol, as estrelas e o céu permaneceram envoltos em nuvens e mau tempo. ” Esta arma era conhecida como a arma de Brahma, ou a chama de Indra.

Os livros sagrados indianos dizem:

Subjugar a terra e tudo o que há nela. Ó discípulo, navegue nos oceanos em vapores, voe no ar em aviões, conheça a Deus o criador através dos Vedas, controle sua respiração através da ioga, através da astronomia conheça as funções do dia e da noite, conheça todos os Vedas: Rig, Yajur, Sama, e Atharva. Através da astronomia, geografia e geologia, vá a todos os diferentes países do mundo sob o sol. Possas tu alcançar, por meio da boa

pregação, a arte de ser estadista e o artesanato, através da ciência médica obter conhecimento de todas as plantas medicinais, através da hidrostática aprender os diferentes usos da água, através da eletricidade compreender o funcionamento de relâmpagos sempre brilhantes.

YAJUR VEDA,
VERSÍCULO 6.21

Ó engenheiro real habilidoso, construa barcos movidos na água por nossos especialistas, e aviões, movendo-se e voando para cima, após as nuvens que residem na região intermediária, que voam como os barcos se movem no mar, que voam alto sobre e abaixo das nuvens aquosas. Seja você, assim, próspero neste mundo criado pelo Deus onipresente.

YAJUR VEDA, VERSÍCULO
10.19

E que tal isso:

A energia atômica fissiona os noventa e nove elementos, cobrindo seu caminho com o bombardeio de nêutrons. Desejosa de espreitar a cabeça, isto é, a parte principal do poder rápido oculto na massa dos ajustes moleculares dos elementos, essa energia atômica se aproxima dela no próprio ato de fissioná-la pelo bombardeio mencionado acima.

ATHARVA VEDA, VERSÍCULO
20.41

O Rig Veda, considerado por muitos estudiosos como o mais antigo documento sobrevivente no mundo, tem a dizer o seguinte no versículo 9.14.1: “Um Jalavan é uma nave construída para operar no ar.”

Além disso, no versículo 3.14.1, “Kaara opera no solo e na água.” E no versículo 4.36.1, “Trichacra é um ofício de três histórias.”

AERONAVES COM MOTOR DE MERCÚRIO

Um vayu é uma aeronave movida a gás. Uma aeronave movida a gás é mencionada em outro

Livros hindus, como o Sama Negara Sutradara. É assim:

Em uma caixa de ferro resistente, cuidadosamente soldada, coloque o mercúrio e coloque “o fogo” por baixo. Quando o mercúrio

esquenta, ele se transforma em gás e o vimana (sânscrito para “embarcação voadora”) ascende com um rugido terrível.

Um jovem e brilhante cientista chamado Henry Monteith, que trabalhou nos Laboratórios Sandia no sudoeste, compartilhou suas conclusões sobre o motor de mercúrio hindu. Ele havia pensado muito na nave de mercúrio e considerou-a um conceito extremamente factível. Monteith apontou que o mercúrio gaseificado seria

um propelente de turbina extremamente eficiente. O mercúrio aquecido, que rapidamente gaseifica do estado líquido em um "recipiente fortemente soldado e selado", desenvolveria uma pressão tremenda e quando expelido da caixa em alta velocidade exerceria força contra as lâminas de ferro de uma turbina interna fechada, fazendo com que gire um eixo. O vapor de mercúrio, quando exaurido da turbina de sistema fechado, seria resfriado por um condensador de água fria e imediatamente condensado de volta à sua forma líquida original e reciclado sem perda do mercúrio propelente. As pás de turbina menores, movidas a mercúrio, girando um eixo conectado a uma turbina maior na outra extremidade do eixo, girariam as pás, o que, um pouco como nossos modernos turbo ventiladores, desenvolveria um impulso poderoso. Henry Monteith estava convencido de que os engenheiros indianos haviam realmente construído um vimana a partir da descrição do projeto que leu. O motor de mercúrio tinha outra vantagem; o gás mercúrico não tocava as lâminas da turbina de ferro contra as quais empurrou por causa da carga eletrostática repelente. Apenas elétrons iriam colidir com as lâminas, sem atrito, tornando o motor muito eficiente, e como os escritores o descreveram, a turbina externa maior, bombeando ar, faria a nave subir com um grande rugido. Perguntei a Henry Monteith se ele achava que estávamos fazendo esse tipo de arte hoje em algum lugar da Terra. Ele não respondeu. sem atrito, tornando o motor muito eficiente, e como os escritores o descreveram, a turbina externa maior, bombeando ar, faria a nave subir com um grande rugido. Perguntei a Henry Monteith se ele achava que estávamos fazendo esse tipo de arte hoje em algum lugar da Terra. Ele não respondeu. sem atrito, tornando o motor muito eficiente, e como os escritores o descreveram, a turbina externa maior, bombeando ar, faria a nave subir com um grande rugido. Perguntei a Henry Monteith se ele achava que estávamos fazendo esse tipo de arte hoje em algum lugar da Terra. Ele não respondeu.

Existem muitas outras descrições da tecnologia hindu. Por exemplo, o texto do Kathasaritsagara menciona dois engenheiros e marceneiros qualificados chamados Rajyadhara e Pranadhara, que construíram um navio para cruzar o oceano. Os dois homens também fabricaram uma aeronave com capacidade para mil passageiros. Obviamente, os homens eram engenheiros, além de marceneiros qualificados, e talvez até prósperos proprietários de fábricas. Ficção científica? Eu duvido. Especialmente quando você considera a maneira direta como essas invenções são descritas, a grande riqueza de detalhes fornecidos e as opiniões de alguns cientistas modernos.

As armas atômicas lançadas por foguetes descritas no Mahabharata reduziram a cinzas toda a raça de Vrishnis e Andhakas. Os cadáveres

estavam tão queimados que eram irreconhecíveis. Cabelo e unhas caíram. A cerâmica quebrou sem causa aparente e os pássaros ficaram brancos. Depois de algumas horas, os alimentos estavam infectados. Para escapar desse incêndio, os soldados se jogaram nos rios para lavar-se e lavar seus equipamentos.

Menciona-se também que os navios voadores hindus circulavam o globo e faziam paradas regulares em locais como a Ilha de Páscoa, que fica a mil milhas da costa oeste da América do Sul, lar das estátuas gigantes de Moa-Moa. Mas há alguém que mora na Ilha de Páscoa que pode preencher uma grande lacuna em nossa história. Ele é o escultor Pakarati, que foi entrevistado por Thor Heyerdal. Pakarati esculpido

estátuas Kava estranhas, que Heyerdal fotografou para seu livro, Kon-Tiki. Pakarati disse a Heyerdal que esculpiu essas estátuas exatamente como seu pai lhe ensinou, e o pai de Pakarati o fez jurar não mudar nenhum detalhe porque era muito importante, mas ele não sabia por quê. As estátuas de madeira de Kava exibem pescoços grossos com bócio, estômagos inchados, costelas emaciadas e sinais de enjoo por radiação. As estátuas Kava se relacionam com o épico do Mahabharata da Índia, que descreve, com bastante precisão, os sintomas horríveis de envenenamento por radiação.

Há outra conexão com um império ariano mundial, as tábuas Rongorongo com seus entalhes de figuras de palito que são imagens espelhadas da muito antiga escrita Rongorongo encontrada na cidade destruída de Mohenjo Daro, no Paquistão. Esta era uma cidade incrivelmente bem planejada com um sistema de esgoto sofisticado, melhor do que a maioria dos sistemas de esgoto em uma grande parte da Índia e do Paquistão hoje, e agora é um dos locais mais perigosamente radioativos do mundo.

Os arqueólogos encontraram bolhas redondas de vidro escurecido nas ruínas, e os ossos dos esqueletos entre as ruínas eram excepcionalmente radioativos. As gotas de vidro eram um quebra-cabeça, no entanto, até que um cientista descobriu que era a cerâmica que havia sido vitrificada por um calor excepcionalmente alto.

Mas há outro enigma aqui: havia muito poucos esqueletos. A cidade estava quase vazia. O inimigo, com um cavalheirismo que esquecemos, avisou a cidade que um raio de ferro estava a caminho, dando-lhes tempo para escapar? O serviço de inteligência Mohenjo Daro avisou sobre o ataque iminente? Havia apenas um grupo de vinte e sete pessoas no final de uma rua, e alguns espalhados pelo resto da cidade. Eles eram saqueadores ou apenas teimosos?

Agora, de volta ao padre Crespi. A placa de bronze que ele tanto apreciava mostra sofisticação artística e apresenta rostos arianos caucasianos. Isso, somado aos exemplos de ciência e tecnologia, revestimentos de parede de alumínio, cobre extremamente duro que corrói em uma pátina negra, e a tenaz cola metálica reforçam a ideia dos brancos, hindus arianos, de trazer tecnologia para a América do Sul.

O DISPOSITIVO DE JUÍZO

DE UM ANTIGO ARYAN-HINDU documento vem um breve episódio na guerra pela dominação mundial.

Parecia uma cena do clássico filme Dr. Strangelove. Um homem desagradável chamado Asvattha-varm fugiu do campo de batalha de Kurukshetra na Índia depois que suas tropas foram destruídas pelo exército do herói Arjuna, que foi auxiliado pela orientação sobrenatural de Krishna, amigo de Arjuna e condutor da carruagem. O Mahabharata, que é muito mais longo do que a Ilíada e a Odisséia combinadas, fala de uma guerra global emocionante, aterrorizante, selvagem e terrestre; uma guerra, felizmente para nós, que os mocinhos venceram. Ele fala sobre a batalha entre os IFOs dos malvados Asvins (Atlantis) e as vimanas (aeronaves) dos hindus, incluindo uma batalha entre eles na lua.

Voltemos ao Sr. Nasty, Asvattha-varm. Ele e dois de seus companheiros fugiram do campo de batalha onde milhões foram massacrados de ambos os lados, e Asvattha-varm jurou punir o vitorioso Arjuna e seu exército. Ele iria se esgueirar sobre eles no meio da noite, pegá-los dormindo e destruí-los com suas armas “mágicas” especiais. Isso era particularmente ruim porque o rígido código militar hindu proibia um guerreiro de tirar vantagem de um inimigo adormecido. No entanto, Krishna previu que ambos os exércitos seriam destruídos. Esta guerra civil, o Mahabharata nos diz, foi travada pela posse da Terra, mas oferece uma descrição confusa das armas usadas. O escritor mistura confusamente esgrima e foguetes nucleares. Fala do Sr. Nasty matando o inimigo adormecido, um de cada vez, com uma espada, e novamente sugere que ele destruiu muitas centenas de milhares de soldados vitoriosos com algum tipo de arma “mágica”. Então, diz-se, ele lançou o temido míssil Brahma-siras, a Máquina do Juízo Final, em Arjuna. Mas havia um pequeno problema para Arjuna e Krishna: Asvattha-varm sabia como lançá-lo, mas não sabia como lembrá-lo. O texto menciona que ele recitou um mantra de “lançamento”.

Homens e mulheres sagrados hindus afirmam que um mantra é um conjunto de comandos ou

fórmulas matemáticas que permitem ao adepto controlar os próprios deuses, anjos e arcanjos que animam todas as forças naturais com sua vontade e poder de pensamento.

Krishna e Arjuna perceberam o lançamento do Brama-sira-astra e reverteram o código de lançamento mântico, desligando-o mal a tempo. Dizia-se que essa arma era quase impossível de lembrar e capaz de desencadear uma reação em cadeia atômica e incinerar todas as formas de vida. Outra evidência de um cenário de Star Wars é a advertência de que esta arma nunca deve ser usada em humanos, pois mesmo se fosse bloqueada por um míssil defensivo, outro foguete Brama-sira, secaria as chuvas, interferiria no ciclo hidrológico, e produziu grande seca por doze anos em todo o reino; isto é, aquecimento global instantâneo. Uma vez que os livros sugerem que o reino era mundial, uma seca de longa duração mataria a maioria das pessoas na Terra. Parece um pouco louco, mas vestígios dessa ciência podem ser descobertos na Índia e na América Latina.

Comece com a história do Mahabharata e do Mahayana. Em seguida, vá para Mohenjo Daro, perto da cidade de Sindh, no Paquistão. Há muito tempo, Mohenjo Daro era um importante centro de comércio mundial, mas os arqueólogos das Nações Unidas e do Paquistão não têm permissão para cavar lá hoje, aparentemente porque o local está contaminado com radiação. Os cientistas frustrados foram bloqueados pelos militares. Porque? Qualquer evidência de guerra nuclear no passado pode ter uma forte influência na política do Paquistão e pode afetar a percepção islâmica do sagrado Alcorão, que não menciona a guerra nuclear.

E o que dizer da mentalidade fundamentalista dos imãs, alguns dos quais estão ativamente tentando subverter o governo do Paquistão enquanto estão ansiosos para colocar as mãos nas armas nucleares do Paquistão para sua agenda muito perigosa? Diz-se que existem mil cidades abandonadas nos desertos do norte da Índia, Paquistão e países vizinhos, esperando pela pá arqueológica. Essas cidades antigas, que pertenceram ao antigo império comercial da Índia, incluem Harappa, a cidade irmã de Mohenjo Daro, que também mostra evidências de ter sido bombardeada. Há também uma cratera vitrificada de 400 metros de largura no centro de Harappa, que é altamente radioativa e misteriosamente semelhante às crateras de Mohenjo Daro e Trinity Site no Novo México. Bolas de cerâmica preta derretida também foram encontradas nas ruínas. E, infelizmente, esqueletos altamente radioativos foram encontrados. Alguns estudiosos indianos acham que a Índia antiga era a porção mais populosa do mundo naquela época. Ruas engenhosamente projetadas

dispostas em grades, banheiros internos com assentos de madeira confortáveis e sistemas de esgoto subterrâneos bem projetados que datam de pelo menos 3500 aC revelam os talentos de engenharia desses povos antigos. E embora

é contestado pelos chineses, sua escrita rongorongo sofisticada, feita de figuras humanas em “palitos”, pode ter sido a precursora da primeira língua chinesa.

ROCKET ATTACK

TROVÃO E RELÂMPAGO retumbou e brilhou na madrugada de 16 de julho de 1945, quando o teste final estava para ser feito. A bomba foi cuidadosamente montada em uma torre de aço. A mais de oito quilômetros de distância, os cientistas deitaram ouvindo sem fôlego os sinais de hora sendo anunciados pelo rádio: quinze minutos negativos. . .

menos quatorze minutos. . . menos treze minutos. . .” Em “menos de quarenta e cinco segundos”, um mecanismo de robô assumiu os controles. De repente, uma bola de fogo gigante se ergueu como se saísse das entranhas da terra, depois uma coluna de fogo púrpura de dez mil pés de altura disparando em direção ao céu. O flash iluminou cada fenda e cume das montanhas de San Andrés. Em seguida, disparou mais alto para quarenta mil pés, uma enorme bola da cor do arco-íris transformando-se rapidamente em forma de cogumelo. Foi iluminada por dentro por flashes semelhantes a raios e acompanhada por um tremendo rugido sustentado. Em Albuquerque, a cento e vinte milhas de distância, o céu brilhava com o brilho do meio-dia. Quando terminou, a torre havia evaporado completamente. Havia apenas uma cratera de quatrocentos metros de largura, forrada de rocha derretida e areia.

Essa é uma versão de testemunha ocular da primeira explosão atômica moderna, descrita por James A. Crutchfield em *It Happened in New Mexico*. Mas há evidências sólidas de que não foi a primeira vez que humanos usaram armas nucleares uns contra os outros.

A antiga cratera de um quarto de milha em Mohenjo Daro, Paquistão, estranhamente corresponde à Trinity, New Mexico, bombsite e é, mais ou menos, do mesmo tamanho, com um mar de vidro derretido e rocha cobrindo as crateras de ambos. Não há dúvida de que Mohenjo Daro foi bombardeado.

FICÇÃO

O que se segue é um cenário fictício baseado em conjecturas e suposições, qualquer uma ou todas as quais podem ser precisas.

Os raios de ferro do inimigo, foguetes com ponta nuclear, deslizaram facilmente pelas defesas da Atlântida, quase como se os raios de canhão de laser operados por radar fossem manteiga mole. "O que está acontecendo?" pensou Djxiactun Gupta, um metro e noventa, musculoso e viciado em chocolate. (Ele bebia três dúzias de xícaras da bebida perfumada e amarga com teobromina diariamente.) Ele era o comandante da autodefesa militar da zona de defesa ocidental, que se estendia por mil milhas em um grande anel de proteção embainhado. O grande círculo de autodefesa de Bimini cobria a parte mais importante da Atlântida e não foi projetado para falhar. "Por Poseidon, nós vamos ser atingidos."

Enquanto isso, os foguetes hindus se aproximavam assustadoramente. A tela fluorescente verde-clara de Gupta mostrou as manchas ficando maiores, e seu computador lhe disse que acertariam o alvo em dez minutos. A tela disse a ele que Bimini, o centro administrativo, financeiro e religioso da nova Atlântida Ariana, era o alvo, e ele estava em Bimini. Ele ordenou que seu assistente começasse a afinar os grandes canhões de laser bombeados pelo sol. Ele sabia que os designers nunca tiveram a intenção de liberar todo o seu poder como ele estava se preparando para fazer. Mas os feixes de luz concentrada estavam refletindo nos foguetes e os foguetes continuavam chegando. O poder desses canhões poderia dividir a terra bem no meio e liberar, bem, quem sabe quais forças? O comandante militar-cientista Gupta nunca acreditou, não realmente acreditou, seus professores universitários que a terra poderia ser destruída completamente pelo ajuste de alta das armas laser. Como ele havia dito a si mesmo muitas vezes no passado: "Talvez um ou dois vulcões explodissem, talvez um grande terremoto; um pequeno preço a pagar por salvar a civilização mais preciosa da terra." A agulha de ajuste estava apontando para a faixa vermelho-carmesim brilhante quando a buzina de aviso buzinou seu terrível grito, "Aaarruuggghhhaa, aaarruuggghhhaa." Os técnicos se entreolharam com medo. Um técnico chamado Xibalba, de cabelo ruivo brilhante, temperamento impetuoso e atitude independente, acreditou em seus professores e implorou: "Senhor, feche isso. Desligue isso." O cientista o ignorou. Xibalba empurrou o cientista para fora do caminho e agarrou a alavanca de ajuste, mas quando o punho poderoso de Gupta bateu na base de seu crânio, ele caiu, pesado como um pedaço de chumbo, até o chão. O cientista gritou para os outros técnicos: "Melhor arriscar a destruição do que ser eliminado por foguetes atômicos. Volte para suas postagens. Arme os lasers. Prepare-se para atirar."

Enquanto isso, o mecanismo de ajuste começou a tremer ameaçadoramente e emitir um brilho superaquecido. O círculo de vibrações saiu em uma esfera

mortal bem acima deles e nas profundezas do nunca-previsto manto da terra
onde

tocou com seus dedos poderosos uma bolsa gigantesca de gás metano. O gás explodiu, tomando o caminho de menor pressão, para cima - saindo em Bimini. A explosão abriu caminho passando pela crosta terrestre carregando milhões de toneladas de magma incandescente, que destruiu totalmente o complexo de autodefesa e vomitou lava em um círculo mortal tão distante quanto as grandes florestas da Suécia e Finlândia, deixando uma lacuna, oco fervendo. Os foguetes nucleares foram desintegrados. Houve uma breve pausa, e então a água do oceano ao redor se espatifou na depressão e atingiu o magma com toda a sua fúria. Muitos quilômetros de água do oceano despejaram-se no buraco onde contactou magma fresco, e quando o peso da água do mar atingiu a massa crítica, explodiu novamente, seguindo implacavelmente a costa da ilha do Atlântico com explosão após explosão. Isso levou um dia inteiro, vinte e quatro horas, e explodiu debaixo da ilha gigante a milhares de milhas quadradas dos próprios alicerces da Atlântida. As explosões abalaram o mundo inteiro e foram sentidas tão longe quanto na Ásia. E a ilha se acomodou lentamente no espaço oco, e as águas dos oceanos rolaram implacavelmente sobre a Atlântida. Mortos estavam mais de cem milhões de pessoas. Das "ilhas dos bem-aventurados", tornou-se as "ilhas dos mortos".

O anterior é pura ficção científica, mas é baseado em alguns fatos dispersos, memórias raciais, contos populares, as leituras de Edgar Cayce e Annie Besant, Platão e o Oera Linda Boek.

Como nossos ancestrais sobreviveram à terrível Idade do Gelo causada pelo naufrágio da Atlântida? Você já experimentou mamute lanoso congelado? Mamutes lanosos foram desenterrados na Sibéria e comidos. Um cientista disse que tinha gosto de boa carne envelhecida, e escravos que mineravam ouro nas brutais minas soviéticas da Sibéria também desenterraram e comeram mamutes semelhantes.

As lendas mundiais contam que, após algumas grandes catástrofes, as pessoas se voltaram para o canibalismo. O Mahabharata fala de antigas armas atômicas hindus e naves voadoras. A literatura europeia fala de Atland, um continente submerso povoado por grandes mágicos (leia-se cientistas). Sólon, o grande legislador de Atenas, visitou os egípcios e trouxe de volta a história do desaparecimento da Atlântida em "um único dia e uma única noite, desapareceu sob as ondas".

E, claro, as placas de bronze do tesouro de Crespi nos mostram como são os colonos atlantes. Eles tinham traços caucasianos. Há uma placa que mostra um homem de nariz achatado que se sentiria em casa na Irlanda.

A tecnologia, a cola, o revestimento de parede de alumínio e todo o resto nos dizem que veio de um império científico - a Atlântida Hindu.

Os eventos anteriores costumam ordenadamente alguns dos fatos para formar um mosaico coerente e verossímil. Poderia ter acontecido dessa forma. E se sim, por que não sabemos sobre esses eventos que sacudiram a terra?

Suponha que os poucos sobreviventes - famintos, atingidos pela dor, entorpecidos pelo frio, vivendo em constante terror de canibais saqueadores - tomem a decisão de nunca, nunca voltar às armas destruidoras do mundo. Nunca. E suponha que quando o sol finalmente começasse a brilhar, os ecologistas e os verdes ganhassem poder nos conselhos recém-formados. Tecnologia fora da lei e ciência fora da lei. Crie uma Idade da Pedra. Os sobreviventes ouviriam com severa atenção e, essencial para o plano, apagariam nossa história e começariam de novo. Das cavernas de refúgio, eles emergiram como homens e mulheres das cavernas. Não os brutos de desenho animado arrastando suas mulheres pelos cabelos, mas humanos completamente civilizados, prontos para começar de novo.

O INVERNO FIMBUL

FATO: UMA IDADE DO GELO SÚBITA desceu sobre o mundo. Os geólogos fazem uma estimativa bem fundamentada das datas. Houve outras eras glaciais, com períodos de aquecimento de dez mil anos entre eles, mas a que nos preocupa aqui coincidiu, mais ou menos, com o suposto afundamento da Atlântida há cerca de 11.000 anos, e o aumento do nível do oceano geologicamente registrado.

A holandesa Oera Linda Boek revela:

Assamos nosso pão com o sol e o tempo estava lindo, havia muita cantoria e vivíamos muito felizes. Então o clima mudou abruptamente. Ficou frio, muito, muito frio e rápido. O que assustava as pessoas era a rapidez do ataque horrível e gelado. Um dia estava ensolarado e quente, e no dia seguinte, neve implacável; milhares de milhas cúbicas de água do oceano se transformaram em vapor vivo, e o vapor d'água se transformou em neve quando um buraco foi aberto em nossa atmosfera protetora, e o frio do espaço se precipitou. Inverno instantâneo, chamado, na Escandinávia, o terrível Fimbulvetr, o Inverno de Fimbul.

Talvez o seguinte faça sentido para você.

DRAMATIZAÇÃO-ESPECULAÇÃO

Primeiro vieram as rajadas de vento rápidas e geladas e depois a neve, neve sem fim. A maioria de nosso povo morreu congelado ou foi morto por estrangeiros canibais; e nossos animais, gado, ovelhas e cabras morreram, porque não havia pasto. Não havia casas de toras para nos proteger, apenas algumas frágeis construídas para um clima quente e ensolarado. Não foi legal. Os poucos de nós que viviam perto de cavernas fugimos para eles apenas para

encontrá-los ocupados por animais. Isso foi uma boa sorte para nós, embora alguns de nós tenham morrido lutando contra eles; comemos sua carne e vivemos. E mais tarde aprendemos a usar seus

peles para roupas. Conseguimos acender o fogo e sobrevivemos. O gelo veio tão rápido que grandes rebanhos de mamutes, bisões e outros animais simplesmente desapareceram sob a neve. Mais tarde, treinamos nossos cães para encontrar os cemitérios congelados. Os animais congelaram tão rapidamente que sua carne era boa para comer, não importa quantos anos se passaram, e nós sobrevivemos. Aprendemos que devemos estar vigilantes, pois bandos de canibais estrangeiros estavam à espreita. Eles estavam morrendo de fome e nos olhavam para o jantar. Tínhamos que permanecer alertas e manter nossas lanças e arcos ao nosso lado. Era o inverno de Fimbul e nos perguntávamos se o mundo voltaria a se aquecer; se algum dia voltássemos a cheirar uma flor ou a morder uma maçã fresca e deliciosa. Oh, como ansiamos por comida fresca.

Por anos e anos sentamos ao redor da fogueira e tentamos entender o que havia acontecido com o mundo. Debate sem fim. Suspeitamos que as armas atômicas eram a causa. As duas nações que controlam o mundo, Bahrata no norte da Índia e Asvin no Oceano Atlântico, tinham centenas de armas nucleares e sabíamos que as haviam usado. Essas armas podem ter sido a causa deste terrível inverno Fimbul. Prometemos que, se o inverno acabasse, um dia descobriríamos o que havia acontecido e acabaríamos com essa loucura. Devemos unir o mundo, proibir a ciência e a tecnologia e garantir que isso nunca mais ocorra. Devemos começar de novo no nível da Idade da Pedra. Retenha nossa matemática e artes de cura, retenha nossa linguagem e poesia e, acima de tudo, retenha nossa crença no Divino Pai-Mãe e seus filhos, nossos pais, os deuses.

Depois de muitos, muitos anos, gradualmente aqueceu e, eventualmente, as pessoas emergiram de suas cavernas. As cidades do norte da Índia ainda eram radioativas e tornaram-se lugares de tabu. Toda a estrutura da civilização entrou em colapso e os sobreviventes começaram a se comunicar lenta e dolorosamente novamente. Nós nos lembramos de tecnologia suficiente para construir enormes e rudimentares aeronaves com saco de gás; voamos pelo mundo, localizando outros sobreviventes. Nós nos organizamos sob o lema "Nunca mais". Encontre os livros; queime, esconda ou enterre a tecnologia. Forme vigorosos grupos secretos e armados de ação política para impedir que as pessoas desenvolvam a ciência e banir a tecnologia. Alguns de nós pensavam que a persuasão era a maneira de lidar com os cientistas; outros, mais práticos, simplesmente os mataram.

FACTO

O rei indiano que lançou o raio de ferro e destruiu duas sociedades separadas de pessoas muitos milhares de anos após o inverno de Fimbul terminar

selecionou nove homens, cada um com uma especialidade científica. Cada um coletou todas as informações sobre sua área de especialização e muito provavelmente destruiu todas as cópias de documentos, exceto suas enciclopédias, que ele escondeu do público.

Um exemplo perfeito disso é “Bispo Freddie”, um bispo ordenado autêntico que estudou magia. Eu o convidei para me visitar em Miami, para testar suas teorias. Ele trouxe um pequeno saquinho de ervas para fazer uma “varinha negra”, uma varinha feita de plantas e ervas cuidadosamente embrulhadas em fita de piche, e me disse que era usada para localizar o norte. Freddie explicou que o velho livro que ele estudou dizia que a varinha deveria ser revestida com alcatrão, mas ele descobriu que a fita preta de alcatrão também servia. Colocamos em uma banheira com água e apontou para o norte. Eu disse a Freddie que ele tinha que me ensinar como fazer isso. “Ah, de jeito nenhum, Rich”, respondeu ele. “Eu fiz um juramento solene de ensinar apenas uma outra pessoa, e essa pessoa tinha que ser minha pupila e jurar manter a linha de sigilo. Você nunca poderia ser meu aluno e adora compartilhar histórias, então não.”

Essa foi minha primeira dica de que existe um substrato secreto de conhecimento desde a antiguidade, cuidadosamente protegido por uma linha ininterrupta de iniciação. O bispo Freddie e os Nove Homens Justos da Índia mencionados anteriormente sugerem que há repositórios secretos de ciência subterrânea reunidos após o inverno de Fimbul.

Na Doutrina Secreta de Blavatsky, ela fala de uma irmandade de adeptos que têm acesso a essas informações confidenciais. Um exemplo é o irmão Koot Hoomi, da Caxemira, no norte da Índia. Em uma de suas Cartas dos Mestres da Sabedoria para AP Sinnett, Koot Hoomi revelou alguns dos conhecimentos ocultos. Sinnett foi o influente editor do jornal inglês-indiano Pioneer, que em 1882 queria recrutar para o objetivo de longo prazo de libertar a Índia.

E é claro que a Índia, inspirada por Gandhi, se libertou pacificamente em 1949.

Koot Hoomi falou sobre a ciência secreta indiana e explicou em 1880 que a chuva pode ser induzida quimicamente, que os planetas emitem mais calor do que podem receber do sol e que, "Você ouvirá os sons das estrelas distantes antes de vê-los. Esta é uma previsão." Essa previsão foi validada no século

seguinte com o radiotelescópio e, na década de 1950, descobriu-se que Júpiter estava, de fato, emitindo mais calor do que poderia receber do sol.

As cartas de Koot Hoomi podem ser lidas hoje e foram cuidadosamente preservadas em microfilme pelo Museu Britânico. Koot Hoomi, aliás, é a professora que ensinou a Annie Besant e seu amigo, o bispo Charles Webster Leadbeater, a arte da visão interdimensional.

CONCLUSÃO

A PRESENÇA DOArtefatos Crespi - rodas de cobre duro como aço que não distorcem em alta velocidade; "papel de parede" de alumínio metalurgicamente puro; a cola metálica multicontinental que mantém os edifícios unidos no que já foi o norte da Índia, América Latina e Ilha de Páscoa; o edifício laser El Panecillo; os locais com danos nucleares de Mohenjo Daro e Harrapa no Paquistão; Esculturas em madeira da Ilha de Páscoa de Pakarati mostrando vítimas da radiação; e as ruínas do templo de mármore nas Bahamas nos falam de civilizações antigas arruinadas pelo cataclismo e pela mão humana.

A decoração dourada da parede retratando meio-humanos tristes e obviamente mal-engenheirados olhando morosamente para nós são terríveis lembretes de que os jogos competitivos assassinos que permitimos que os super-ricos e poderosos joguem geralmente têm consequências dolorosas e trágicas. O tempo todo eles balançam planos brilhantes, açucarados, perigosos, terrivelmente caros e feios diante de nós. E o tempo todo continuamos agarrando a isca.

Como Herman Melville disse em "Bartleby the Scrivener", "Ah, humanidade!"

APÊNDICE UM

CRITIAS

CRITIAS É UM DOS diálogos escritos por Platão por volta de 360 aC. É importante porque é uma das primeiras referências à Atlântida na literatura mundial.

Em *Critias*, o bisavô de Platão descreve a Sócrates o antigo conhecimento da origem, descrição física, governo e declínio da Atlântida. A tradução que aparece abaixo é de *Atlantis: The Antediluvian World*, de Ignatius Donnelly (Nova York: Harper & Brothers, 1882).

Mas, além dos deuses que você mencionou, eu invocaria especialmente Mnemosyne (Memória), pois toda a parte importante do que tenho a contar depende de seu favor, e se eu puder me lembrar e recitar o suficiente do que foi dito pelo sacerdotes e trazidos para cá por Sólon, não tenho dúvidas de que satisfarei as exigências deste teatro. Para essa tarefa, então, vou me dedicar.

Permitam-me começar observando, em primeiro lugar, que nove mil foi a soma dos anos decorridos desde a guerra, que se dizia ter ocorrido entre aqueles que viviam fora dos Pilares de Hércules e aqueles que habitavam neles: esta guerra Agora devo descrever. Dos combatentes, de um lado, consta que a cidade de Atenas era a governante e dirigia a disputa; os combatentes do outro lado eram liderados pelos reis das ilhas de Atlântida, que, como eu estava dizendo, já tiveram uma extensão maior do que a da Líbia e da Ásia; e quando posteriormente afundado por um terremoto, tornou-se uma barreira intransponível de lama para os viajantes que navegavam daí para o oceano. O progresso da história vai desdobrar as várias tribos de bárbaros e gregos que então existiram, à medida que vão surgindo sucessivamente em cena. Mas devo começar descrevendo, em primeiro lugar, os atenienses como eram naquela época e seus inimigos que lutavam com eles; e terei que falar sobre o poder e a forma de governo de ambos. Vamos dar a precedência a Atenas. . .

Muitos grandes dilúvios ocorreram durante os nove mil anos, pois esse é o número de anos que se passaram desde o tempo de que estou falando. E em todas as idades e mudanças das coisas nunca houve qualquer

assentamento da terra fluindo das montanhas, como em outros lugares, do qual vale a pena falar; ela sempre foi carregada em círculos e desapareceu nas profundezas abaixo. A consequência é que em comparação com o que era então, permanecem em pequenas ilhotas apenas os ossos do corpo destruído, como podem ser chamados, todas as partes mais ricas e macias do solo tendo caído, e o mero esqueleto do país sendo deixado. . .

E a seguir, se não esqueci o que ouvi quando era criança, contarei a vocês o caráter e a origem de seus adversários; pois os amigos não devem guardar suas histórias para si, mas tê-las em comum. No entanto, antes de prosseguir na narrativa, devo avisá-lo que você não deve se surpreender se ouvir nomes gregos dados a estrangeiros. Contarei a razão disso: Sólon, que pretendia usar a história para seu poema, fez uma investigação sobre o significado dos nomes e descobriu que os primeiros egípcios, ao escrevê-los, haviam traduzido para sua própria língua, e ele recuperou o significado de vários nomes e os retraduziu, e os copiou novamente em nossa língua. Meu avô Dropidas tinha a escrita original, que ainda está em minha posse e foi cuidadosamente estudada por mim quando eu era criança.

A história, que era extensa, começava da seguinte maneira: Já observei antes, ao falar aos deuses, que eles dividiam a terra inteira entre si em porções de extensão diferente, e faziam para si templos e sacrifícios. E Poseidon, recebendo por sua sorte a ilha de Atlântida, gerou filhos por uma mulher mortal e se estabeleceu em parte da ilha, que passarei a descrever. Do lado do mar, e no centro de toda a ilha, havia uma planície, que se diz ter sido a mais bela de todas as planícies e muito fértil. Mais uma vez perto da planície, e também no centro da ilha, a uma distância de cerca de cinquenta estádios, havia uma montanha, não muito alta de qualquer lado. Nesta montanha morava um dos homens primitivos nascidos na terra daquele país, cujo nome era Euenor, e ele tinha uma esposa chamada Leukippe, e eles tinham uma filha única, que se chamava Cleito. A donzela estava crescendo até a idade adulta quando seu pai e sua mãe morreram. Poseidon se apaixonou por ela e teve relações sexuais com ela; e rompendo o terreno, fechou a colina em que ela habitava em toda a volta, fazendo zonas alternadas de mar e terra, maiores e menores, circundando uma com um torno fora do centro da ilha, equidistante em todos os sentidos, de modo que nenhum homem pudesse chegar para a ilha, pois não se ouvia falar de navios e viagens. Ele mesmo, por ser um deus, não encontrou rodear um com um torno fora do centro da ilha, equidistante em todos os sentidos, para que ninguém pudesse chegar à ilha, pois não se ouvia falar de navios e viagens. Ele mesmo, por ser um deus, não encontrou rodear um com um torno fora do

centro da ilha, equidistante em todos os sentidos, para que ninguém pudesse chegar à ilha, pois não se ouvia falar de navios e viagens. Ele mesmo, por ser um deus, não encontrou

dificuldade em fazer arranjos especiais nem na ilha central, trazendo dois riachos de água sob a terra, que ele fez subir como fontes, um de água quente e outro de frio, e fazendo com que toda variedade de alimentos brotasse abundantemente na terra . Ele também gerou e criou cinco pares de filhos do sexo masculino, dividindo o par entre a casa de sua mãe e o lote circundante, que era o maior e melhor, e o fez rei sobre o resto; aos outros ele nomeou príncipes e deu-lhes o governo sobre muitos homens e um grande território. E ele nomeou todos eles. O mais velho, que era rei, chamou Atlas, e dele toda a ilha e o oceano receberam o nome de Atlântico. Ao seu irmão gêmeo, que nasceu depois dele e obteve como seu destino a extremidade da ilha em direção aos Pilares de Hércules, quanto ao país que ainda se chama região de Gades naquela parte do mundo, deu um nome que na língua helênica é Eumelus; na língua do país que leva seu nome, Gadeirus. Da segunda parte dos gêmeos ele chamou um de Ampheres e o outro de Euaemon. À terceira parte dos gêmeos deu o nome de Mneseus ao mais velho e Autochthon ao que o seguiu. Da quarta parte dos gêmeos ele chamou o Elasippus mais velho e o mais jovem, Mestor. E do quinto par ele deu ao mais velho o nome de Azaes, e ao mais novo, Diaprepes. Todos esses e seus descendentes eram os habitantes e governantes de várias ilhas no mar aberto e também, como já foi dito, eles dominavam na outra direção sobre o país dentro dos Pilares até o Egito e o Tírrênia. ele deu um nome que na língua helênica é Eumelus; na língua do país que leva seu nome, Gadeirus. Da segunda parte dos gêmeos ele chamou um de Ampheres e o outro de Euaemon. À terceira parte dos gêmeos deu o nome de Mneseus ao mais velho e Autochthon ao que o seguiu. Da quarta parte dos gêmeos ele chamou o Elasippus mais velho e o mais jovem, Mestor. E do quinto par ele deu ao mais velho o nome de Azaes, e ao mais novo, Diaprepes. Todos esses e seus descendentes eram os habitantes e governantes de várias ilhas no mar aberto e também, como já foi dito, eles

dominavam na outra direção sobre o país dentro dos Pilares até o Egito e o Tírrênia. Da segunda parte dos gêmeos ele chamou um de Ampheres e o outro de Euaemon. À terceira parte dos gêmeos deu o nome de Mneseus ao mais velho e Autocthon ao que o seguiu. Da quarta parte dos gêmeos ele chamou o Elasippus mais velho e o mais jovem, Mestor. E do quinto par ele deu ao mais velho o nome de Azaes, e ao mais novo, Diaprepes. Todos esses e seus descendentes eram os habitantes e governantes de várias ilhas no mar aberto e também, como já foi dito, eles dominavam na outra direção sobre o país dentro dos Pilares até o Egito e o Tírrênia. Da segunda parte dos gêmeos ele chamou um de Ampheres e o outro de Euaemon. À terceira parte dos gêmeos deu o nome de Mneseus ao mais velho e Autocthon ao que o seguiu. Da quarta parte dos gêmeos ele chamou o Elasippus mais velho e o mais jovem, Mestor. E do quinto par ele deu ao mais velho o nome de Azaes, e ao mais novo, Diaprepes. Todos esses e seus descendentes eram os habitantes e governantes de várias ilhas no mar aberto e também, como já foi dito, eles dominavam na outra direção sobre o país dentro dos Pilares até o Egito e o Tírrênia. E do quinto par ele deu ao mais velho o nome de Azaes, e ao mais novo, Diaprepes. Todos esses e seus descendentes eram os habitantes e governantes de várias ilhas no mar aberto e também, como já foi dito, eles dominavam na outra direção sobre o país dentro dos Pilares até o Egito e o Tírrênia. E do quinto par ele deu ao mais velho o nome de Azaes, e ao mais novo, Diaprepes. Todos esses e seus descendentes eram os habitantes e governantes de várias ilhas no mar aberto e também, como já foi dito, eles dominavam na outra direção sobre o país dentro dos Pilares até o Egito e o Tírrênia.

Agora Atlas tinha uma família numerosa e honrada, e seu ramo mais velho sempre manteve o reino, que o filho mais velho passou a este mais velho por muitas gerações, e eles tinham uma quantidade de riqueza que nunca antes foi possuída por reis e potentado, e provavelmente nunca mais será; e foram fornecidos com tudo o que podiam, tanto na cidade como no campo. Pois, devido à grandeza de seu império, muitas coisas foram trazidas para eles de países estrangeiros, e a própria ilha fornecia muito do que era necessário para o uso da vida. Em primeiro lugar, eles cavaram da terra tudo o que foi encontrado lá, tanto mineral quanto metal, e o que agora é apenas um nome - aurichalcum - foi retirado da terra em muitas partes da ilha, e com a exceção do ouro, era considerado o metal mais precioso entre os homens daquela época. Havia lenha em abundância para o trabalho dos carpinteiros e sustento suficiente para os animais domesticados e selvagens. Além disso,

havia um grande número de elefantes na ilha, e havia provisões para animais de toda espécie, tanto para os que vivem em lagos

e pântanos e rios, e também para aqueles que vivem nas montanhas e nas planícies e, portanto, para o animal que é o maior e mais voraz de todos eles. E também, todas as coisas fragrantas que existem na terra, sejam raízes, ou ervas, ou madeiras, ou gotas de destilação de flores ou frutas, cresceram e prosperaram naquela terra; e novamente, o fruto cultivado da terra, tanto o fruto seco comestível quanto outras espécies de alimentos, que chamamos pelo nome geral de leguminosas; e os frutos de casca dura, proporcionando bebidas e carnes e unguentos e boa reserva de castanhas e semelhantes, que podem ser usados para brincar e são frutos que se estragam com a guarda; e os tipos agradáveis de sobremesa, que nos consolam depois do jantar, quando estamos fartos e cansados de comer - tudo isso, aquela ilha sagrada sob o sol trazida da terra, e eles se empenharam na construção de seus templos, palácios, portos e docas; e eles organizaram o país inteiro da seguinte maneira. Em primeiro lugar, eles fizeram uma ponte sobre as zonas do mar que circundam a antiga metrópole e fizeram uma passagem para dentro e para fora do palácio real, e então começaram a construir o palácio na habitação do deus e de seus ancestrais. Eles continuaram a ornamentar em gerações sucessivas, cada rei superando aquele que veio antes dele com o máximo de seu poder, até que fizeram do edifício uma maravilha de se ver pelo tamanho e pela beleza. E a partir do mar, cavaram um canal de 100 metros de largura e 30 metros de profundidade e cinquenta estádios de comprimento, que levaram até a zona mais externa, fazendo uma passagem do mar até esta, que se tornou um porto, e deixando uma abertura suficiente para permitir que os maiores navios encontrem a entrada. Além disso, eles dividiram as zonas de terra, que separavam as zonas do mar, construindo pontes de tal largura que deixariam uma passagem para uma única trirreme passar de uma para outra, e as cobriram; e havia um caminho por baixo para os navios, pois as margens das zonas se elevavam consideravelmente acima da água. Ora, a maior das zonas em que uma passagem foi cortada do mar tinha três estádios de largura, e a zona de terra, que veio a seguir, de igual largura; mas os dois seguintes, tanto a zona da água como a da terra, eram dois estádios, e o que rodeava a ilha central era um estádio apenas de largura. Esta ilha onde o palácio estava situado tinha um diâmetro de cinco estádios. Isto e as zonas e a ponte, que era a sexta parte de um estádio em largura, eles eram cercados por um muro de pedra, de cada lado colocando torres; e portões nas pontes por onde o mar passava na pedra, que foi usada no trabalho que extraíram de debaixo da ilha

central e de debaixo das zonas do lado externo como o lado interno. Um tipo de pedra era

branco, outro preto e um terceiro vermelho; e enquanto escavavam, eles ao mesmo tempo cavavam docas duplas por dentro, tendo telhados formados com a rocha nativa. Alguns de seus edifícios eram simples, mas em outros eles montaram pedras diferentes, que misturaram para fins de ornamento, para serem uma fonte natural de leite. Todo o circuito da parede, que contornava a mais externa, foi coberto com um revestimento de latão; e o circuito da próxima parede eles revestiram com estanho; e a terceira, que circundava a cidadela, brilhou com a luz vermelha do aurichalcum. Os palácios no interior da cidadela foram construídos da seguinte maneira: no centro havia um templo sagrado dedicado a Cleito e Poseidon, que permaneceu inacessível e foi cercado por um cercado de ouro. Este foi o local em que eles originalmente geraram a raça dos dez príncipes, e para lá eles traziam anualmente os frutos da terra em suas estações de todas as dez porções, e realizavam sacrifícios a cada um deles. Aqui, também, estava o próprio templo de Poseidon, de um estádio de comprimento e meio estádio de largura, e de altura proporcional, tendo uma espécie de esplendor bárbaro. Todo o exterior do templo, com exceção dos pináculos, eles eram cobertos com prata e os pináculos com ouro. No interior do templo, o telhado era de marfim, adornado por toda parte com ouro, prata e aurichalcum; todas as outras partes das paredes e pilares e piso foram revestidas com aurichalcum. No templo eles colocaram estátuas de ouro. Lá estava o próprio deus de pé em uma carruagem - cocheiro de seis cavalos alados - e de tal tamanho que tocou o telhado do prédio com a cabeça. Em volta dele havia cem nereidas (ninfas) montadas em um golfinho, pois pensava-se que era esse o número delas naquele dia. Existiam também no interior do templo outras imagens, que foram dedicadas por particulares. E ao redor do templo do lado de fora foram colocadas estátuas de ouro de todos os dez reis e de suas esposas, e havia muitas outras grandes ofertas, tanto de reis quanto de particulares, vindos tanto da própria cidade quanto das cidades estrangeiras sobre as quais eles mantiveram o controle. Também havia um altar, que em tamanho e acabamento correspondia ao resto da obra, e havia palácios de maneira semelhante,

No próximo local, eles usaram fontes tanto de fontes frias quanto de fontes termais; estes eram muito abundantes, e ambos os tipos maravilhosamente adaptados para uso em razão da doçura e excelência de suas águas. Eles construíram edifícios em torno deles e plantaram árvores adequadas; também cisternas, algumas abertas para o céu, outras, por cima das quais foram cobertas, para serem utilizadas no inverno como banhos quentes. Lá

eram os banhos do rei e os banhos dos particulares, que eram mantidos separados; também banhos separados para mulheres, e outros novamente para cavalos e gado, e eles davam todos os adornos que lhes cabiam. Da água que escorria, eles carregaram um pouco para o bosque de Poseidon, onde cresciam todos os tipos de árvores de altura e beleza maravilhosas, devido à excelência do solo; o restante era transportado por aquedutos, que passavam pelas pontes até o círculo externo. E havia muitos templos construídos e dedicados a muitos deuses; também jardins e locais de exercício, alguns para homens e alguns separados para cavalos, em ambas as ilhas formadas pelas zonas, e no centro da maior das duas havia uma pista de corridas de um estádio de largura e comprimento tem permissão para se estender por toda a ilha para os cavalos correrem. Também havia guaritas a intervalos para os guarda-costas, os mais confiáveis dos quais tinham suas funções designadas a eles na zona menor, que ficava mais perto da Acrópole; enquanto os mais confiáveis de todos tinham casas que lhes foram dadas dentro da cidadela, e sobre as pessoas dos reis. As docas estavam cheias de trirremes e provisões navais, e tudo pronto para uso. Chega do plano do palácio real.

Atravessando os portos exteriores, que eram três, chegava-se a uma parede que começava no mar e contornava. Este estava em toda parte a cinquenta estádios de distância da zona maior e do porto e abrangia o todo, encontrando-se na foz do canal em direção ao mar. Toda a área estava densamente apinhada de habitações; e o canal e o maior dos portos estavam cheios de navios e mercadores vindos de todas as partes, os quais, de acordo com seu número, mantinham o som multitudinário de vozes humanas e estrondos de todos os tipos, noite e dia. Repeti suas descrições da cidade e das partes do antigo palácio quase como ele as deu, e agora devo me esforçar para descrever a natureza e os arranjos do resto do país. Todo o país foi descrito como muito elevado e escarpado do lado do mar, mas a região imediatamente ao redor da cidade ao redor era uma planície nivelada, ela própria cercada por montanhas que desciam em direção ao mar; era liso e uniforme, mas de forma oblonga, estendendo-se em uma direção por três mil estádios e subindo o país desde o mar até o centro da ilha, dois mil estádios. Toda a região da ilha está voltada para o sul e é protegida do norte. As montanhas circundantes eram celebradas por seu número, tamanho e beleza, que ultrapassavam tudo o que agora se vê em qualquer lugar; tendo neles também muitas aldeias habitadas ricas, rios, lagos e prados que fornecem comida suficiente para todos os animais -

selvagens ou domesticados estendendo-se em uma direção de três mil estádios, e subindo o país desde o mar até o centro da ilha, dois mil estádios. Toda a região da ilha está voltada para o sul e é protegida do norte. As montanhas circundantes eram celebradas por seu número, tamanho e beleza, que ultrapassavam tudo o que agora se vê em qualquer lugar; tendo neles também muitas aldeias habitadas ricas, rios, lagos e prados que fornecem comida suficiente para todos os animais - selvagens ou domesticados estendendo-se em uma direção de três mil estádios, e subindo o país desde o mar até o centro da ilha, dois mil estádios. Toda a região da ilha está voltada para o sul e é protegida do norte. As montanhas circundantes eram celebradas por seu número, tamanho e beleza, que ultrapassavam tudo o que agora se vê em qualquer lugar; tendo neles também muitas aldeias habitadas ricas, rios, lagos e prados que fornecem comida suficiente para todos os animais - selvagens ou domesticados

- e madeira de vários tipos, abundante para todo tipo de trabalho.

Descriverei a planície, que foi cultivada durante muitas eras por muitas gerações de reis. Era retangular e, em sua maior parte, reto e oblongo; e o que queria da linha reta seguia a linha da vala circular. A profundidade, largura e comprimento dessa vala eram incríveis e davam a impressão de que tal obra, além de tantas outras, dificilmente poderia ter sido executada pela mão de um homem. Mas devo dizer o que ouvi. Foi escavado a uma profundidade de trinta metros, e sua largura era um estádio em toda parte; era transportado por toda a planície e tinha dez mil estádios de comprimento. Recebeu os riachos que desciam das montanhas e serpenteavam ao redor da planície, e tocavam a cidade em vários pontos, e daí desembocavam no mar. De cima, da mesma forma, canais retos de trinta metros de largura foram abertos na planície e novamente abertos na vala, em direção ao mar; esses canais tinham intervalos de cem estádios, e com eles traziam a madeira das montanhas para a cidade e transportavam os frutos da terra em navios, cortando passagens transversais de um canal para o outro e para a cidade. Duas vezes por ano, eles colhiam os frutos da terra - no inverno, aproveitando as chuvas; e no verão, a introdução da água dos canais. Quanto à população, cada um dos lotes da planície tinha um chefe nomeado de homens aptos para o serviço militar, e o tamanho do lote deveria ser um quadrado de dez estádios para cada lado; o número total de todos os lotes foi de sessenta mil. esses canais tinham intervalos de cem estádios, e com eles traziam a madeira das montanhas para a cidade e transportavam os frutos da terra em navios, cortando passagens transversais de um canal para o outro e para a cidade. Duas vezes por ano, eles colhiam os frutos da terra - no inverno, aproveitando as chuvas; e no verão, a introdução da água dos canais. Quanto à população, cada um dos lotes da planície tinha um chefe nomeado de homens aptos para o serviço militar, e o tamanho do lote deveria ser um quadrado de dez

estádios para cada lado; o número total de todos os lotes foi de sessenta mil. Duas vezes por ano, eles colhiam os frutos da terra - no inverno, aproveitando as chuvas; e no verão, a introdução da água dos canais. Quanto à população, cada um dos lotes da planície tinha um chefe nomeado de homens aptos para o serviço militar, e o tamanho do lote deveria ser um quadrado de dez estádios para cada lado; o número total de todos os lotes foi de sessenta mil. Duas vezes por ano, eles colhiam os frutos da terra - no inverno, aproveitando as chuvas; e no verão, a introdução da água dos canais. Quanto à população, cada um dos lotes da planície tinha um chefe nomeado de homens aptos para o serviço militar, e o tamanho do lote deveria ser um quadrado de dez estádios para cada lado; o número total de todos os lotes foi de sessenta mil.

E dos habitantes das montanhas e do resto do país havia também uma vasta multidão com líderes, aos quais foram designados de acordo com suas moradias e aldeias. O líder era obrigado a fornecer para a guerra a sexta parte de uma carruagem de guerra, de modo a perfazer um total de dez mil carruagens; também dois cavalos e cavaleiros sobre eles, e uma carruagem leve sem assento acompanhada por um guerreiro a pé carregando um pequeno escudo, e tendo um cocheiro montado guiando os cavalos; também, ele foi obrigado a fornecer dois homens armados, dois arqueiros, dois fundeiros, três atiradores de pedra e três homens de dardo, que eram escaramuçadores, e quatro marinheiros para formar um complemento de mil e duzentos navios. Essa era a ordem da guerra na cidade real; o dos outros nove governos era diferente em cada um deles, e seria cansativo narrar. Quanto aos cargos e honras, o seguinte foi o arranjo desde o início: cada um dos dez reis, em sua própria divisão e em sua própria cidade, tinha o controle absoluto dos cidadãos e, em muitos casos, das leis, punindo e matando quem quer que fosse ele iria.

Agora, as relações de seus governos entre si eram reguladas pelas injunções de Poseidon conforme a lei as havia ordenado. Estes foram inscritos pelos primeiros homens em uma coluna de aurichalcum, que estava situada no meio da ilha no templo de Poseidon, onde o povo se reunia a cada quinto e sexto anos alternadamente, dando honra igual aos ímpares e aos o número par. E quando estavam reunidos, consultavam sobre assuntos públicos e perguntavam se alguém havia transgredido em alguma coisa e julgava-os adequadamente; e antes de passarem o julgamento, eles fizeram suas promessas um ao outro desta maneira: Havia touros que tinham o alcance do templo de Poseidon, e os dez que foram deixados sozinhos no templo, depois de terem oferecido orações aos deuses para que pudessem aceitar os sacrifícios que lhes eram aceitáveis, caçavam os touros sem armas, mas com bastões e laços; e o touro que pegaram levaram até a coluna. A vítima foi então golpeada na cabeça por eles e morta sobre a inscrição sagrada Agora na coluna; além da lei, foi inscrito um juramento invocando poderosas maldições sobre os desobedientes. Quando, portanto, após oferecerem o sacrifício de acordo com seus costumes, eles queimaram os membros do touro, eles misturaram uma taça e lançaram um coágulo de sangue para cada um deles. O resto da vítima foi levado ao fogo, depois de ter feito uma purificação da coluna em volta. Em seguida, eles retiravam do copo em vasos de ouro e de acordo com as leis da coluna, e puniriam qualquer um que já havia transgredido, e que no futuro eles não iriam, se pudessem ajudar, transgredir qualquer uma das inscrições e não ordenariam ou obedeceriam a qualquer governante que os comandasse a agir de outra forma que não de acordo com as leis de seu pai Poseidon. Esta foi a oração que cada um ofereceu por si e pela sua família, ao mesmo tempo que bebia e dedicava o vaso no templo do deus. E depois de passar algum tempo necessário na ceia, quando escureceu, o fogo ao redor do sacrifício estava frio; todos eles vestiram os mais belos mantos azuis e sentaram-se no chão à noite perto das brasas dos sacrifícios sobre os quais haviam jurado, e apagando todo o fogo ao redor do templo, eles receberam e deram o julgamento, se algum [destes fossem] uma acusação a ser apresentada contra alguém; e quando eles deram o julgamento, ao raiar do dia eles escreveram suas sentenças em uma tábua dourada e as depositaram como memoriais junto com suas vestes. Havia muitas leis especiais, que vários reis haviam inscrito sobre os templos, mas a mais importante era a seguinte: que eles não deveriam pegar em armas uns contra os outros e todos deveriam vir em socorro, se alguém em qualquer cidade

tentou derrubar a casa real. Como seus ancestrais, eles deveriam deliberar em comum sobre a guerra e outros assuntos, dando supremacia à família de Atlas; e o rei não teria poder de vida ou morte sobre nenhum de seus parentes, a menos que tivesse o consentimento da maioria dos dez reis.

Tal é o vasto poder que o deus estabeleceu na ilha perdida de Atlântida; e isso ele depois dirigiu contra nossa terra com o seguinte pretexto, como dizem as tradições. Por muitas gerações, enquanto a natureza divina durou neles, eles foram obedientes às leis e bem afetuosos para com os deuses, que eram seus parentes; pois eles possuíam espíritos verdadeiros e em todos os sentidos grandes, praticando gentileza e sabedoria nas várias mudanças de vida, e em suas relações uns com os outros. Eles desprezavam tudo menos a virtude, não se importando com seu estado atual de vida e pensando levianamente na posse de ouro e outras propriedades, que pareciam apenas um fardo para eles; nem estavam intoxicados pelo luxo; nem a riqueza os privou de seu autocontrole;

Por tais reflexões e pela continuação nelas de uma natureza divina, tudo o que descrevemos aumentou e aumentou nelas; mas quando essa porção divina começou a desaparecer neles e se diluiu com muita frequência, e com muito da mistura mortal, a natureza humana levou a melhor; então eles, sendo incapazes de suportar sua fortuna, tornaram-se inadequados, e para aquele que tinha olhos para ver, eles começaram a parecer vis e perderam o mais belo dos preciosos presentes; mas para aqueles que não tinham olhos para ver a verdadeira felicidade, eles ainda pareciam gloriosos e abençoados no mesmo tempo em que estavam cheios de avareza e poder injustos. Zeus, o deus dos deuses, que governa com a lei e é capaz de ver essas coisas, percebendo que uma raça honrada estava em um estado miserável e querendo infligir punições sobre eles, para que pudessem ser punidos e aperfeiçoados, reuniu todos os deuses em sua habitação santíssima, que, sendo colocada no centro do mundo, vê todas as coisas que participam de gerações. E quando ele os chamou, ele disse o seguinte: Aqui termina.

APÊNDICE DOIS

TIMAEUS

TIMAEUS É UM DOS diálogos escritos por Platão por volta de 360 aC. É importante porque é uma das duas primeiras referências à Atlântida na literatura mundial.

Timeu é um diálogo em que Critias, bisavô de Platão, descreve a origem do mundo a Sócrates. Ele contém uma introdução à Atlântida e uma descrição de sua destruição. A tradução que aparece abaixo é de *Atlantis: The Antediluvian World*, de Ignatius Donnelly (Nova York: Harper & Brothers, 1882).

Critias: Então ouça, Sócrates, uma história estranha, que é, no entanto, certamente verdadeira, como Sólon, que foi o mais sábio dos sete sábios, declarou. Era parente e grande amigo de meu bisavô, Dropidas, como ele mesmo diz em vários de seus poemas; e Dropidas contou a Critias, meu avô, que se lembrou e nos contou que houve antigamente grandes e maravilhosas ações dos atenienses, que caíram no esquecimento com o tempo e com a destruição da raça humana - e uma em particular - que foi a maior de todos eles, a recitação dos quais será um testemunho adequado da nossa gratidão para com você. . .

Sócrates: Muito bom, e o que é essa famosa ação milenar de que falava Critias, não como mera lenda, mas como uma verdadeira ação do estado ateniense, que Sólon narrou?

Critias: Vou contar uma história do velho mundo, que ouvi de um homem idoso; pois Critias tinha, como ele disse, naquela época quase noventa anos de idade, e eu tinha cerca de dez anos de idade. Ora, o dia era aquele dia, o terceiro da festa da Apatúria, que se chama registro da juventude; no qual, segundo o costume, nossos pais premiavam as recitações, e os poemas de vários poetas eram recitados por nós, meninos, e muitos de nós cantávamos os poemas de Sólon, que eram novos na época. Alguém de nossa tribo, ou porque essa era sua opinião verdadeira ou porque pensava que agradaria a Critias, disse que, em seu julgamento, Sólon não era apenas o mais sábio

dos homens, mas o mais nobre dos poetas. O velho, bem me lembro,
animou-se com isso e disse, sorrindo: “Sim,

Amynder, se Sólon tivesse, como outros poetas, feito da poesia o negócio de sua vida e tivesse completado a história que trouxe do Egito, e não tivesse sido compelido, por causa das facções e problemas que ele achou agitando neste país quando ele voltou para casa, para cuidar de outros assuntos, na minha opinião ele teria sido tão famoso quanto Homero ou Hesíodo ou quaisquer poetas. ”

“E sobre o que era aquele poema, Critias?” disse a pessoa que se dirigiu a ele.

“Sobre a maior ação que os atenienses já fizeram, e que deveria ter sido a mais famosa, mas que, com o passar do tempo e a destruição dos atores, não chegou até nós.”

“Conte-nos”, disse o outro, “toda a história, e como e de quem Sólon ouviu essa verdadeira tradição”.

Ele respondeu: "Na cabeceira do delta egípcio, onde o rio Nilo se divide, há um certo distrito chamado distrito de Sais, e a grande cidade do distrito também é chamada de Sais, e é a cidade de onde nasceu Amasis, a Rei. E os cidadãos têm uma divindade que é sua fundadora: ela é chamada na língua egípcia Neith, que eles afirmam ser a mesma que os gregos chamavam de Atenas. Agora, os cidadãos desta cidade são grandes amantes dos atenienses e dizem que estão de alguma forma relacionados com eles. De lá veio Sólon, que foi recebido por eles com grande honra; e perguntou aos sacerdotes, que eram os mais hábeis em tais assuntos, sobre a antiguidade, e fez a descoberta de que nem ele nem qualquer outro grego sabiam algo digno de menção sobre os tempos antigos. Em uma ocasião, quando ele os estava desenhando para falar da antiguidade,

Em seguida, um dos sacerdotes, que era muito idoso, disse: “Ó Sólon, Sólon, vocês, gregos, são apenas crianças, e nunca há um homem velho que seja grego”. Sólon, ao ouvir isso, disse: "O que você quer dizer?" “Quero dizer”, respondeu ele, “que em mente todos vocês são jovens; não há opinião antiga transmitida entre vocês por tradição ancestral, nem qualquer ciência que esteja envelhecida. E eu vou te dizer a razão disso: Houve, e haverá novamente,

muitas destruições da humanidade por muitas causas. Há uma história que até você preservou, que uma vez Phaethon, o filho de Helios, tendo juntado os corcéis na carruagem de seu pai porque ele não foi capaz de conduzi-los no caminho de seu pai, queimou tudo o que era sobre a terra, e ele próprio foi destruído por um raio. Agora, isso tem a forma de um mito, mas na verdade significa um desvio de seus cursos dos corpos que se movem ao redor da terra e nos céus, uma grande conflagração de coisas sobre a terra que se repetem em longos intervalos de tempo. Quando isso acontece, aqueles que vivem nas montanhas e em lugares áridos e elevados estão mais sujeitos à destruição do que aqueles que vivem junto aos rios ou à beira-mar; e desta calamidade o fato de que vivemos nas terras baixas do Nilo, que é nosso salvador que nunca falha, salva e nos entrega. Quando, por outro lado, os deuses purificam a terra com um dilúvio de água, entre seus pastores e pastores nas montanhas estão os sobreviventes; enquanto vocês que moram nas cidades são arrastados pelas águas para o mar. Mas neste país nem naquela época nem em qualquer outra a água vem de cima sobre os campos, tendo sempre a tendência de subir de baixo, razão pela qual as coisas preservadas aqui são ditas as mais antigas. O fato é que onde quer que as geadas extremas do inverno ou o sol do verão não impeçam, a raça humana está sempre aumentando às vezes, e outras vezes diminuindo em número. E o que quer que tenha acontecido em seu país ou no nosso, ou em qualquer outra região da qual somos informados, se alguma ação que é nobre ou grande ou de qualquer outra forma notável foi realizada; considerando que você e outras nações, tendo acabado de se munir de cartas e outras coisas que os estados exigem, e quando a torrente do céu desce como uma peste e deixa apenas aqueles de vocês que estão destituídos de letras e educação; e, portanto, você tem que começar tudo de novo como crianças, e não saber nada do que aconteceu nos tempos antigos, seja entre nós ou entre vocês. Quanto às suas genealogias que nos são contadas, Sólon, elas não são melhores do que histórias de crianças; pois, em primeiro lugar, você se lembra de apenas um dilúvio, ao passo que havia muitos antes dele; e, no próximo, você não sabe que morava em sua terra a mais bela e nobre raça de homens que já existiu, da qual você e toda a sua cidade são apenas uma semente ou remanescente. E isso era desconhecido para você porque por muitas gerações os sobreviventes daquela destruição morreram e não deram nenhum sinal. Pois houve um tempo, Sólon, antes daquele grande dilúvio de todos, em que a cidade que agora é Atenas foi a primeira em guerra e foi proeminente pela

excelência de suas leis, e dizem ter realizado o mais nobre dos feitos, e ter tido a constituição mais justa de qualquer uma das

contar a tradição, sob a face do céu. ” Sólon ficou maravilhado com isso e pediu veementemente ao padre que o informasse com exatidão e ordem sobre esses antigos cidadãos. “Sinta-se à vontade para ouvi-los”, disse o sacerdote, “tanto para o seu bem como para o da cidade; e, acima de tudo, por causa da deusa que é a mãe comum e protetora e educadora de ambas as nossas cidades. Ela fundou sua cidade mil anos antes da nossa, quando Gaia e Hefesto estabeleceram sua raça; e então ela fundou a nossa, cuja constituição está registrada em nossos registros sagrados como tendo oito mil anos de idade. Quanto aos cidadãos de nove mil anos atrás, vou informá-los brevemente de suas leis e do mais nobre de suas ações; e os detalhes exatos do todo examinaremos a seguir, em nosso lazer, nos próprios registros sagrados. Se você comparar essas mesmas leis com as suas, descobrirá que muitas das nossas são a contrapartida das suas, como eram antigamente. Em primeiro lugar, existe a casta dos sacerdotes, que é separada de todas as outras; em seguida, estão os artífices, que exercem seus diversos ofícios por si próprios e sem mistura de qualquer outra; e também há a classe dos pastores e dos caçadores, bem como a dos lavradores; e você observará, também, que os guerreiros no Egito são separados de todas as outras classes e são ordenados pela lei apenas para se engajar na guerra; além disso, as armas com que estão equipadas são escudos e lanças, e isso a deusa ensinou primeiro entre vocês e depois nos países asiáticos, e nós, os asiáticos, primeiro adotamos.

Então, quanto à sabedoria, você observa que cuidado a lei teve desde o início, procurando e compreendendo [toda] a ordem das coisas até a profecia e a medicina, esta última em vista da saúde? E desses elementos divinos tirando o que era necessário para a vida humana, e adicionando todo tipo de conhecimento que estava conectado a eles. Toda essa ordem e arranjo que a deusa primeiro comunicou a você ao estabelecer sua cidade; e ela escolheu o lugar da terra em que você nasceu, porque viu que o temperamento feliz das estações naquela terra produziria o mais sábio dos homens. Portanto a deusa, que era uma amante da guerra e da sabedoria, escolheu e, em primeiro lugar, estabeleceu aquele local que provavelmente produziria homens mais parecidos com ela. E lá você morou, tendo leis como essas e outras ainda melhores, e superou toda a humanidade em todas as virtudes, como se tornaram os filhos e discípulos dos deuses. Muitos grandes e maravilhosos feitos são registrados de seu estado em nossas histórias, mas um deles excede todos os outros em

grandeza e valor; pois essas histórias falam de um grande poder que estava agredindo desenfreadamente

contra toda a Europa e Ásia, e ao qual acabou a vossa cidade. Essa potência havia pousado na costa do Atlântico, pois naquela época o Atlântico era navegável a partir de uma ilha situada a oeste do estreito, chamada de Pilares de Hércules. A ilha era maior do que a Líbia e a Ásia juntas, e dela podiam ser alcançadas outras ilhas, e das ilhas você poderia passar para o continente oposto (as Américas), que circundava o verdadeiro oceano; pois este mar, que está dentro das Colunas de Hércules, é apenas um porto, tendo uma entrada estreita; mas aquele outro é um mar real, e a terra circundante pode ser chamada verdadeiramente de continente. Agora, a ilha se chamava Atlântida e era o coração de um grande e maravilhoso império que governou toda a ilha e várias outras, bem como partes do continente; e, além disso, partes da Líbia até o Egito, e da Europa até o Tírrênia. O vasto poder assim reunido em um se esforçou para subjugar com um golpe nosso país e o seu, e toda a terra que estava dentro dos estreitos; e então, Sólon, seu país brilhou na excelência de sua virtude e força entre toda a humanidade; pois ela foi a primeira em coragem e habilidade militar, e foi a líder dos aliados helênicos. E quando o resto caiu dela, sendo compelida a ficar sozinha depois de ter passado pelo extremo do perigo, ela derrotou e triunfou sobre os invasores e preservou da escravidão e libertou livremente todos os outros que ainda não estavam sujeitos, e libertou livremente todos os outros que viviam dentro dos limites de Hércules. Mas depois ocorreram violentos terremotos e inundações, e em um único dia e noite de chuva, todos os seus homens guerreiros em um corpo afundaram na terra, e a ilha de Atlântida da mesma maneira desapareceu sob o mar. E é por isso que o mar daquelas partes é intransitável e impenetrável, porque há uma grande quantidade de lama intransitável.

APÊNDICE TRÊS

UMA OLHADA MAIS PROFUNDA DA COLEÇÃO CRESPI DE CUENCA, EQUADOR

Por Warren Cook e Warren Dexter

Reimpresso de um artigo que apareceu em *Midwestern Epigraphic Journal* *Volume 17, 2 de novembro de 2003, pp. 23–37, com a gentil permissão de Beverly Moseley, editora.*

Enfraquecido por broncopneumonia aguda, o corajoso coração de Padre Carlo Crespi parou na noite de 30 de abril de 1982, um mês antes de chegar aos noventa. À medida que a memória do velho padre esmaecia em seus últimos anos, também diminuía a esperança de aprender os detalhes de proveniência de alguns dos artefatos mais notáveis já descobertos nas Américas.

Ouvi falar da Coleção Crespi pela primeira vez com o professor Barry Fell, um especialista em antigas línguas do Oriente Médio, que me mostrou um slide tirado em Cuenca em 1978 pelo historiador da Universidade Brigham Young, Dr. Paul Cheesman, do que veio a ser chamado de “Placa Masinissa .” A placa foi projetada e brevemente interpretada por Fell durante seu discurso noturno na conferência “Ancient Vermont” no Castleton State College em 1977, e partes dela foram retratadas e discutidas em seu livro *Saga America: A Startling New Theory on the Old World Settlement of America before Columbus*, publicado pela primeira vez em 1980.

A placa de metal retangular com estampa de rolo e cor dourada com um corte perfeitamente redondo do centro anuncia a morte de Masinissa (rei dos egípcios-líbios, conhecido por ter morrido em 148 aC) e a ascensão de seu filho ao trono de um Egito unido.

Uma placa parecida com ouro da mesma coleção em outro slide de Cheesman traz a imagem de um pássaro com asas estendidas e, abaixo dela, dois homens barbudos e encapuzados como clérigos carregando cajados. Em ambos os lados, em painéis de grade de escrita, Fell apontou letras em uma variação do cipriota, soletrando “Ku-kul-ka-na” e “Ko-et-tse-

tse-ve-ko-atl", contando sobre um missão a uma terra chamada "pôr do sol" e descoberta de tla-o-lee (a palavra asteca para milho). Eu reconheci o

correspondência para o maia Kukulcan e o asteca Quetzalcoatl, supostos divindades ou heróis da cultura centro-americanos de pele branca e barbas. Mas os dois nomes em uma única placa, e da América do Sul!

John Cole, então professor de antropologia no Hartwick College em Oneonta, Nova York, imediatamente atacou Fell do chão da conferência por usar artefatos da coleção de um homem “que é relativamente conhecido no Equador como alguém que está muito confuso sobre o que ele coleta, e espalhou a notícia de que comprará qualquer coisa se parecer impressionante.

Posteriormente, Cheesman me mostrou [Warren Cook] fotos adicionais que ele havia tirado das relíquias de Crespi que obviamente não se encaixavam nos parâmetros conhecidos da arqueologia andina. Visto que Cuenca, antigamente chamada de Tomebamba (Tumi-Pampa), ou “planície da faca” em quíchua, língua dos incas, funcionou como capital do norte do Império Inca sob três monarcas, não é um lugar improvável para antiguidades guardadas no passado milênios à superfície. Como minha especialidade [do antropólogo Warren Cook] é a história da cultura andina e tenho pesquisado a religião inca desde 1947, senti a responsabilidade de ver a coleção Crespi por mim mesmo e ter seus componentes significativos adequadamente fotografados em cores por Warren W. Dexter.

Dadas as dificuldades inerentes a fotografar e estudar a Coleção Crespi, bem como minha experiência andina e vantagem linguística, Cheesman e eu traçamos um plano de ação: uma visita semestral de três semanas a Cuenca acompanhada por Dexter. [Professor] Cheesman nos encontraria em Cuenca. Outro participante da conferência da Antiga Vermont, Charles Hepburn, tinha um amigo da Pensilvânia (Donald Rasmussen) com um contato em Cuenca (Alfonso Serrano), de quem ele pôde aprender detalhes atualizados sobre o estado de saúde precária do idoso Padre e acessibilidade atual da coleção.

No final de dezembro de 1977, Warren e eu [Cheesman] tínhamos reservas para Guayaquil quando recebemos um telefonema de Hepburn, que nos avisou que, por causa de sua fragilidade crescente, Crespi não tinha mais a chave dos quartos com a parte mais importante de sua coleção . A ligação de Serrano para Rasmussen, de Hepburn para Cook abortou nossa viagem - e salvou a vida de Cheesman, pois Paul cancelou sua própria reserva em um voo de Guayaquil para Cuenca, que, no final das contas, caiu contra o topo de uma montanha andina, matando todos em borda.

Nos meses que se seguiram, os relatos de Cuenca não melhoraram as perspectivas de acesso à polêmica assembléia. Chegou a notícia em 1979 de que o velho estava às portas da morte e a coleção em perigo de dispersão. A urgência de

gravar em filme colorido tudo o que restou tornou-se ainda mais imperativo. Por fim, sabendo apenas que Padre Crespi ainda estava vivo, Warren Dexter e eu chegamos a Guayaquil em 15 de junho de 1981.

Quatro horas de derrapagem temerosa em uma fulgoneta veloz, uma van cujo motorista parecia mais um piloto voando baixo, nos levaram através das nuvens, sobre a Divisória Continental e descemos para o vale requintado de Cuenca.

A cidade de Cuenca fica em um afluente do Amazonas em uma fértil bacia no alto dos Andes. É a movimentada capital da província de Azuay, e não muito longe de seu centro fica uma colina de topo plano chamada Puma Pongo (portão Puma), que tem fama de ser o local do palácio de Tupac Inca Yupanqui, o décimo Sapa Inca, ou governante Inca, que acrescentou o sul do Equador ao Tawantinsuyu (Império dos Quatro Cantos do Mundo). Seu filho, Huayna Capac, e seu neto, Atahualpa, nasceram lá. Com 2.576 metros (cerca de 8.000 pés), Cuenca é suficientemente alto para que respirar profundamente seja uma tarefa constante para os não acostumados.

Nosso modesto hotel ficava a menos de uma quadra do Museo del Banco Central, o museu provincial de propriedade e administrado pelo Banco Central do Departamento do Tesouro do Equador. Como logo soubemos, o Banco Central havia comprado a Coleção Crespi e tudo o que parecia valioso fora transferido para o museu local, onde o Diretor Licenciado Rene Cardozo e sua prestável equipe nos prestaram toda a assistência possível.

Na noite da nossa chegada, Alfonso Serrano estava doente, mas logo no dia seguinte sua esposa nos levou para conhecer o Padre Crespi. Nós o encontramos prontamente no confessionário com sua placa de identificação, logo à direita dentro da entrada da igreja de Maria Auxiliadora. O padre de noventa anos nos cumprimentou ansiosamente em um espanhol com forte sotaque italiano, separando-se de uma dúzia de homens e mulheres de todas as idades e classes sociais que se agrupavam ao seu redor. Quando saímos para a calçada, ele me agarrou pela lapela e divagou sobre as coisas que lotavam sua mente, o tempo todo concordando com um fluxo constante de pessoas que se aproximavam, se ajoelhavam e beijavam sua mão, dizendo: "Dame su bendicion, santo Padre." (Dê-me sua bênção, santo Pai.)

A senhora Serrano me apresentou como um professor norte-americano que viera estudar sua coleção, ao que respondeu com veemência: "Ai, eso me lo han

robado todo"! (Sim, eles me roubaram tudo isso!) Nem uma vez, nos quinze minutos seguintes, consegui direcionar a conversa para algo pertinente à sua coleção. O gentil velho tinha um brilho caloroso nos olhos - obviamente ele gostava de visitantes estrangeiros - e tinha uma voz robusta, mas era evidente que

a arteriosclerose nos roubou a chance de aprender qualquer coisa relevante com ele.

Mais tarde naquele dia, Richard Boroto, diretor da binacional Centro Cultural Abraham Lincoln, nos informou de que maneira o touro “atravessava o canteiro de ervilhas”, no que dizia respeito às autoridades locais. Procurando esses sábios, logo montamos um quadro patético para a história do Novo Mundo. Algumas de suas nuances podem nunca ser esclarecidas, mesmo para quem está mais próximo da cena. Mas o conhecimento dessas circunstâncias é crucial para avaliar a importância dos itens anômalos da coleção.

Carlo Crespi Croci nasceu em Legnano, perto de Milão, Itália, em 29 de maio de 1891, mas não em uma família de duques, como alguns disseram. Seu pai, Daniel, administrador de fazenda, se opôs à vocação sacerdotal do menino, mas sua mãe, Luisa, o apoiou. Terceiro entre treze filhos, aos cinco anos ele começou a ajudar um padre local. Em Milão e Turim frequentou escolas dirigidas pelos Salesianos, ordem fundada em 1856 por João Bosco para cuidar de adolescentes pobres e necessitados, usando um sistema de educação baseado na razão, na religião e na bondade. Esses valores que os Salesianos impregnaram são a chave para compreender o curso das preocupações posteriores do jovem Cario.

Aos quinze anos tornou-se noviço em Foglizzo (Turim) e foi ordenado em Verona aos vinte e seis. Quatro anos de estudo na Universidade secular de Pádua com uma tese em antropologia lhe deram um mestrado. Uma dissertação sobre um aspecto até então desconhecido da fauna de Padua rendeu-lhe o doutorado em ciências naturais em 1921. Ele então obteve o doutorado na mesma universidade em música e engenharia. Tudo isso ficaria evidente em suas realizações subsequentes.

Crespi veio ao Equador pela primeira vez em 1923, não como um missionário, mas para reunir dados científicos e artefatos para uma exposição missionária internacional a ser realizada em Roma em 1925 e 1926, material que ele posteriormente exibiu na cidade de Nova York de 1928 a 1929. Retornando ao Equador em 1926 e novamente em 1931, Crespi foi designado para uma missão salesiana em Macas, no Oriente, ou região amazônica do Equador. Sua passagem pela selva foi breve e, no ano seguinte, voltou definitivamente a Cuenca. Em 1933, ele começou o trabalho de cinco anos de construção do Instituto Cornelio Merchan, uma imponente escola primária e comercial para meninos de quatro andares. Ele se tornou seu primeiro diretor.

Crespi disse a um jornalista que seu impulso de criar um museu veio do fato de ter encontrado um caco de cerâmica antigo durante as escavações para a fundação de Cornelio Merchan. O mesmo entrevistador perguntou então: “É certo que, Padre Crespi, se vendem coisas que não têm valor científico? Que eles trapaceiam

tu?" A essas perguntas ele respondeu: "En soma, permitame. Esto no lo ponga. *Todavía, feno em Cuenca, feno muchos que tienen hambrey, el P. Crespi lo sabe. . .*" (Resumindo: permita-me. Não deixe isso de lado. Em Cuenca ainda há muita gente que passa fome e o Padre Crespi sabe disso ...)

"Quando meu pai faleceu na Itália", Crespi disse uma vez a um compatriota, "ele me deixou um legado, e eu não conseguia pensar em nenhuma maneira melhor de usá-lo do que resgatando seus antigos tesouros dos gananciosos comerciantes e do mercado negro".

Enquanto servia em Macas, Crespi havia filmado *Los Terribles Shuara de Alto Amazonas* (Os Terríveis Jivaros do Alto Amazonas). Como educador, ele se dedicou ao uso de filmes, importando cerca de quarenta deles. Ele gostava de explicar de antemão o que se esperava que seus pupilos percebessem. Ai do menino que ficou aquém das expectativas do Padre. Vigiano-os com um sino [de mão], não hesitava em bater na cabeça de qualquer rapaz que não se comportasse de maneira adequada.

Carlo Crespi era apaixonado por aprendizagem e criatividade. Seu ex-secretário, Padre Luis Flores-Haro, nascido em Imbabura (que começou a servir em Cuenca em 1951), conta como Crespi repetia continuamente: "Siempre quise que mis niños comprendan bien las cosas". (Sempre quis que meus meninos entendessem bem as coisas.) Crespi publicou inúmeras obras musicais de sua própria composição e formou a melhor banda do Equador; vários dos seus membros são actualmente ilustres componentes do Conservatório Musical de Cuenca. Ele é creditado por introduzir o domínio das habilidades na educação primária de Cuenca. Fundou a Escola Agropecuária (em 1931) em Yanuncay, subúrbio de Cuenca, e nas proximidades do Instituto Orientalista de Cuenca (1940), que prepara jovens para o ministério na região amazônica.

Em média, o Crespi precisava se preocupar em alimentar dois mil alunos diariamente. Ele também auxiliou inúmeras mães com filhos que o procuravam todos os dias em busca de meios de sobrevivência, prática que observamos [aluno e amigo do padre Crespi] que o Padre Flores-Haro ainda mantinha.

Em 1962, o Colégio Cornelio Merchan [onde Padre Crespi guardava sua coleção] foi totalmente destruído pelo fogo. Embora uma sala com alguns dos melhores da coleção tenha sido destruída, a maioria foi poupada na ala antiga que permanece até hoje. No local em ruínas,

Crespi e seus irmãos erigiram com o tempo a atual igreja de Maria Auxiliadora.

Padre Crespi nunca faltou reconhecimento local por suas realizações; O Equador concedeu-lhe uma medalha em 1935, e no mesmo ano o Ministério da Educação

deu a ele outra medalha. Em 1974, uma rua foi batizada em sua homenagem, como a nova escola sendo construída com recursos da venda de sua coleção para o Museu do Banco Central. Em janeiro de 1982, poucos meses antes de sua morte, a Itália lhe conferiu a Medalha de Mérito da República e Cuenca o declarou novamente seu filho adotivo.

Os atos bondosos de Crespi ao longo das décadas garantiram ao nonagenário um lugar seguro no coração das pessoas de todas as classes. Reza a lenda que nunca era tarde para bater à janela ao nível da rua dos aposentos do Padre para lhe pedir que saísse e administrasse a extrema-unção a alguém da sua paróquia. Seu quarto ficava perto da porta do pátio, e os parentes dos enfermos e moribundos vinham buscá-lo quando alguém precisava do sacramento da Extrema Unção para os moribundos. "Yo voy!" (Vou) respondia sempre, e momentos depois já se encaminhava, tendo sido seu hábito retirar-se vestido, deitado sobre os jornais espalhados sobre a cama.

Um motorista de táxi, ao nos ouvir falar sobre ele, disse que “todas as famílias de Cuenca vão querer acompanhá-lo até o túmulo”. O Dr. Ezequiel Clavijo, arqueólogo e legislador de Cuenca, disse-me: “Toda Cuenca irá transbordar de lágrimas no dia em que o Padre Crespi morrer. Certa vez, eu estava com ele quando uma mulher se aproximou com um objeto obviamente falso à venda, e ele tirou várias moedas da batina e comprou. Quando eu disse a ele que não tinha valor, ele disse: 'Eu sei, mas eles não têm outro meio de vida' ”. Um incidente semelhante foi relatado pelo Dr. Carlos Ramirez Salcedo, da Universidade de Cuenca, um dos Os arqueólogos mais respeitados do Equador.

Foi a inclinação caridosa do Padre por comprar tudo e qualquer coisa que lhe foi oferecida que levou ao destino que se abateu sobre a coleção. Os apologistas dizem que ele queria evitar que as fontes de relíquias valiosas secassem. Flores me disse que Crespi frequentemente dizia que sua compra de objetos potencialmente idólatras derivava de uma preocupação “de que as pessoas não os tivessem em suas casas e, portanto, eu os liberto do fetichismo”. Segundo Flores, inúmeros pequenos amuletos foram adquiridos ao longo dos anos, mas todos já tinham sido eliminados, “onde nunca serão encontrados”, informou-me com zelo.

Flores-Haro conta como Crespi, muito depois de terminados seus trabalhos sacerdotais, ficava acordado mais três ou quatro horas lendo história e arqueologia. A partir desse estudo e da aparência egípcia, babilônica e fenícia de alguns dos objetos da coleção, décadas atrás Crespi chegou à convicção de

que houve antigos contatos do Mediterrâneo com o Equador. Quanto mais suas opiniões encontravam resistência, mais dogmático ele se tornava sobre

o assunto ao guiar os visitantes por sua coleção.

A opinião consensual dos arqueólogos equatorianos era que os artesãos cuencanos, sempre notados por sua habilidade e inventividade, começaram a trazer para o Padre objetos especialmente elaborados para atender sua predileção. Muitas toneladas de pedras esculpidas, grandes pilhas de folhas de metal em relevo, 1.300 pinturas, numerosas estátuas policromadas e incontáveis peças de cerâmica, inteiras e em fragmentos, obstruíram as operações da escola entupindo salas, revestindo sacadas e pátios com lixo.

Óbvio para todos, até para o próprio Crespi, muito de seu tesouro era de fabricação recente. As coisas pioraram quando o livro de Erich von Däniken O Ouro dos Deuses (1972) alegou que as relíquias mais estranhas de Crespi vieram de uma extensa rede de túneis empilhados com duas a três mil placas de metal com inscrições antigas, na província de Morona-Santiago, não muito ao leste de Cuenca, mas de difícil acesso. Juan Moricz, um húngaro naturalizado argentino, teria tropeçado com eles em 1965, e von Däniken alegou ter sido levado para lá em 1972. Após a publicação de O ouro dos deuses, disse Flores, muitos estrangeiros visitaram Maria Auxiliadora para ver o Padre Crespi que se tornou um incômodo.

Posteriormente, uma expedição apoiada pelo governo não conseguiu encontrar nada de importante na Cueva de los Tayos, o local suspeito. Conversei com o arqueólogo cuencaniano Juan Cordero Yniguez, que tinha estado em Los Tayos e não viu nada que justificasse dar mais atenção à caverna repleta de esterco de pássaro. Outros afirmam que Moricz, que em 1981 ainda vivia em Zamora, nunca revelou a caverna em questão. Mas a decepção oficial destruiu o entusiasmo local e, em Cuenca, von Däniken é considerado um mentiroso e fantasista.

Em março de 1979, Crespi foi atingido por uma doença, recebeu a última cerimônia e por um tempo ficou perto da morte. A constituição do velho era forte, no entanto, e uma operação de próstata acabou por colocá-lo de pé. No entanto, uma decisão foi tomada enquanto ele estava desamparado e, em janeiro de 1980, a implementação começou. Por 13.000.000 sucres (\$ 433.000), o Museo del Banco Central comprou a Coleção Crespi com a opção de selecionar ou rejeitar conforme seus especialistas considerassem adequado. Com o dinheiro arrecadado, os Salesianos constroem agora uma nova escola, com o devido nome em sua homenagem. Mas o dinheiro já se esgotou, segundo o Padre Flores-Haro, e serão necessários US \$ 200 mil para terminar a planta física

básica. A escola Carlo Crespi acomodará prontamente os 640 meninos agora nas séries primárias, mas seriam necessários US \$ 66.000 adicionais para construir um segundo

história em uma ala para uma galeria para exibir apropriadamente o que resta da coleção do padre.

Quando o processo de seleção começou em fevereiro de 1980, da melhor forma possível, o velho padre foi impedido de ver seus “tesouros” removidos, mas às vezes “se puiu bravo” - ele ficava furioso. A classificação tinha que acontecer atrás de portas trancadas para evitar que ele interrompesse. A poeira pairava espessa no ar enquanto fileiras de potes incas do alto do teto, estátuas com bainhas de metal e placas em relevo eram baixadas até o chão. Os participantes neste trabalho afirmam que ainda não conseguem se livrar de doenças respiratórias que datam da experiência.

Especialistas foram nomeados para separar o joio do trigo: Dr. Gustavo Reinoso Hermidia de Cuenca e Dr. Olaf Holm, Diretor do Museu do Banco Central de Guayaquil, eram os arqueólogos encarregados de separar a cerâmica e a pedra, respectivamente. Cerca de um terço das cerâmicas se mostraram valiosas, pela estimativa de Reinoso. Eles abrangem todos os períodos equatorianos, exceto o primeiro - Valdivia - e incluem centenas de exemplos verdadeiramente soberbos. Cerca de 8.000 peças mais incontáveis fragmentos foram transferidos para o Museo para catalogação, armazenamento e eventual exposição. Cerca de 1.300 pinturas - do século IX ao colonial - foram removidas para o mesmo repositório, bem como numerosas estátuas religiosas policromadas de todos os tamanhos, todas da Coleção Crespi.

Exceto por cerca de oito assentos de pedra gigantes de Mante, alguns encostos de cabeça e talvez uma dúzia de outras peças impressionantes, o saldo do material lítico - muitas, muitas toneladas - foi considerado inútil. Nisto todas as autoridades locais parecem ter concordado, uma vez que centenas de pedras foram dispensadas de corredores congestionados e salas de aula em potencial. Os Salesianos optaram por dá-los a todo e qualquer comprador. O Dr. Reinoso contou-me que certa ocasião, ao entrar em um pátio, viu cimento fresco sendo derramado sobre uma área preenchida com pedras esculpidas. As centenas de placas de metal em relevo rejeitadas e objetos metálicos tridimensionais foram movidos para o sótão do quarto andar da velha escola.

Essa foi a situação que nosso fotógrafo, Warren Dexter, e eu encontramos ao chegar em Cuenca. Ver a soberba cerâmica pré-colombiana, pinturas valiosas, escultura policromada e as poucas pedras notáveis no Museu do Banco Central imediatamente aumentou nosso respeito por Crespi como colecionador e preservador de arte.

Alegadamente, nada foi levado para Quito. As autoridades do museu não tinham conhecimento do paradeiro de outros objetos de pedra, metal ou cerâmica deixados para trás e receberam bem nossos esforços de investigação, colaborando em todos os sentidos.

Pelo museu, fomos apresentados ao Padre Flores-Haro no dia 22 de junho e fomos escoltados até o sótão do quarto andar, onde os restos de objetos de metal e cerâmicas deixados pelos técnicos do Banco Central foram espalhados em total desordem. Dexter teve tempo para apenas algumas fotos gerais, que, quando impressas mais tarde, mostrariam uma série de peças significativas que escaparam de nossa atenção em tais circunstâncias apressadas. Então, de seus próprios aposentos, Flores-Haro trouxe para o pátio três dos objetos, que ele disse que Crespi mais valorizava:

1. Uma placa do zodíaco com uma grade de cinquenta e seis símbolos gravados em uma folha oblonga de 51 por 13 polegadas de liga de cobre notavelmente não oxidada, que Fell considera escrita paphiana acompanhando os signos do zodíaco correspondentes.
2. Uma placa piramidal retangular gravada no mesmo tipo de liga polida e com um painel de letras na base da pirâmide que Fell identifica como escrita neopúnica fenícia, mas que se traduz significativamente em quíchua, um dialeto do Equador.
3. Um grande jarro de cerâmica preto acastanhado com símbolos identificados por Fell como cipriota, mas com tradução significativa em quíchua.

Quanto às centenas de pedras doadas, nenhum registro foi mantido, mas

Flores-Haro lembrou alguns dos destinos:

1. Cuartel Cayambe de Cuenca, uma base militar bem guardada
2. A impressionante nova fábrica de móveis multimilionária da Artipracticas em Zuchay, não muito ao sul de Cuenca
3. Colegio Agronomica Salesiana
4. Colegio Orientalist Salesiano em Yanuncay, um subúrbio ao sul de Cuenca
5. Colegio Nacional Kleber Franco Cruz, na distante Machala, perto da fronteira com o Peru (para onde um grande caminhão foi levado quando dois professores de ciências lá, ex-alunos do Crespi, souberam que estavam sendo doados

Enumerar essa lista é fácil em retrospecto, mas extraí-la dos informantes, encontrar, obter acesso e fotografar as pedras assim localizadas envolveu semanas de trabalho de detetive desordenado, diplomacia e viagens. Houve até uma perseguição de ganso selvagem envolvendo vinte e uma horas em um ônibus em um incrivelmente tortuoso,

estrada esburacada e lamacenta ao longo de três cordilheiras andinas sucessivas até um inexistente Colégio San Juan Bautista em Loja. Com a ajuda de várias pessoas muito gentis, verificamos que não há probabilidade de nenhuma das escolas de Loja ter uma das pedras de Crespi, e essa trilha específica é fria.

Os outros destinos de renome, no entanto, valeram a pena. Uma vez em Cayambe zelosamente guardada, encontramos cerca de quarenta esculturas grandes, muitas delas monstruosas em sua concepção demoníaca. Descontando várias confecções obviamente modernas de madeira, cimento e gesso de paris, a maior parte do restante em sua força feia, mas vigorosa, sugere ídolos descritos em *Extirpation de la Idolatria* de Jose de Arriaga (Lima, 1611), que descreve uma época em que padres no Peru Ficaram consternados ao encontrar tais estátuas secretamente construídas em capelas cristãs ou escondidas nas profundezas de câmaras subterrâneas onde ainda recebiam adoração de culto xamanístico. Após consultar escultores de pedra que trabalham perto de Cuenca, aprendemos que entalhes de tamanho semelhante exigiriam um mínimo de três semanas cada para serem concluídos por um artesão. Cada um é único, embora grotesco,

O proprietário da fábrica Artepracticas em Zuchay, supostamente um dos indivíduos mais ricos do Equador, selecionou para uma exposição planejada um grupo particularmente interessante de pedras grandes e planas com padrões de grade retangulares, cada quadrado contendo caracteres semelhantes aos de placas de metal e capacetes não conseguimos localizar, mas que havia sido traduzido por Fell das fotografias de Cheesman. As pedras da coleção Crespi sem dúvida migraram para outro lugar na diáspora de 1980 e podem aparecer no devido tempo, especialmente se houver publicidade local quanto à sua importância potencial.

Havia menos interesse em tirar de Maria Auxiliadora o constrangimento da escola pelos objetos metálicos. Várias placas enormes, reconhecidamente falsas, foram usadas para cobrir um quiosque. Com exceção de algumas placas de metal no Colegio Agronomico, o resto que vimos estava no sótão do quarto andar, para o qual Warren e eu fomos admitidos uma segunda vez na véspera de nossa partida, e apenas em resposta ao meu argumento de desespero por partir sem ter tido oportunidade de avaliar o acúmulo.

Em uma sala do sótão, encontramos uma dezena de peças fundidas de bronze, algumas delas reconhecíveis por fotos de Cheesman, que Fell sugeriu

serem antigas cópias fenício-cipriotas de motivos religiosos e históricos de várias civilizações anteriores do Oriente Médio, fabricadas como presentes comerciais para clientes estrangeiros. Pode-se retratar Cleópatra, mordida no peito por uma asp (o que implica uma data posterior a 30

BCE); outro pode ser Davi carregando a cabeça decepada de Golias (uma amolgadela na sobrancelha monstruosa apóia tal interpretação). Um retrata um gênio com cabeça de pássaro sírio (Nisroch) e a Árvore da Vida. Acompanhando as placas de bronze, fundidas pelo processo de cera perdida, estão várias fundições em bruto dos mesmos motivos. Pelas superfícies esburacadas e imperfeições, bem como pela fusão de motivos de várias culturas distintas, suspeito que sejam de artesanato local, mostrando a dificuldade de emular uma técnica tão complicada sem instrução de primeira mão, guiada apenas pela observação das importações.

Dos objetos empoeirados espalhados pelo chão de um cômodo, o Padre Flores-Haro ergueu um pequeno aro que tanto valorizava, a coroa incrustada de esmeralda e ouro da imagem de Maria Auxiliadora, tão danificada pelo incêndio de 1962 que apenas a memória pessoal do Padre o teria distinguido da outra desordem.

Vimos as fantásticas estátuas com bainhas de metal descritas por Hugh Fox e Pino Turolla: o homem de armadura com dentes falsos modernos e uma besta de cauda curva, pela qual, Flores-Haro me assegurou com pesar, Crespi pagou o equivalente a cinco mil dólares— ainda obviamente inútil. Flores-Haro nomeou o fabricante, um artesão Azuay ainda vivo.

Crespi mostrara ao compatriota Pino Turolla uma gaveta cheia de pinturas que o frade afirmava serem de antigos mestres: Leonardo, Rafael, Cimabue, Botticelli e Tintoretto - quarenta ou cinquenta delas, e pelo que Turolla pôde perceber, eram genuínas. Quando questionado sobre como eles foram parar em sua posse, Crespi respondeu: “Minha ordem é uma das mais antigas da Itália. Muitos de nossos fundadores eram filhos de grandes famílias italianas - famílias que datam da Renascença e de antes. Suas famílias tinham essas pinturas. Mas os tempos eram muito difíceis na Itália naquela época, e eles foram reunidos por nossa ordem e trazidos aqui para custódia ”.

O italiano Padre Virgilio Berassi, do Instituto Orientalista Salesiano de Cuenca, ao ser questionado sobre isso, disse-me que nunca viu Velhos Mestres, mas Crespi gostava de fazer reivindicações tão selvagens e nunca deixava que os visitantes chegassem muito perto de nenhum de seus tesouros. Crespi chamou muitas das peças de metal de “ouro” e trouxe-as uma de cada vez, mas nunca deixou ninguém sequer as pesar. Numerosos objetos fotografados por estrangeiros e supostamente de ouro revelaram-se, após nossa inspeção, de liga polida - presumivelmente de cobre. Estes

contrastavam notavelmente, no entanto, com a superfície muito manchada de peças de design rudimentar, algumas das quais traziam, no verso e em inglês, a marca registrada recozida do fabricante moderno.

Um famoso artista representado na coleção Crespi foi Francisco de Goya, por uma tapeçaria tecida em Madrid a partir de uma de suas primeiras pinturas; o Museo o avalia em dez mil dólares. As telas de Crespi, com poucas exceções, parecem ter sido pintadas na América por artistas pouco conhecidos, embora muitas vezes de qualidade considerável. Na década de 1960, ele foi oficialmente impedido de enviar uma coleção de telas coloniais para a Itália, provavelmente para venda para sustentar sua amada escola. Restaurados com perícia, eles são agora o orgulho da Casa de Cultura de Cuenca.

Nenhuma acusação foi feita contra o Padre, e nossas investigações revelaram que, antes do incidente, a atitude do governo em proteger essas coisas não era tão sensível quanto agora, e pinturas antigas não restauradas eram freqüentemente compradas e levadas para o exterior sem obstáculos.

O velho frade tinha um discurso padrão. Os visitantes ouviriam como um dos faraós deixou o Egito e viajou até o Amazonas para se estabelecer no sul do Equador. Indagando ao redor, Turolla foi informado de que Crespi havia coletado "livros e fotos de culturas egípcias, fenícias e de outras culturas do Velho Mundo, dado aos nativos, e disse: 'Se você encontrar algo assim, traga para mim e eu irei recompensá-lo.' "O padre superior em Cuenca, Pedro Lova, confessou a Turolla que a " coleção volumosa e sempre crescente de Crespi e suas estranhas idéias eram um embaraço para ele e para a ordem ". A partir da vasta quantidade de itens obviamente falsos, Turolla concluiu que Crespi "estava vivendo em um mundo de sonhos de sua própria criação". Autoridades de Cuencan, antes de nossa visita, estavam convencidos de que os objetos anômalos de Crespi provavelmente foram copiados de ilustrações de fontes estrangeiras. Mas, desde a época de Turolla, a estima local pela qualidade de grande parte do material de sua coleção havia melhorado muito. O fato de muitos tesouros andinos autênticos estarem misturados à escória é atestado pela soberba seleção agora em posse do Museu do Banco Central, pelo qual o governo estava disposto a pagar \$ 433.000.

Apesar da opinião de Fox, Turolla e de Cuencan anterior, algumas das relíquias únicas de Crespi devem ser consideradas autenticamente antigas com base em evidências internas. Quem no Equador seria capaz de falsificar inscrições em cipriota ou fenício, para as quais não existem fontes publicadas conhecidas? Que o Padre os tenha obtido da Europa é improvável, considerando que alguns deles traduzem em quíchua. As muitas placas grandes em Zuchay com letras cipriotas reconhecíveis dentro de grades são tão pesadas

que desconsideram a teoria de importação moderna. A inferência é que, em algum momento do passado, os artesãos andinos tiveram acesso ao conhecimento de uma variedade de escritas mediterrâneas.

Parece que os navegadores do primeiro milênio AEC tinham contato comercial com soberanos nativos da região de Cuenca, sendo seu objetivo provável o ouro abundante naquela área. A data da placa Masinissa, 148 aC, corresponde arqueologicamente a um tipo de cerâmica equatoriana lindamente decorado, chamado Cero Narrio, sobre cuja cultura e estrutura política pouco se sabe, já que precedeu de muito as tradições Canari e Inca.

No último dia do tempo que tínhamos disponível para pesquisa em Cuenca, a Placa Masinissa ainda não havia surgido. O Padre Flores-Haro não se lembra de tê-lo visto, mas tanto o Dr. Gustavo Reinosa quanto o Dr. Benigno Malo, editores da Revista de Anthropologia, lembram-se de comentar sua qualidade egípcia, embora a considerassem completamente anacrônica, e todas as chapas “ só vale a pena derreter. ” Agora, na véspera da nossa partida, com a bênção do Padre Flores-Haro, Reinosa se entusiasmava em vasculhar o sótão do quarto andar em busca da placa. Se ainda estava lá, ele tinha certeza de que poderia encontrá-lo.

Em Quito mostramos nossas estampas coloridas das Coleções Crespi ao arquiteto Hernan Crespo Toral, diretor nacional dos museus do Banco Central. Ele também se lembrava de ter visto a placa Masinissa - o tamanho e a forma, com seu orifício, de uma parte de trás de um mata-borrão de mesa arredondada de sete por dezoito centímetros. Embora seja único, ele tinha certeza de que muitos semelhantes haviam sido fabricados como presentes para os médicos de Cuenca no início do século atual, e um acabou entre os artefatos de Crespi. Quanto a como poderia suportar três tipos de escrita exótica, mas traduzível, ele não demonstrou nenhuma preocupação real, recaindo sobre as garantias de suas autoridades de que todos os objetos de Crespi não selecionados para o museu eram de fabricação recente.

O porta-mata-borrão moderno de um estudioso é a proclamação trilingue de outro de impressionante importância histórica! E então o próprio artefato se perde! Ambos os homens têm integridade. Onde está a verdade? Sem informá-lo da importância de sua resposta, liguei para Paul Cheesman ao retornar a Vermont e pedi-lhe que relembresse o tamanho da Placa Masinissa. Sua resposta: tinha aproximadamente dez por dezoito polegadas de tamanho, com um orifício de uma polegada e meia. O entendimento de Cheesman era que Crespi sabia o nome do homem em cuja fazenda ela fora

encontrada; que ele o tinha transformado em um mata-borrão e, com a morte do homem, ficou com o Padre.

Nem pudemos localizar a estela do elefante fotografada por J. Manson Valentine e publicada por Charles Berlitz (1972). Crespi disse que foi encontrado durante

construção do aeroporto de Cuenca. Ele trazia a escrita líbia do melhor estilo, que se traduz como: "O elefante que sustenta a terra e, portanto, é a causa do terremoto". Não há dúvida de que ela já existiu e que qualquer pessoa no Equador poderia tê-la falsificado é uma questão de credulidade.

Em certa medida, o desmembramento da Coleção Crespi decorre da conduta zelosa do Padre. Ele estava ansioso para que investigadores estrangeiros tirassem fotos, mas raramente exibia a mesma peça importante duas vezes. Por causa dos itens falsos, os arqueólogos profissionais não prestaram atenção nele. A julgar por seu tratamento cauteloso com nossos predecessores, se tivéssemos chegado em 1978 como planejado originalmente, provavelmente não teríamos nos saído melhor. Em 1981 o Padre Flores permitiu-nos tirar cuidadosas fotografias a cores, embora durante um tempo muito limitado. Chegamos tarde demais para ver alguns dos outros artefatos significativos de Crespi, que podem estar perdidos para sempre.

Parece que há muitos anos Crespi concluiu que suas peças favoritas eram genuínas e de derivação do Mediterrâneo antigo, mas desenterradas localmente. Homem de conhecimento impressionante, percebeu que seus tesouros refletiam algum tipo de contato com o Velho Mundo. Convencido disso, merecidamente, e com a perspectiva de que mais evidências deveriam estar disponíveis, ele começou a prática de coleta indiscriminada na crença de que mantinha suas fontes fluindo e realmente servia a seus paroquianos, enquanto os livrava de objetos que julgava idólatras.

Seu comportamento astuto e astuto tantalizava os estudiosos estrangeiros, mas impedia uma inspeção cuidadosa do que valia a pena. Como conseqüência, todos começaram a duvidar de seu julgamento. Antes que o padre idoso estivesse disposto a desistir de sua concha mortal, a doença soltou seu controle sobre o incrível acúmulo. Somente o que se enquadrou no atual paradigma consensual da história cultural andina foi levado à custódia do governo. Muito do resto foi espalhado ao vento.

Dia após dia, o proprietário e funcionários da Foto Ortiz de Cuenca graciosamente interromperam sua rotina normal e ocupada para revelar as fotos de Warren Dexter em poucas horas, o que me ajudou muito a demonstrar aos cientistas equatorianos que partes da coleção deixadas para trás pelo Museo del O Banco Central ou espalhado por todos os lados merecia proteção até que fosse estudado. Suas impressões coloridas aumentaram o nível de conscientização sobre o assunto entre os sábios locais e se tornaram um fator em sua percepção em evolução do passado remoto do Equador.

Vale a pena o plano do Padre Flores-Haro de uma galeria na nova escola para expor as relíquias de Crespi que permanecem nas mãos dos salesianos. Esperançosamente, encontrará o apoio monetário que merece, mas Flores-Haro foi posteriormente nomeado diretor da

a escola Dom Bosco na longínqua Quito, onde fixou residência em agosto de 1982, enfraquecendo ainda mais a ligação entre os artefatos anômalos e seu passado.

O Museu do Banco Central planeja escavar Puma Pongo, local do palácio inca em Cuenca, e construir um museu lá para armazenar, estudar e exibir o que comprou dos Salesianos. Tal escavação, se completa, seria muito valiosa. A localização física ideal de Tomebamba foi apreciada pelos monarcas incas, e as escavações ali prometem revelar muito sobre seus predecessores, que presumivelmente também teriam aproveitado a colina proeminente.

A Crespi não foi a primeira a adquirir em Cuenca artefatos de metal do estilo exótico em questão, como mostra um programa da BBC exibido na TV Educacional Americana na primavera de 1981, *Treasures of Buckingham Palace*, que incluía uma coroa supostamente de ouro muito semelhante em aspecto a um exemplo da Crespi. O gabinete do Lord Chamberlain confirma que foi um presente do presidente Gabriel Garcia Moreno em 1854, e supostamente escavado em Cuenca. Um único artefato comparável encontrado amanhã em uma competição arqueológica poderia justificar a percepção de Carlo Crespi, se não seu julgamento.

É evidente que o velho Padre havia adquirido alguns dos objetos mais anacrônicos da arqueologia do Novo Mundo. Que foram desenterrados em ou perto de Cuenca - antigo Tomebamba - parece muito provável. Ainda disponíveis ou conhecidos apenas por meio de fotos, eles abriram um pouco mais uma porta que foi fechada quando Roma destruiu Cartago e subjugou os egípcios-líbios, obscurecendo um pedaço significativo de conhecimento do passado.

Como o taxista previu, dezenas de milhares de cuencanos de todas as idades e condições sociais participaram da vigília que se seguiu à morte do amado padre em uma sexta-feira até seu funeral no domingo. A preocupação duradoura de Carlo Crespi era com os menos afortunados da sociedade. Em sua doença final, sufocando com pneumonia e sua voz reduzida a um gemido, ele ainda repetia ansioso: "No dejen llorar a los ninos. Donde esta el nino que llora? Ayuden a los ninos que sufren. " (Não deixe as crianças chorarem. Onde está uma criança chorando? Ajude as crianças que sofrem.) Não é como um antiquário que Padre Crespi será lembrado no Equador, mas como um homem santo, um pastor nunca muito ocupado ou muito ocupado cansado de atender às necessidades de seu humilde rebanho.

NOTAS DE RODAPÉ

Capítulo 1

* 1 Não é seu nome verdadeiro.

Capítulo 4

* 2 Buckminster Fuller inventou uma cúpula geodésica autoportante, que se tornou o nome de uma nova geração de compostos de carbono com uma estrutura semelhante chamada de fulerenos.

capítulo 5

* 3 Não é seu nome verdadeiro.

Capítulo 9

* 4 Da Biblioteca de História.

BIBLIOGRAFIA

Besant, Annie e Charles W. Leadbeater. Homem, de onde, como e para onde.
Adyar: The Theosophical Press, 1913.

Cathie, Bruce. The Energy Grid, Harmonic 695, The Pulse of the Universe.
Kempton, Ill .: Adventures Unlimited Press, 1997.

Childress, David Hatcher. Cidades perdidas e mistérios antigos da América do Sul.

Kempton, Ill .: Adventures Unlimited Press, 1988.

_____. Aeronaves Vimana da Índia Antiga e Atlântida. Kempton,
Illinois:

Adventures Unlimited Press, 1998.

Rig Veda. Seleccionado, editado e anotado por Wendy Doniger
O'Flaherty. Nova York: Penguin Classics, 1981.

Pastor, Aaron. Savitri. Park Ridge, Ill .: Albert Whitman and Company,
1992.

Sigma, Rho. Tecnologia Ether. Kempton, Ill .: Adventures Unlimited
Press, 1966.

Van Nooten, Barend A. The Mahabharata. Nova York: Twayne
Publishers, 1971.

Zaehner, RC Hindu Scriptures. Editado por Dominic Godall. Berkeley:
University of California Press, 1996.

Richard Wingate



[Richard Wingate](#) viajou o mundo investigando Atlantis e outros mistérios antigos. Ele viaja pelos Estados Unidos e Canadá dando palestras sobre seu filme, Atlantis nas Bahamas, e mora em Baltimore, Maryland.

Sobre Tradições Internas • Bear & Company

Fundada em 1975, [Tradições Internas](#) é uma editora líder de livros sobre culturas indígenas, filosofia perene, arte visionária, tradições espirituais do Oriente e do Ocidente, sexualidade, saúde holística e cura, autodesenvolvimento, bem como gravações de música étnica e acompanhamentos para meditação.

Em julho de 2000, a Bear & Company juntou-se à Inner Traditions e mudou-se de Santa Fé, Novo México, onde foi fundada em 1980, para Rochester, Vermont. Together Inner Traditions • Bear & Company têm onze selos: Inner Traditions, Bear & Company, Healing Arts Press, Destiny Books, Park Street Press, Bindu Books, Bear Cub Books, Destiny Recordings, Destiny Audio Editions, Inner Traditions en Español e Inner Tradições Índia.

Para mais informações ou para navegar por nossos mais de mil títulos impressos, visite www.InnerTraditions.com.

LIVROS DE INTERESSES RELACIONADOS

Atlantis e 2012

A Ciência da Civilização Perdida e as Profecias dos Maias, de
Frank Joseph

Sobreviventes da Atlântida

Seu impacto na cultura mundial
por frank joseph

Atlântida e o reino dos neandertais

100.000 anos de história perdida
por Colin Wilson

Atlântida e os ciclos do tempo

Profecias, tradições e revelações ocultas
por Joscelyn Godwin

A Civilização Perdida da Lemúria

A ascensão e queda da cultura mais antiga do mundo
por frank joseph

A Destruição da Atlântida

Evidência convincente da queda repentina da civilização lendária,
de Frank Joseph

História Proibida

Tecnologias pré-históricas, intervenção extraterrestre e o suprimido
Origens da Civilização
Editado por J. Douglas Kenyon

Ciência Proibida

De Tecnologias Antigas à Energia Livre
Editado por J. Douglas Kenyon

TRADIÇÕES INTERNAS • URSO E EMPRESA

PO Box 388

Rochester, VT 05767

1-800-246-8648

www.InnerTraditions.com

Ou contacte o seu livreiro local

Bear & Company One Park Street
Rochester, Vermont 05767
www.BearandCompanyBooks.com

Bear & Company é uma divisão da Inner Traditions International
Copyright © 2011 por Richard Wingate Todas as fotos são de
autoria do autor, salvo indicação em contrário.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser
reproduzida ou utilizada de qualquer forma ou por qualquer meio,
eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por
qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações,
sem a permissão por escrito do editor.

**Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do
Congresso** Wingate, Richard, 1933– Atlantis na Amazônia:
tecnologias perdidas e os segredos do tesouro de Crespi / Richard
Wingate.

p. cm.

Inclui referências bibliográficas.

eISBN-13: 978-1-59143978-3

1. Atlantis (lugar lendário) 2. Crespi, Carlos, 1891–1982 — Coleções
etnológicas. 3. Equador - Antiquidades. I. Título.

GN751.W568 2011

398,23'4 — dc22

2011007179

Para enviar correspondência ao autor deste livro, envie uma carta de
primeira classe ao autor c / o Inner Traditions • Bear & Company, One
Park Street, Rochester, VT 05767, e encaminharemos a comunicação.

Edição eletrônica produzida por
ePubNow!



www.epubnow.com
www.digitalmediainitiatives.com